

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

HENLLYGER ESTEVAM DAVID COSTA

**O PERFIL BIOGRÁFICO DE ALZIRA LOPES: UMA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL
VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS (1963-1993)**

CURITIBA

2022

HENLLYGER ESTEVAM DAVID COSTA

**O PERFIL BIOGRÁFICO DE ALZIRA LOPES: UMA TRAJETÓRIA
INTELECTUAL VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS (1963-1993)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Dr.^a Evelyn de Almeida Orlando.

CURITIBA

2022

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Margareth Jansson Zanetti – CRB 9/1117

Costa, Henllyger Estevam David

C837p O perfil biográfico de Alzira Lopes : uma trajetória intelectual voltada para
2022 A educação das famílias (1963-1993) / Henllyger Estevam David Costa ;
orientador: Evelyn de Almeida Orlando. – 2022.

177 fl. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2022

Bibliografia: fl. 167-177

1. Educação. 2. Lopes, Alzira. 3. Pais e filhos. 4. Crianças – Formação.
5 Ensino básico domiciliar. 6. Educação feminina. I. Orlando, Evelyn de
Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 370

Dedico aos que dão sentido a minha
trajetória

AGRADECIMENTOS

Percorrer este caminho formativo se deu de modo desafiador e em muitos momentos desesperador. Agradeço a Deus pela vida e por em vários momentos colocar em meu caminho pessoas e sentimentos que me fizessem continuar insistindo na escrita desse trabalho.

Agradeço à minha família, aos meus avós que me motivam e inspiram, à minha mãe que é a luz da minha vida e ao meu irmão por me ajudar sempre que precisei, principalmente quando não conseguia utilizar algum *software* (tecnologia não é o meu forte, ainda bem que pude contar com um *designer*).

Agradeço aos meus sogros e ao meu esposo, que estava sempre ao meu lado ouvindo minhas angústias, apoiando-me em todos os momentos e sendo meu refúgio nas horas difíceis.

Enfim, agradeço a toda minha família, que de algum modo contribuiu para que este dia chegasse: Tio Clegier e Tia Areadne, que mesmo estando longe me incentivaram e torceram por mim; Tia Cleanir e Tio Luiz, pelo incentivo quando eu ainda estava no ensino fundamental e pelos lanchinhos preparados com tanto carinho.

À minha orientadora, pela paciência, inspiração e, acima de tudo, pela sensibilidade que teve comigo neste percurso de quase 10 anos de formação.

Ao meu grande amigo Leandro, que em muitos momentos foi a base necessária para que eu não desistisse deste título. À Laís e ao Lucas, pelas mensagens motivacionais e pelos incentivos.

Aos professores e funcionários do PPGE, que sempre se demonstraram solícitos. Agradeço à Marlene, Presidente da *Escola de Pais* de Curitiba, pelo acesso ao acervo da Instituição.

Às políticas públicas, que me proporcionaram financiamento e acesso à educação de qualidade, influência suficiente para que eu me tornasse uma pessoa comprometida e empenhada em discutir melhores condições educacionais na esfera pública.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

(Madre Teresa de Calcutá).

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o projeto de educação familiar veiculado por Alzira Camargo Lopes a partir de sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e em seus escritos publicados entre os anos de 1987 a 1994, atentando, especialmente, para a contribuição da intelectual no campo educacional do Brasil. O recorte temporal da pesquisa foi estabelecido a partir da abertura da *Escola de Pais* do Brasil em 1963 e, com base nas fontes localizadas, traçamos como a intelectual Alzira Lopes mobilizou o capital simbólico e cultural da referida instituição para colocar em circulação saberes endereçados à educação das famílias. Como foco privilegiado desta discussão, tomamos por base seus livros: *Pais educando para os anos 2000*; *Como ter um filho sadio e feliz*; *Casa de pais, escola de filhos* e *Como viver feliz os 100 anos*, analisados no decorrer desta pesquisa, como parte do projeto educacional que encampou ao longo de sua vida pública, tendo como tema privilegiado a vida privada. Esses livros serviram como orientação para as mulheres atuarem de forma exitosa na educação e no direcionamento de suas famílias. Do ponto de vista metodológico, essa investigação está ancorada na perspectiva da História Cultural. Utilizamos como método a análise documental, entendendo o documento tal como Jacques Le Goff (1990) o define, e ainda como referencial teórico. Para pensar Alzira Lopes a partir da História Intelectual, apoiamos-nos em Robert Darnton (1989). A partir das obras aqui analisadas, pudemos perceber um ideário pedagógico e um conjunto de saberes produzidos e endereçados às famílias brasileiras por Alzira Lopes, uma intelectual da educação, reconhecida por seus pares como tal, uma agente competente no campo da produção e da mediação cultural, uma mulher que esteve à frente da *Escola de Pais* do Brasil, a partir de onde estabeleceu redes importantes com outros intelectuais e articulou uma educação fortemente calcada nos princípios do catolicismo às contribuições do campo científico.

Palavras-chave: Alzira Camargo Lopes; Escola de Pais do Brasil; Intelectual Católica; Educação Feminina. Educação das famílias.

ABSTRACT

This research aimed to understand the female education project conveyed by Alzira Camargo Lopes, based on her work at *Escola de Pais do Brasil* and in her writings published between 1987 and 1994, paying particular attention to the contribution of this intellectual in the educational field in Brazil. The time frame of the research was established from the opening of the *Escola de Pais do Brasil* in 1963, from which we traced from the sources located how the intellectual Alzira Lopes mobilized the symbolic and cultural capital of that institution to put itself into circulation. As a privileged focus of this discussion, his books: *Parents educating for the 2000s*; *How to have a healthy and happy child*; *Parents' home, children's school and How to live happily at 100 years*, analyzed during this research, represented the need for training for women to act successfully in the education and direction of their family. From a methodological point of view, this investigation is anchored in the perspective of Cultural History. We use document analysis as a method, understanding the document as Le Goff (1990) defines, we also use Darnton (1989) as a theoretical reference to think about Alzira from Intellectual History. From the works analyzed here, we were able to perceive a pedagogical ideology and a set of knowledge produced and addressed to Brazilian families and we highlight the presence of an intellectual of education, recognized by her peers as such, a competent agent in the field of production and mediation. cultural, a woman who played the political game, established important networks with other intellectuals, articulated an education strongly grounded in the principles of Catholicism to the contributions of the scientific field.

Keywords: Alzira Camargo Lopes; *Escola de Pais do Brasil*; Catholic Intellectual; Women's Education; Family Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alzira Camargo Lopes.....	26
Figura 2 – Alzira Lopes com participantes da <i>Escola de Pais</i> do Brasil	33
Figura 3 – Imagem presente no texto redigido por Alzira para comemoração do Dia das Mães	36
Figura 4 – Texto escrito por Lopes para anunciar às diferentes seccionais o falecimento de seu marido	37
Figura 5 – Alzira Lopes em palestras promovidas pela <i>Escola de Pais</i> do Brasil	45
Figura 6 – Alzira Camargo Lopes e Charbonneau com secretário do governo militar.....	53
Figura 7 – Alzira Camargo Lopes nos jornais.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 8 – Rede de sociabilidade de Alzira Camargo Lopes.....	71
Figura 9 – Alzira Lopes com representantes da <i>Escola de Pais</i> de diferentes países.....	
Figura 10 – Classificação dos tipos de mães, feita por Alzira Lopes.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 11 – Capa da revista publicada por Lopes em 1972	81
Figura 12 – Capa da obra <i>Pais educando para o ano 2000</i>	87
Figura 13 – Temáticas tratadas por Lopes no decorrer da obra.....	106
Figura 14 – Principais temáticas tratadas na obra	110
Figura 15 – Capa da obra <i>Como ter um filho sadio e feliz</i>	111
Figura 16 – Mapa mental que destaca as principais discussões gestadas no Instituto da Família	127
Figura 17 – Capa <i>Casa de pais, escola de filhos</i>	
Figura 18 – Mapa mental com as principais temáticas discutidas no decorrer da obra	132
Figura 19 – Capa da obra <i>Como viver feliz seus 100 anos</i>	147
Figura 20 – Algumas das reportagens destacadas por Camargo no prefácio	148
Figura 22 – Temáticas tratadas ao longo dos capítulos	151

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Instituições vinculadas à Alzira Lopes	28
Quadro 2 – Alzira Camargo Lopes e sua circulação de acordo com os jornais	Erro! Indicador não definido.
Quadro 3 – Livros publicados por Alzira Lopes	85

LISTA DE ABREVIACÕES

CAPES	–	Coordenação de Aperfeiamento de Pessoal de Nível Superior
CNBB	–	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DSTs	–	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EPB	–	<i>Escola de Pais</i> do Brasil
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Ansio Teixeira
PUCPR	–	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SESC	–	Serviço Social do Comércio
UCF	–	União Cívica Feminina
UNESCO	–	União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ALZIRA CAMARGO LOPES E A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO BRASIL	26
1.1 ALZIRA LOPES PELA <i>ESCOLA DE PAIS DO BRASIL: UM RETRATO PINTADO PELO MOVIMENTO</i>	31
1.2 RASTROS DE UM PERCURSO INTELECTUAL, REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICA EDUCATIVAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS DEIXADOS NA IMPRENSA NACIONAL	38
2. AS PRODUÇÕES DE ALZIRA LOPES DESTINADAS À FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS	86
2.1 A OBRA <i>PAIS, EDUCANDO PARA OS ANOS 2000</i>	87
2.2 A OBRA <i>COMO TER UM FILHO SADIO E FELIZ</i>	110
2.3 A OBRA <i>CASA DE PAIS, ESCOLA DE FILHOS</i>	129
2.4 A OBRA <i>COMO VIVER FELIZ OS SEUS 100 ANOS</i>	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	167

INTRODUÇÃO

Desde a República e ao longo de toda a primeira metade do século XX, as famílias foram mobilizadas como instituições basilares para o processo civilizador que se pretendia instaurar na sociedade brasileira. Para isso foram implementadas diversas ações, por diversos grupos, no sentido de educá-las dentro daquilo que se entendia como novos marcos civilizatórios. As mulheres foram alvos privilegiados desses projetos, destacando o cumprimento que estas deveriam apresentar frente à sociedade no melhor desempenho de seu papel na formação do cidadão e, conseqüentemente, na organização da sociedade.

Alzira Camargo Lopes nasceu no interior paulista no dia 25 de outubro de 1918, filha de Maria Laura de Carvalho¹ e João Ferreira de Camargo². Teve uma extensa trajetória frente à educação das famílias, circulando amplamente em território nacional e internacional, o que fez com que ganhasse projeção principalmente por seu trabalho no movimento da *Escola de Pais* do Brasil. Foi mãe de um filho e de quatro filhas e, em muitos momentos, por meio de suas obras, é possível ver como ela mobilizou as experiências que vivenciou na maternidade como exemplos para a educação das famílias brasileiras.

Embora, raramente figure em nossa historiografia educacional, sua projeção nesse cenário da educação familiar foi expressiva e ganhou projeção internacional. Atuou frente à Unesco na propagação da *Escola de Pais* em um panorama internacional, principalmente em países mais pobres, embora também tivesse uma relação estreita com os países europeus e da América do norte. Foi vice-presidente da *Fédération Internationale pour l' Education des Parents*, sediada em Paris. Ocupou ainda o posto de Presidente da *Federação Latino-Americana de Escolas de Pais*, onde representou o Brasil frente à ONU para discussões para os direitos da família.

Também representou o Brasil no *Instituto Internacional de Ajuda à Criança*, em Berkeley, nos USA, marcando presença ainda no *Instituto de Educação Familiar*, em Tóquio e sendo fundadora do *Instituto da Família*, da

¹ Em alguns registros na imprensa, verificamos que havia uma expressiva aparição da mãe de Alzira Lopes em bailes e festividades destinadas à elite carioca. Inclusive, em uma coluna descrita como “Vida Social”, do jornal *O século*, publicado no Rio de Janeiro, havia menções às comemorações que ela fazia no aniversário dela.

² De acordo com algumas informações localizadas nos jornais, ele trabalhava no setor agrícola, oferecendo inclusive consultoria e prestações de serviço para o governo do Estado de São Paulo.

cidade de São Paulo. Como professora, atuou na PUCSP e ocupou a cadeira de Educação Familiar.

Em alguns de seus livros, é possível ver como essa vivência pessoal trazia um tom de legitimidade e proximidade com o leitor. Alzira faleceu em 22 de junho de 2005, em São Paulo, sendo sua morte anunciada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 27 de junho de 2005.

Ao atentarmos para a atuação da intelectual frente ao projeto de educação familiar empreendido pela *Escola de Pais do Brasil*, podemos constatar que a partir de sua liderança frente ao movimento, ela pôde se colocar em circulação, por meio de palestras, cursos e materiais por ela produzidos, difundindo em âmbito nacional e internacional um projeto pedagógico em estreita articulação com o ideário católico de família. .

Ao projetar seu discurso para o público familiar como forma de prepará-lo para a ação educativa frente aos filhos, publicizava que as mulheres seriam as personagens de destaque nessa função de educar, fortalecendo a instituição familiar no âmbito social e fazendo com que a mulher ocupasse aos poucos um espaço de destaque na vida privada. Sua função seria formar, com base em uma modernidade conservadora os futuros dirigentes do país, já que a partir das exposições feita por Lopes em suas obras, fica claro que ela se dirigia ao público elitizado.

Essa temática apresenta fértil discussão na historiografia educacional, contribuindo para a compreensão sobre como essa composição do papel assumido pela mulher na sociedade brasileira criou diferentes contornos e possibilidades de atuação de muitas mulheres na vida pública. Pode-se dizer que a vida privada forneceu o mote para a circulação de muitas mulheres na vida pública, as quais mantiveram o foco na vida privada como tema central dos projetos com os quais se envolveram.

Educar as famílias não significava apenas formar os futuros cidadãos, devolvendo para a sociedade filhos educados do ponto de vista moral, espiritual e que soubessem o que deles era esperado. Significava também assegurar para as mulheres um lugar privilegiado na construção da nação, sob nenhum aspecto coadjuvante. As estratégias mobilizadas em direção de uma formação sólida, calcada em princípios científicos, tinha em vista a produção de uma consciência social e política do papel das famílias para a organização da sociedade.

Se para os homens, isso significava chamá-los à responsabilidade de maior comprometimento na vida privada, para as mulheres, isso reverberava na produção de um lugar legítimo de fala, com uma voz autorizada. de

Essa pesquisa se consolidou tendo como objetivo compreender o projeto de educação das famílias veiculado por Alzira Camargo Lopes, a partir de sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e em seus escritos publicados entre os anos de 1987 a 1994, atentando, especialmente, para a contribuição dessa intelectual no campo educacional do Brasil.

O recorte temporal da pesquisa foi estabelecido a partir da abertura da *Escola de Pais* do Brasil, em 1963, e com base nas fontes localizadas traçamos como Alzira Lopes mobilizou o capital simbólico e cultural da referida instituição para se colocar em circulação. É necessário ainda fazermos uma breve apresentação da origem da Instituição à qual Alzira dedicou sua trajetória educativa.

O movimento surgiu no Brasil oficialmente no dia 4 de abril de 1964, inspirado na Instituição francesa fundada em 1929 por Marguerite Verine-Lebrun. No Brasil, os personagens que lideraram esse movimento foram: Madre Inês de Jesus, Padre Charbonneau, Maria Junqueira Schmidt, Padre Leonel Corbeil e, por fim, o casal Alzira e Antonio Lopes. O movimento se caracterizava como “cristão, apolítico e voluntário” e seu objetivo era orientar as famílias para que pudessem “atuar de forma mais eficaz na educação dos filhos, diminuindo com isso as mazelas sociais que acreditavam ser consequência da ausência e da ignorância das famílias em lidar com os problemas da juventude” (ORLANDO; HENRIQUES, 2017, p. 61). Havia a participação de diferentes profissionais que contribuía para legitimar científica e moralmente o movimento, como médicos, psicólogos, educadores, padres, entre outros. De acordo com Lopes (1975), na obra *Escola de Pais, uma grande experiência*, a intelectual definia que em sua base de trabalho havia três pilares:

[...] **profilático** [...] pois uma vez conhecendo os princípios psicopedagógicos que regem a vida do homem [...] os pais iniciam uma nova vida, mais consistentes, mais responsáveis pela formação dos filhos. Dizemos **atualização**, porquanto muito mais os pais necessitam apenas reformular seus princípios para que possam educar um mundo em transição. Dizemos “**educação permanente**”, porque na *Escola de Pais*, o casal poderá rever seus vários papéis, de esposos, de pais, de profissionais e de membros de uma comunidade. (LOPES, 1975, p. 19-20).

Nesse sentido, a tese fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa é o entendimento de que Alzira Camargo Lopes foi uma intelectual que protagonizou um projeto educacional católico voltado para a educação das famílias que circulou em âmbito nacional e internacional. Suas obras buscavam inculcar no imaginário familiar comportamentos e valores que atendiam aos anseios da sociedade a partir da conservação de alguns valores caros para o catolicismo e revelam o forte papel do laicato, especialmente das mulheres leigas, no projeto maior de (re)catolicização da sociedade.

Como foco privilegiado dessa discussão, os livros da intelectual, analisados no decorrer dessa pesquisa, serviram como orientação para as mulheres atuarem de forma exitosa na educação e no direcionamento de suas famílias. Os avanços sociais fizeram emergir novos temas ao longo dos anos 60, 70 e 80 e, não obstante a própria disposição do movimento em se atualizar frente a essas demandas, é possível perceber a circulação de um conservadorismo católico no tocante à definição de família, do que era esperado da mulher na sociedade e da importância de esta buscar educar-se espiritual e moralmente para que pudesse colocar essa educação em prática em seus lares.

Apesar de as obras terem sido publicadas nos anos 80 e 90, observamos que ainda carregam seu discurso fortemente ancorado aos princípios cristãos e ao ideal de mulher difundido entre os anos de 1950 e 1960, o que nos faz entender algumas marcas de permanência em relação à uma certa cristalização dos papéis femininos no interior das famílias.

Como professora, escritora e líder de um movimento de educação familiar, muito do trabalho de Alzira Lopes era destinado ao público feminino. Segundo Almeida (2007), a educação das mulheres lhes propiciaria mais condições para educar os filhos com esperança e utilidade à pátria.

Pudemos delinear o projeto posto em circulação por Alzira Lopes utilizando algumas fontes localizadas nos acervos da *Escola de Pais (seccional Curitiba)*, Hemeroteca digital e nas próprias obras publicadas por ela em sua trajetória.

O primeiro contato com o objeto em questão se deu a partir de uma experiência cunhada no âmbito da iniciação científica (2015-2016), quando pudemos pesquisar e mapear a referida instituição. No entanto, olhar para uma trajetória feminina desempenhada em uma instituição consolidada em um

panorama nacional e internacional nos possibilitou ampliar as discussões acerca do projeto veiculado por Alzira Lopes frente à EPB.

Muitos desafios foram superados no decorrer da pesquisa. Em um primeiro momento, gostaríamos de traçar um paralelo entre a instituição brasileira e portuguesa, trazendo aproximações e reflexões acerca dos conhecimentos que eram trabalhados em países e continentes diferentes. Em virtude da pandemia de Covid-19, tal intercâmbio se tornou inviável e, diante desse cenário, surgiu a pretensão de olhar para as figuras femininas que fizeram de maneira expressiva com que a circulação da *Escola de Pais* se desse em escala nacional e internacional.

Ao selecionar Alzira Camargo Lopes para o estudo, atentando para a sua atuação frente à instituição, pudemos relacioná-la com outros trabalhos desenvolvidos no *Grupo de Pesquisa Pensamento Educacional Brasileiro: história e políticas*, do qual faço parte desde a Iniciação Científica. No grupo, foram emergindo pesquisas acerca dos personagens: Padre Charbonneau³, Maria Junqueira Schmidt⁴ e Madre Cristina Sodré Dória⁵, todos ligados pela EPB desde sua fundação.

A dificuldade em localizar fontes que pudessem delinear como Alzira foi se construindo como intelectual foi um desafio que demandou diversas mudanças de rumos no decorrer da pesquisa. Por fim, optamos por analisar sua produção escrita como um testemunho de um pensamento que pôs em circulação, a partir de sua *expertise* constituída frente à EPB.

As obras analisadas neste trabalho foram publicadas pela Editora Paulinas, a saber: *Como educar seus filhos para o ano 2000 (ano)*, *Como ter*

³ A tese intitulada *Paul-Eugène Charbonneau: um intelectual-monumento na história da Educação Católica no Brasil*, produzida por Bárbara da Silva Santos (2022), a qual analisou a monumentalização do Padre Charbonneau como intelectual a partir de sua circulação e produções. Diante das discussões propostas na pesquisa, há a aparição de Alzira trabalhando em cooperação com Charbonneau nas atividades relativas à EPB, ressaltando uma relação estreita com o mesmo. .

⁴ O artigo intitulado *Marguerite Vérine-Lebrun, Maria Junqueira Schmidt e o projeto de educação familiar em circulação entre França-Brasil* destaca que Maria Junqueira Schmidt “se apropriou das propostas da Escola de Pais apresentadas na França. [...] a partir seu estágio na École des Parents por volta do ano 1958 como consta na orelha do livro *Educar pela recreação*” (SKRUSINSKI; ORLANDO, 2019 p. 70). No Brasil, Schmidt implementou, no Rio de Janeiro, os primeiros trabalhos pela Escola de Pais do Brasil, posteriormente dedicando-se à abertura da Instituição em São Paulo, trabalhando possivelmente com Alzira Lopes, fato esse tangencial nas fontes localizadas durante a pesquisa. Sobre Junqueira pode-se encontrar ainda em (SKRUSINSKI, 2020) e (ORLANDO, 2017)

⁵ A dissertação intitulada *A educadora, psicóloga e intelectual Madre Cristina Sodré Dória e sua atuação na educação das famílias (1916-1974)* traçou a trajetória intelectual da personagem e sua influência no campo educacional e religioso, sobretudo, oferecendo uma ponte de diálogo com os trabalhos feitos por Alzira Lopes frente à Escola de Pais do Brasil.

um filho sadio e feliz (ano), *Escola de Pais, casa de filhos (ano)* e *Como viver melhor os seus 100 anos (ano)* tinham como público destinatário as famílias, sobretudo, as mulheres. Optamos por analisá-las nessa pesquisa, pois observamos que as temáticas apresentavam um fio condutor que as ligava e sempre uma obra era referenciada em outra, isso permitia ao leitor o contato com todas elas, demonstrando, assim, o capital simbólico mobilizado pela intelectual em suas produções. Estas não foram as únicas publicações que Alzira teve ao longo de sua trajetória, foram dezessete obras escritas com o objetivo de colocar em pauta a educação das famílias no campo educacional brasileiro, porém nos atentamos para a análise das quatro citadas por discutirem temáticas que estabeleciam uma espécie de fio condutor entre elas.

Essa investigação torna-se relevante no campo da História da Educação à medida que “[...] os estudos centrados nos usos pedagógicos do impresso podem trazer uma inteligibilidade nova sobre a história da escola e dos saberes e práticas que a constroem” (CARVALHO; VIDAL, 2000, p. 7). Nesse sentido, nossa pesquisa busca olhar para essas práticas inscritas não necessariamente na escola formal, mas como estava presente na educação não formal em diferentes outros espaços da sociedade.

Em relação ao uso dos impressos, Galvão e Lopes (2005) assinalam que:

A produção dos materiais de leitura é um dos domínios mais estudados pela historiografia. Estudos sobre o papel dos editores, revisores, impressores, tipógrafos, ilustradores e tradutores na preparação do impresso [...] tem auxiliado na melhor compreensão do lugar ocupado pelo escrito nas diferentes sociedades. Ao contrário dos estudos tradicionais, as pesquisas mais recentes investigam não apenas objetos de leitura consagrados pela tradição erudita, mas também outros tipos de escritos como, por exemplo, formas de literatura popular, revistas [...] (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 56).

Diante das discussões tecidas, nossa pesquisa tem como fontes privilegiadas, como citado em outros momentos, os livros produzidos por Alzira Lopes, por apresentarem uma clara intenção formativa.

Em busca de trabalhos que dialogassem com os objetivos dessa pesquisa, consultamos diferentes repositórios, como o banco de teses e dissertações disponível na plataforma da Capes, o IBICT, revistas científicas da área de História da Educação, Educação feminina e outras plataformas que auxiliassem na busca de pesquisas que auxiliassem na compreensão e interrogação da pesquisa e das fontes localizadas no seu decorrer.

Entre os trabalhos localizados, destacamos as teses *Educar-se para educar: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)*, de Evelyn de Almeida Orlando (2013)⁶, *Práticas de leitura: A coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes” em Campinas (1951-1976)*, de Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner (2016)⁷, *Para serem bem-comportadas?: imagens de mulheres em livros escolares de autoria feminina (1889-1945)*, de Samara Elisana Nicareta (2018)⁸ e *Ensino normal: da formação da professora a formação da mulher, esposa e mãe*, de Maryahn Koehler Silva (2013)⁹, *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*, de Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2001)¹⁰ dentre outros.

Também chamamos a atenção para algumas dissertações que, de certo modo apresentavam um diálogo com a presente pesquisa: *A obra de Ofélia Boisson Cardoso na coleção Biblioteca de Educação: Educação familiar e moral católica em um projeto intelectual*, de Henllyger Estevam David Costa (2019)¹¹; *A vida do bebê: Ensinando a ciência de ser mãe*, de Neusa Fonseca de Souza (2009)¹², dentre outras. Destacamos, ainda, alguns artigos que abordam temáticas semelhantes às trabalhadas nessa dissertação, tais como: *Escola e família no Projeto Republicano: Educar a mulher para educar a*

⁶ Assinala como as práticas culturais “visavam estabelecer novos códigos de valores e comportamentos, criaram outras representações para o educador, associando as contribuições pedagógicas dos novos tempos aos saberes elementares da fé católica” (ORLANDO, 2013, p. 15).

⁷ A tese auxilia no entendimento de como a leitura é um mecanismo formativo e foi amplamente usada para modelar o comportamento e definir o padrão comportamental esperado para as mulheres na sociedade brasileira.

⁸ A tese retrata um período de pesquisa anterior ao aqui proposto, porém apresenta-se como um interessante debate ao comparar como ao longo da história muitas mulheres escreveram para educar outras mulheres como forma de manterem o *status quo*, mesmo que estas frequentemente o rompessem, já que tinham uma vida pública ativa.

⁹ A tese retrata como os livros utilizados na educação feminina tinham como finalidade formar as mulheres para exercerem o papel de mulher como esposa e mãe. Os livros analisados dirigiam-se fundamentalmente à preparação da moça que se casaria e teria filhos, com orientações muito específicas de atividades e hábitos que dariam a base para a família.

¹⁰ A tese discute como certos discursos difundidos em prol da educação feminina produzidos por Cecília Meireles, Armanda Álvaro Alberto e Júlia Lopes de Almeida estavam articulados com projetos de educação familiar postos para aquele período de circulação.

¹¹ A dissertação mostra o movimento empreendido também por uma intelectual católica em prol da educação feminina a partir da leitura.

¹² A dissertação oferece uma análise aprofundada sobre um manual de puericultura, demonstrando o espaço de atuação da mulher no cuidado dos filhos, sobretudo, essa atuação no âmbito privado.

criança (1918-1938), de Geisa Magela Veloso (2012)¹³, e *Revistas femininas: Manuais de comportamento para a mulher do século XXI*, de Flávia Cassino Esteves (2011)¹⁴.

Essas pesquisas têm, de algum modo, proximidade com a que é aqui proposta e são indicativos da consolidação de um movimento de aproximação da educação informal e da intelectualidade com a sociedade, buscando educar a família, principalmente as mulheres, para cooperar com a escola e com a formação desejada para os futuros cidadãos do país.

No âmbito da educação feminina, algumas obras auxiliaram no entendimento de como os projetos de educação familiar estavam atrelados à educação das mulheres, objetivando um preparo adequado para elas no exercício dessa sagrada missão a elas destinada. Ressaltamos as obras: *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres* (2007) e *Mulher e Educação: a paixão pelo possível* (1998), ambas de Jane Soares de Almeida¹⁵, *Mulheres dos anos dourados* (2014), de Carla Bassanezi Pinsky¹⁶, o artigo *Lições para mães e família: um estudo sobre os manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX*, de Maria Teresa Cunha e Ana Maria Magaldi (2010)¹⁷.

Não foram localizadas nos bancos de dados acessados durante a pesquisa investigações sobre Alzira Lopes como intelectual. Encontramos alguns trabalhos que abordavam de maneira tangencial a presença de Alzira frente à *Escola de Pais do Brasil*, e suas reflexões acerca dos modos adequados de se educar os filhos, dos quais destacamos: o artigo *Ética disciplinar e punições corporais na infância* (2005), de Cristiano da Silveira

¹³ Apesar de o estudo ter tido como objeto de pesquisa um marco temporal diferente do que aqui tratamos, ela oferece uma ideia de como e quais foram as iniciativas viabilizadas pelo Estado em relação à educação das mulheres, o que contribui para entendermos como ao longo dos anos esse ideal educacional foi posto em circulação.

¹⁴ A pesquisa descreve como ao longo do século XX e XXI foram traçadas diferentes frentes de educação das mulheres a partir do impresso, tanto jornais, como revistas e manuais de ensino disponíveis nas Escolas de Formação de Professores. As mulheres eram ensinadas a se vestir e a se comportar de acordo com os padrões da época.

¹⁵ Tais obras discutem fundamentalmente como os projetos de educação feminina eram pensados e postos em circulação, principalmente atentando-se para as discussões que se inscreviam na promoção de projetos de educação feminina que delimitavam o papel conservador para elas pensado socialmente.

¹⁶ Retrata como a educação feminina nos anos dourados era posta em circulação a partir da imprensa periódica como uma estratégia de obter ampla difusão, ressaltando sempre os comportamentos esperados para as mulheres e sua atuação privilegiadamente no âmbito privado.

¹⁷ Reflete sobre questões geradas em torno das investigações educativas encaminhadas às famílias.

Longo¹⁸, o artigo *A permanência no Brasil de discursos ético-pedagógicos-disciplinares favoráveis às punições corporais domésticas na infância* (2004), de Cristiano da Silveira Longo¹⁹. Localizamos ainda a dissertação intitulada *As relações intergeracionais nas famílias contemporâneas: a evolução do pensamento da Escola de Pais do Brasil* (2010), de Djalma Navarro Falcão²⁰, bem como a tese *Alforria pelo sensível: corporeidade da criança e formação docente* (2013), de Maria Aparecida Alves da Silva²¹.

Esses trabalhos contribuíram para pensarmos a produção intelectual de Alzira Lopes em um quadro ampliado, pois indicam a relevância de uma pesquisa sobre uma mulher que teve atuação expressiva no campo educacional brasileiro e ainda se mantém às margens da historiografia educacional.

No trânsito entre a casa e a escola, a vida pública e privada costuradas por uma moral católica se fazem visíveis nos livros destinados à educação das mulheres e das famílias. Muitos dos livros e discursos fundamentalmente católicos circularam nas escolas normais de todo o país durante as décadas de 1950 e 1960, sendo que muitos desses manuais foram escritos por intelectuais católicos que tiveram ampla circulação nacional e internacional, como é o caso de Alzira Camargo Lopes, Maria Junqueira Schmidt, Padre Charbonneau, Dom Helder Câmara, entre outros que contribuíram ativamente para a construção e a consolidação de uma educação calcada nos princípios do catolicismo.

Pensar na intelectualidade católica como produtora de saberes endereçados à educação das mulheres nos permite entender como essa disseminação do ideário católico tornava-se parte substancial da cultura e voltava-se para “[...] as mulheres como sujeitos históricos nos quais depositavam as idealizações sociais, culturais e religiosas referentes ao papel desempenhado por elas na sociedade, como, por exemplo, na manutenção da

¹⁸ No texto, o autor apresenta um pequeno fragmento do livro *Como ter um filho sadio e feliz*, refletindo sobre as formas de punições corporais utilizadas pelas mães na educação das crianças.

¹⁹ No artigo, o autor destaca brevemente como o manual de educação familiar *Como ter um filho sadio e feliz* destacava os aspectos psicológicos que as mães desenvolveriam nos filhos a partir da educação ministrada no lar.

²⁰ Na pesquisa, o autor apresenta de modo breve a obra *Escola de Pais, uma grande experiência*, organizada por Alzira Lopes, além de citar que ela e o marido foram os fundadores do movimento de educação familiar desenvolvido pela Instituição.

²¹ Na tese, a autora cita de modo sucinto um pequeno fragmento da obra *Como ter um filho sadio e feliz*, de Alzira Lopes, destacando como no manual ela estabelecia as punições corporais como castigos antipedagógicos que causavam agressividade e revolta.

moral cristã” (ALMEIDA, 2007, p. 20). Nesse sentido, pensar sobre as produções feitas por Alzira Lopes acerca da educação feminina e do papel desempenhado pela mulher na sociedade é de vital importância para a compreensão de como esse *status quo* vai se moldando ao longo do tempo. Observamos ainda que a partir de suas produções Lopes desempenhava uma ideia de colocar a mulher como centro de suas discussões a partir das reflexões por elas propostas acerca da maternidade ao mesmo tempo em que as marginalizavam sugerindo-as espaços e comportamentos fundamentalmente pensados pelos homens.

No âmbito da história das mulheres e da educação feminina, trabalhos como os de Perrot (2005), Pinsky (1997, 2014), Almeida (1998, 2007), Soihet (1997), Del Priore (2013) e Louro (1997) auxiliaram na compreensão de como aos poucos as mulheres foram ocupando a cena pública em busca de mais instrução como forma de se qualificar para que a atuação na vida privada ocorresse de maneira exitosa, principalmente, no que se era concernente à educação dos filhos, cuidados da casa e do marido.

Apesar de as pesquisas desenvolvidas pelas autoras datarem de um período anterior à publicação das obras analisadas por esse estudo, é possível vermos como os papéis pensados para as mulheres perpetuam-se ainda na década de 1980 e 1990, inclusive reproduzindo conceitos e modos de ser e viver na sociedade, principalmente endereçados ao público feminino.

Nesse sentido, Perrot (2005) destaca que a mulher poderia exercer algumas profissões que contribuíssem para o “prolongamento das funções ‘naturais’, maternais e domésticas, [...] mulher que cuida e consola, realiza-se nas profissões de enfermeira, de assistente social ou de professora primária” (PERROT, 2005, p. 252). Esse tipo de representação do papel da mulher na sociedade é perceptível nas obras de Alzira Lopes, principalmente no endosso à dedicação da mulher à educação e ao cuidado dos filhos, componentes de importante diferenciação no desenvolvimento exitoso da prole.

Pinsky (2014) assinala que ainda na década de 1950 e 1960 era possível observar que as funções

De dona de casa, esposa e mãe são encaradas como “profissão”, para, mais uma vez ficarem em primeiro lugar em detrimento das outras “carreiras” ou opções de vida. Ser professora fica em segundo na hierarquia das ocupações honradas e adequadas à mulher. O fato é que, no Brasil, as escolas normais dão importante contribuição para

a elevação do nível cultural e profissional das mulheres, além de fornecerem uma opção a mais para os projetos de vida individuais, entre eles o de seguir um curso superior. Ainda assim, a maioria delas procuram o ensino universitário [...] ingressam nos cursos de Educação e Humanidades. (PINSKY, 2014, p. 189).

Apesar do apontamento feito por Pinsky (2014) ser datado dos anos de 1960, observamos tal pensamento e incentivo nas obras de Alzira nos anos seguintes como forma de reprodução do papel de atuação das mulheres na sociedade. Se elas exercessem profissões no âmbito social, deveriam estar atreladas ao cuidado com o outro, estando, de certo modo, em consonância com a missão cristã atribuída às mulheres.

Nesse cenário, ganhava relevo nos debates a necessidade de um preparo educacional para as mulheres, fosse pela via formal ou não formal, o que foi assumido por diferentes instituições ligadas ao laicato católico e difundida a partir de diversos manuais endereçados às mulheres. Com isso, ao olharmos para as produções de Alzira, podemos ver resquícios de uma ideia defendida ainda nos anos dourados de que ser mãe, esposa e dona de casa “[...] era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos anos dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina (PINSKY, 1997, p. 609).

Nesse sentido, Almeida (2007) destaca que essa intervenção feminina experimentada no século XX “[...] supunha-se capaz de uma ação moralizadora no seio da sociedade e serviria para manter a unidade da família e da pátria. A função materna não era mais apenas biológica, mas social e patriótica” (ALMEIDA, 2007, p. 113). Nos escritos de Alzira, é possível visualizarmos essa ideia de atribuir à mulher a função de promotora da união entre a família e a sociedade, levando muitas vezes ao entendimento de que elas deveriam assumir determinados comportamentos, diferenciando-as dos homens. Deste modo, esperava-se das mulheres que fossem bondosas “castas, puras, discretas, com capacidade de sacrifício e renúncia. A submissão e a doçura compunham o padrão ideal” (ALMEIDA, 1998, p. 174). Ao longo das obras, em muitos momentos de maneira sutil, Alzira Lopes reafirmava esses valores reforçando a reprodução do papel social atribuído às mulheres historicamente assim como o padrão de comportamento socialmente aceitável para elas.

Soihet (1997) sinaliza que as representações femininas tinham “[...] por base discursos masculinos determinando quem são as mulheres e o que

devem fazer” (SOIHET, 1997, p. 282). Podemos identificar esse discurso nas obras escritas por Alzira como forma de garantir que as mulheres ocupassem suas funções educativas no lar e reafirmando o seu papel social, pensado sob a masculinidade que rege a sociedade contemporânea. Apropriando-se do pensamento de Del Priore (2013), é perceptível que independentemente de suas condições econômicas, as mulheres deveriam cumprir os valores que para elas foram pensados e educar os filhos de acordo com os preceitos cristãos seria o elo fundamental para a consolidação de uma família estruturada.

Nesse sentido, Louro (1997) destaca que “[...] para muitos a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 1997, p. 374). É perceptível que Alzira destaca em seu discurso essa ideia de que a mulher deveria cobrir-se de seus ideais cristãos para que na educação dos filhos ela realizasse sua missão educativa.

Diante das diversas discussões aqui explicitadas, essa pesquisa buscou analisar quatro obras publicadas por Alzira na editora Paulinas como uma estratégia de colocar seu pensamento em circulação, sendo elas: *Pais, como educar seu filho para os anos 2000*, *Como ter filhos saudáveis e felizes*, *Casa de pais, escola de filhos* e *Como viver feliz seus 100 anos*. Não obstante serem destinadas às famílias, as mulheres eram suas destinatárias privilegiadas.

Diante do percurso teórico-metodológico e do encontro com as fontes, pensamos o objeto dessa pesquisa do ponto de vista da História Intelectual, entendendo que os historiadores sociais das ideias “tentam acompanhar o pensamento entre todo o tecido da sociedade. [...], no entanto continuam a se chocar contra o imenso silêncio em que submergiu a maior parte do pensamento da humanidade.

“A palavra impressa, porém, oferece uma trilha por esse vazio” (DARNTON, 1990, p. 192). Nesse sentido, a partir dos impressos deixados por Alzira Lopes, podemos ter uma ideia de como ela assumiu o protagonismo intelectual frente ao movimento da *Escola de Pais* do Brasil e acima de tudo como contribuiu para a produção de ideias que contribuiriam para a organização da sociedade, tendo as famílias como um de seus núcleos-base.

Do ponto de vista metodológico, essa investigação está ancorada na perspectiva da História Cultural. Utilizamos como método a análise documental,

entendendo o documento tal como Le Goff exprime: “A visão de que o documento para o historiador não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que se estabeleceram nessa produção” (LE GOFF, 1990, p. 545). Assim, os livros são entendidos aqui como documentos/monumentos que dão indícios de práticas educativas e ideais pedagógicos para formar as mulheres com preceitos que serviriam para o exercício de suas vidas privadas e a boa administração de suas famílias. Utilizamos ainda diferentes fontes iconográficas como forma de rememorar as vivências de Alzira Lopes noticiadas pelos impressos e pela imprensa periódica (jornais, revistas e livros). De acordo com Abreu (1994), o material iconográfico

[...] serve para cristalizar uma imagem visual do sujeito e do ambiente em que ele viveu. Em geral, há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais. [...] Os construtores da memória selecionam entre as imagens possíveis aquelas que expressam suas afirmações textuais. (ABREU, 1994, p. 210).

Para a construção desta pesquisa, em um primeiro momento, foi realizada uma busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e, posteriormente, na biblioteca da *Escola de Pais* do Brasil, seccional de Curitiba, para que fosse possível, com base nas fontes catalogadas, mapear como se deu a trajetória intelectual de Alzira Camargo Lopes e quais foram as suas contribuições para a consolidação de uma educação que partisse das ideias expostas em suas obras publicadas pela Editora Paulinas.

Um dos problemas superados no decorrer da pesquisa foi o acesso às fontes, pois, por conta da pandemia Covid-19, os acervos ficaram fechados para visitantes, o que dificultou muito o desenvolvimento da pesquisa, sendo necessária a criação de outros mecanismos de coleta de dados não previstos no início da pesquisa, bem como remodelar as discussões e focos que seriam assumidos no decorrer da tese.

Para a construção do texto, realizamos a catalogação dos artigos presentes na hemeroteca digital e outros arquivos *on-line* para que fosse possível o rastreamento de informações que oferecessem a ideia de como a intelectual foi se moldando ao longo do tempo e os recursos por ela utilizados para colocar seu projeto de educação familiar em circulação, tanto em um cenário nacional como internacional.

Em um segundo momento, selecionamos algumas de suas obras para a análise de sua materialidade e conteúdo, observando os principais temas e problemas levantados pela autora, abordagens e protocolos de leituras por ela instituídos. E, por fim, analisamos os indícios de apropriação do ideário católico feito por Lopes e como isso se reproduzia em sua produção escrita. Nesse caso, fundamentamo-nos em Chartier (1988, 2003) e em Ginzburg (1990) para entender como, a partir de suas obras e de seu protagonismo frente à *Escola de Pais* do Brasil, Alzira pôde disseminar preceitos cristãos na formação das famílias e da educação oportunizada às mulheres por meio da leitura.

Chartier (1988), explorando as concepções que leem a produção e distribuição dos livros, considera que, uma vez produzidos e distribuídos, estes podem ser objeto de uso não previsto pelas regras que presidiram a sua produção. Nesse sentido, pensar a circulação e a apropriação a partir de Chartier (1988) significa entender que o livro pode adotar uma função notável em seus usos ao evidenciar um caráter de

Condicionamento sobre o leitor – o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma; quer se considere como primordial a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares – o que significa encarar os atos de leitura como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras. (CHARTIER, 1988, p. 121).

Chartier (1988, p. 17) destaca que, em diferentes espaços e tempos, “determinado contexto social é pensado e dado a ler” com objetivos bem definidos, condicionando o leitor na apropriação dos conceitos estabelecidos como importantes.

Ginzburg (1990) assinala que muitos indícios vêm de detalhes que normalmente não são observados em algumas situações, requerendo um olhar atento a outras pistas do objeto pesquisado. A proposta de um método interpretativo sugere uma investigação “centrada sobre os dados marginais, considerados reveladores, pormenores. [...] normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’ forneciam a chave para ceder os produtos mais elevados do espírito humano” (GINZBURG, 1990, p. 150).

Nesse sentido, apesar de os livros serem as fontes privilegiadas, nessa pesquisa foram consideradas outras fontes, como os jornais, os quais foram indispensáveis para que a operação historiográfica surgisse, caracterizando-se

em muitas vezes como a única pista possível para delinear a trajetória da intelectual.

Desse modo, organizamos a pesquisa em dois momentos: no primeiro capítulo destacamos como se deu o protagonismo de Alzira Lopes em sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e como o seu desenvolvimento estava atrelado ao desenvolvimento de ações educativas em torno da instituição familiar; no segundo capítulo, analisamos quatro obras da intelectual visando analisar as discussões empreendidas, observando seu discurso para a educação feminina, tendo em vista seu lugar de fala estreitamente articulado com o campo católico. Nesse caso, Thompson (1981) auxilia na compreensão de como a experiência pessoal religiosa e familiar da autora consolidava uma forma de escrita e atuação frente à educação das mulheres com forte cunho católico. Entendemos, nesse caso, o conceito de experiência como uma “[...] parte da matéria-prima oferecida aos processos dos discursos científicos de demonstração. E mesmo alguns intelectuais atuantes sofrem, eles próprios, experiências” (THOMPSON, 1981, p. 16). Sendo assim, as experiências acumuladas pela intelectual fundamentavam e traziam legitimidade às discussões que ela buscava difundir.

1. O PERFIL BIOGRÁFICO DE ALZIRA CAMARGO LOPES E A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO BRASIL

Alzira Camargo Lopes nasceu em 25 de outubro de 1918, em Analândia, cidade do interior de São Paulo. Era a filha mais velha de João Ferreira de Camargo e Maria Laura de Carvalho.

Casou-se em 5 de outubro de 1940, na cidade de Aparecida, localizada no interior de São Paulo, com Antonio Fernando Lopes, nascido em 30 de dezembro de 1909, em Piracicaba. Foi mãe de um filho e de quatro filhas. Em alguns de seus livros, ela retrata essa participação da família.

Alzira faleceu em 22 de junho de 2005, em São Paulo, sendo sua morte anunciada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 27 de junho de 2005.

Figura 1 – Alzira Camargo Lopes



Fonte: Imagem disponível no *site* Genearc.

Alzira demonstrou uma atuação expressiva no âmbito político, mantendo relacionamentos e discussões com diferentes grupos. Inclusive, há um documento publicado pela Câmara dos Deputados no qual o Sr. Sólon Borges

dos Reis²² apresentou um projeto para a criação do Instituto da Família, que deveria, em suas palavras:

[...] promover estudos, coordenar esforços, tomar iniciativa e apoiar cometimentos de caráter oficial ou particular, com vistas à consolidação e ao fomento da vida familiar como instituição responsável pela criação e encaminhamento educacional dos filhos, tendo como objetivo o bem-estar social. (BRASIL, 1985).

Como justificativa para a criação do Instituto, o deputado ressaltou como a criação da *Escola de Pais* no Brasil²³, em 1963, resultou em ações educacionais familiares exitosas. Destacou ainda nomes de diversos personagens que atuaram ativamente na propagação dos ideais da *Escola de Pais*²⁴ brasileira, entre os quais estavam Madre Maria Inês de Jesus, Padre Leonel Corbeil e o casal Alzira e Antonio Fernando Lopes. Apesar de em suas palavras o deputado ressaltar que a Instituição era apolítica e aconfessional²⁵, isso não se concretizava, já que em seu discurso a Instituição deixava evidente seu afinco com os princípios católicos.

No mesmo documento, Reis (1985) destaca que Alzira atuaria perfeitamente nesse novo segmento junto às famílias, tal como propunha em seu projeto. Em suas palavras:

Alzira Camargo Lopes vem pregando, ao longo dos anos, a integração dos poderes públicos com a iniciativa em torno do alto propósito de ensinar a reeducação dos pais, em termos de melhoria das condições da vida familiar, (em função, tanto das crianças e dos adolescentes e dos jovens, quanto dos idosos) e aproveitar seu potencial. (BRASIL, 1985).

Apesar do grande empenho do deputado na criação do Instituto da Família, que deveria ser administrado por Alzira Camargo Lopes, o projeto foi indeferido na Câmara em um primeiro momento e, posteriormente, pôde ser concretizado. Porém, as informações contempladas no projeto, principalmente a descrição das instituições em que a intelectual atuou foram de grande importância para dimensionarmos a sua atuação frente à *Escola de Pais* em

²² Exerceu o mandato de deputado estadual de 1959 a 1979 e de deputado federal constituinte de 1986 a 1988. Foi vice-prefeito de São Paulo entre 1992 e 1996.

²³ A Escola de Pais do Brasil surgiu em 1963 como um movimento organizado pela intelectualidade católica, com o objetivo de formar as famílias para a educação dos filhos de acordo com os parâmetros cristãos e às necessidades postas na sociedade.

²⁴ O deputado destaca que a escola nasceu como um “movimento particular, voluntário, apolítico e aconfessional. [...] reconhecido de utilidade pública Federal, Estadual e Municipal. Está Filiado à Fédération Internationale pour l’Éducation des Parents, com sede em Paris” (BRASIL, 1985).

²⁵ Termo encontrado em diversos textos e apresentações da Escola de Pais do Brasil.

um cenário nacional e internacional. Inclusive em suas obras publicadas pela editora Paulinas aparecia o slogan da instituição.

No Quadro 1, a seguir, destacamos algumas Instituições nas quais Alzira Lopes participou, bem como a função desempenhada por ela nesses espaços. Trazer tais dados permite visualizar os caminhos percorridos e as redes que foram se consolidando em virtude da aparição ou participação dela em certos espaços e postos de atuação.

Quadro 1 – Instituições vinculadas à Alzira Lopes

INSTITUIÇÃO	ATUAÇÃO	ANO DE ATUAÇÃO
Fundadora da <i>Escola de Pais</i> do Brasil	Presidente da <i>Escola de Pais</i> do Brasil	1964-1984
Federação Latino- Americana das Escolas de Pais	Presidente da Federação	Não localizado
Federação Internacional de Educação para Pais (França)	Vice-Presidente da Federação	Não localizado
Departamento de Direitos da Família (ONU)	Representante do Brasil na ONU	Não localizado
Instituto Internacional de Recursos para a Criança (USA)	Representante do Brasil	Não localizado
Fundação das Escolas de Pais do Terceiro Mundo (Unesco)	Delegada na Unesco	Não localizado
Centro de Educação Familiar (Japão)	Representante do Brasil	Não localizado

Fonte: a autora (2022).

Visualizando as Instituições que fizeram parte da trajetória de Alzira, podemos inferir que ela ocupou uma posição de liderança frente a à diversas instituições voltadas para a Educação das famílias, assumindo um protagonismo não apenas nos debates como nas práticas empreendidas a partir de todas essas frentes, constituindo-se assim como um elemento importante nos campos²⁶ religioso e educacional.

²⁶ Entendemos o conceito de campo na perspectiva de Bourdieu (1996) pensando que este campo faz parte do espaço social apresentando suas características. Para o intelectual, “É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que têm por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de

Pensando do ponto de vista teórico, Sapiro (2012) auxilia na compreensão de que muitos intelectuais utilizam como estratégia de ampliação de seu capital simbólico alguns “[...] títulos de legitimidade institucional quando assinam seus escritos e suas tomadas de posição. Os suportes de seus engajamentos são a grande imprensa, a conferência e o ensaio” (SAPIRO, 2012, p. 35). Podemos identificar esse movimento de utilização de títulos como forma de legitimar suas publicações e aparições na imprensa amparada sempre por uma instituição que endossava seu discurso.

Nesse sentido, entendemos a atuação de Alzira Lopes a partir do pensamento de Sirinelli (1996) considerando o intelectual como ator político que se insere e atua nos debates políticos e cívicos de seu tempo. Nessa pesquisa, pensamos Alzira Lopes como intelectual por entendermos que com base em sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e em outras instituições nas quais qual se colocou em circulação, a educadora pôde acumular um capital simbólico e cultural que trouxe a ela notoriedade no que se referia à educação das famílias, atuando assim nos debates político-educacionais da época. Além de sua presença na coordenação e articulação das atividades desenvolvidas pela *Escola de Pais* do Brasil no posto de presidente da instituição, a intelectual ainda publicou diversos livros, artigos e proferiu palestras em diversos países e estados brasileiros, colocando seu pensamento e suas produções em circulação.

Muitos jornais e revistas, quando se referiam à educadora, utilizavam a frase “o casal Alzira Lopes”, por isso podemos ler essa utilização do sobrenome do marido como uma tática utilizada por ela para acessar a vida pública, inclusive assumindo maior visibilidade que o marido em sua atuação frente à EPB²⁷.

Alzira Lopes se manifestou por meio de artigos de revistas veiculadas pela *Escola de Pais* do Brasil e diversas palestras e congressos que tinham como elemento principal o preparo das famílias na educação de seus filhos.

arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados” (BOURDIEU, 1996, p. 61). Pensando na atuação de Alzira no campo religioso e educacional da época, sua atuação agregava na conservação das ideias católicas, obediência e educação familiar, princípios valorizados pela sociedade da época.

²⁷ Utilizamos o conceito de público a partir de Perrot (1998) compreendendo que o público “[...] tem aqui dois sentidos que parcialmente se recobrem. A ‘esfera pública’, por oposição à esfera privada, designa o conjunto jurídico consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidade; mas também os laços que tecem e que fazem a opinião pública” (PERROT, 1998 p. 7-8).

Essas práticas empreendidas por Lopes podem ser lidas na perspectiva de Certeau (1990). Para o autor, para a consolidação de práticas de atuação social adequada seria necessário que o intelectual se constituísse como autor dessas práticas e para isso “[...] é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1990, p. 142). Nesse caso, se a educação das famílias era o cerne das pesquisas e discussões veiculadas pela *Escola de Pais*, logo, para Alzira, esse também era seu objeto de significação e apreço.

No decorrer do capítulo, discutiremos como se consolidou a trajetória intelectual de Alzira Lopes à frente do projeto educacional mobilizado pela EPB. Tomamos a imprensa como fonte privilegiada neste capítulo, uma vez que foi a partir dela que conseguimos rastrear aspectos da trajetória intelectual de Alzira, seja pela sua escrita nesses periódicos, seja como eles a apresentavam e se referiam a ela. Primeiramente, a partir do que localizamos nos arquivos da Escola de Pais do Brasil e, mais especificamente, na seccional Curitiba. E, posteriormente, a partir da imprensa nacional.

A partir do pensamento de Bourdieu (2006), entendemos trajetória “como uma série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 71), compreendendo de que forma houve a construção intelectual de Alzira no cenário educacional brasileiro, sobretudo, no que tangia à educação familiar a partir de diferentes óticas.

A trajetória inicialmente será narrada a partir da Escola de Pais do Brasil, instituição em que dedicou mais de 20 anos de sua vida para a difusão do pensamento de uma educação familiar voltada à preservação da família nos moldes burgueses e dos valores cristãos, como a obediência e a religiosidade como pilares para a construção dessa família e de uma educação familiar exitosa. Para a consolidação dessa análise, discutiremos documentos, revistas e livros catalogados na biblioteca da referida instituição.

Posteriormente, traremos como Alzira era retratada pela imprensa nacional, como forma de descrever, com base nas notícias veiculadas pelos principais jornais do país entre as décadas de 1950 a 1990, o percurso intelectual e as conexões feitas por ela para difundir as ideias da Escola de Pais do Brasil e a aplicação prática do projeto de educação das famílias difundido no país desde a década de 1920.

Magaldi e Neves (2008) destacam que muitos intelectuais se empenhavam em promover projetos de educação familiar. No caso dos projetos católicos, “a questão educativa se articulava estreitamente com a organização da própria sociedade” (MAGALDI; NEVES, 2008, p. 105). Nesse sentido, podemos compreender como essa propagação dos ideais católicos a partir de projetos educativos voltados para as famílias estava estritamente relacionado o papel social assumido por Alzira frente à religião e a comunidade que compunha a Escola de Pais do Brasil.

Tais discussões são necessárias pensando que “trajetórias individuais ou coletivas, não se faz sem a articulação às redes e lugares, cuja construção e ação devem ser analisadas para a compreensão das intenções e ações desses atores” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 25).

1.1 ALZIRA LOPES PELA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL: UM RETRATO PINTADO PELO MOVIMENTO

Analisando as fontes disponibilizadas pela Escola de Pais de Curitiba, pudemos compreender como se deu o processo de consolidação de Alzira Lopes frente à instituição e como ela era lida pela entidade. A localização de diferentes fontes torna-se uma tarefa difícil quando se pretende contar histórias e trajetórias femininas, já que infelizmente e frequentemente arquivos de memórias femininas não são habitualmente preservados, o que traz um desafio para a produção de uma pesquisa histórica que tenha como objetivo delinear a trajetória de uma mulher em um referido tempo.

Nesse sentido, em visita ao arquivo, localizamos algumas fontes que norteiam o percurso percorrido por Alzira e os saberes que ela foi disseminando pela Escola de Pais em diferentes Estados e países. Alzira Lopes e seu marido ocuparam o cargo de presidentes da Escola de Pais do Brasil de 1964 até 1984 trabalhando à frente da educação das famílias, ou seja, em todo o período da ditadura militar. Quando descritas em revistas e jornais da instituição as pessoas que faziam parte do movimento, a primeira figura que aparece é a de um religioso, Padre Corbeil, o que demonstra como a religiosidade esteve presente no movimento e, de certo modo, respaldou a circulação de Alzira nos trabalhos formativos que ela fazia em nome da EPB.

Nesse mesmo fragmento de revista, há uma descrição como a presidente da Instituição empenhou-se na realização do Congresso Internacional em 1977, contando com a participação de representantes de países europeus, do Oriente Médio, África e América do Sul. Tal dado demonstra indícios de como Alzira trabalhava incansavelmente para obter reconhecimento e visibilidade nacional e internacional para a EPB e das ações desempenhadas por ela em prol da educação das famílias brasileiras.

No entanto, a missão era grandiosa: “auxiliar os pais, futuros pais e agentes educadores a “formar verdadeiros cidadãos. Preparar os pais e futuros pais para um mundo em permanente evolução e de constantes e grandes desafios sociais, familiares, morais e espirituais” (LOPES, JORNAL DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA, 19--). A divulgação dessa missão pelo jornal da arquidiocese é indicativa de que seu trabalho estava intimamente articulado com os projetos e as ações empreendidas pela Igreja Católica em prol da educação familiar.

Ela destacava que a Escola tinha um caráter preventivo, pois estava aberta a todos os interessados na educação e orientação de crianças e adolescentes preocupados com a melhoria da convivência entre pais e filhos. Para ela tal ação funcionaria em escolas ou igrejas de quaisquer denominações, associações de classe, empresas e centro comunitários, onde houvesse a possibilidade de reunir pessoas preocupadas com a sadia educação dos filhos.

Em outro registro, Alzira dá mostras de sua militância em prol da família, ao afirmar que a instituição tem por finalidade “aprimorar a formação dos pais, ajudando-os a melhor exercerem suas funções educativas na família e na sociedade e a valorizar, fortalecer e **defender** a família” (LOPES, [19--]).²⁸

Ela afirma: “nosso trabalho representa um ‘aprendizado em ação’, isto é, pretende atingir os pais enquanto educadores, para conscientizá-los de sua responsabilidade na formação dos filhos e ajudá-los no encontro de soluções para os problemas que afligem em sua tarefa educativa” (LOPES, [19--]).

Em uma revista publicada em 1972, localizamos uma carta de Alzira destinada a diferentes seccionais da Instituição em todo o país, relatando o quanto a atuação da EPB havia ajudado famílias na assertiva educação dos filhos. Trouxe depoimentos de filhos cujos pais eram participantes dos ciclos de

²⁸ Grifo nosso.

formação e afirmavam estarem agradecidos por fazerem parte daquele movimento. Em alguns dos depoimentos eram citadas expressões como “Deus lhe pague!” “Por Deus”, “Graças a Deus”, entre outras que denotam um tom de religiosidade cristã para os frequentadores da formação.

Ao final, ela trouxe uma imagem de professores de um grupo de uma escola pública que se envolveram com o movimento e na foto é possível identificá-la em destaque no centro, assumindo assim a imagem emblemática no movimento.

Figura 2 – Alzira Lopes com participantes da *Escola de Pais do Brasil*



Fonte: Jornal do Commercio publicado em 1972 localizado pela pesquisadora na Hemeroteca Digital.

Nesse mesmo discurso ela reforça que a *Escola de Pais do Brasil* é aconfessional e que buscava despertar nos casais uma “hierarquia de valores, [...] valores espirituais, dão um ‘sentido para a vida’ aqueles que permitem ao homem uma ‘ascese’ um crescimento que o leve para Deus” (LOPES, 1972, p. 15). É preciso, no entanto, não perder de vista de que os valores espirituais eram fundamentalmente católicos.

Ela ainda afirma que a EPB apresentava para ela uma esperança de “Que Deus nos ajude a continuar a defender tão nobre causa, pois ninguém mais do que ELE tem interesse de que haja um crescimento global da criatura

humana, e é o que tem conseguido esse singelo movimento” (LOPES, 1972, p. 15).

Tal documento²⁹, localizado no acervo da Escola de Pais seccional de Curitiba registra que Alzira Lopes, em 8 de junho de 1977, em Brasília, entrevistou o presidente Geisel³⁰. Tal entrevista pode apresentar indícios de como Alzira buscava diálogo com diferentes personagens da sociedade e como seu trabalho estava em consonância com o momento político e social do Brasil.

No texto, ainda há o relato de que Alzira, na saída, teve contato com Amália Lucy Geisel³¹, “com quem houve uma longa conversa para esclarecer detalhes que não puderam ser transmitidos ao Presidente”. Podemos inferir que conversar com a filha do presidente poderia ter sido uma tática mobilizada por Alzira para fazer com que laços se estreitassem com a figura feminina mais próxima do presidente ou indica apenas uma relação social próxima com os grupos que estavam no poder à época. A ausência de fontes, não nos permitiu compreender melhor essa relação da Alzira com a família Geisel.

Cabe aqui, no entanto, a discussão de como, a partir dessa aproximação com Geisel, Alzira agia de modo político com o objetivo de ampliar a força do movimento educacional proposto pela Instituição que ela coordenava. Isso incluía inclusive que ela tivesse um diálogo com pessoas ligadas à Ditadura Militar. Tal aproximação pode indicar também uma tática assumida pela intelectual para garantir a segurança de pessoas que faziam parte de sua rede de sociabilidade, que eram explicitamente contra o governo militar no Brasil, como Padre Charbonneau e Madre Cristina Sodré Dória.

Nessa mesma ocasião, o ministro da educação daquele período, Ney Braga³², prontificou-se a realizar a abertura do *XIII Congresso Nacional* e o *Congresso Mundial*³³ que ocorreriam em junho daquele ano, um indício do alinhamento do movimento com o poder político da época, tendo Alzira como mediadora desse diálogo, uma vez que os outros membros expressivos da *Escola de Pais* eram declaradamente contra o regime político da época.

²⁹ Não foi localizado maiores informações sobre o documento como ano de publicação.

³⁰ Ernesto Beckmann Geisel foi um político e militar brasileiro, que entre 1974 e 1979 foi o 29º Presidente do Brasil, sendo o quarto na Ditadura Militar brasileira.

³¹ Amália Lucy Geisel, nascida em 5 de janeiro de 1945, em Estrela, no Rio Grande do Sul. Graduada em 1966 em História pela Universidade Católica.

³² Ney Aminthas de Barros Braga foi um militar e político brasileiro. Foi prefeito de Curitiba, deputado federal, senador e governador do estado do Paraná.

³³ Realizado em São Paulo em 1977, denominado também na fonte como Congresso Mundial des Ecoles des Parents. Não foram localizadas informações mais detalhadas sobre o evento como ano e edição.

Não obstante as diferenças internas de posicionamentos em relação ao governo, a representação que circulou foi que a equipe “em torno de Alzira Lopes tem se mostrado infatigável” (CONGRESSO MUNDIAL DO BRASIL, 19--). Tal expressão localizada no documento sinaliza como ela estava cercada de pessoas que auxiliavam no projeto da *Escola de Pais* do Brasil, assumindo-se como verdadeiros colaboradores para que o ideal de formação para as famílias fosse colocado em circulação. Isso mostra também como esses sujeitos partilhavam dos mesmos objetivos e dos mesmos valores de Alzira, tratando como uma missão o trabalho realizado pela EPB, o que acaba por constituir uma rede de autoproteção que se constrói em torno de um projeto maior e de laços que vão se constituindo no interior desse trabalho.

Ao dialogar com as mulheres em uma mensagem em comemoração ao Dia das Mães, Alzira escreveu a um jornal da Escola de Pais do Brasil, descrevendo que a mulher no ambiente do lar deveria disseminar alegria, afirmando que deveria ser aquela “que elabora, cria e restaura momentos e ambientes de alegria. Capaz de alegrar-se, você também alegrará outros, apesar dos contratempos e lutas e independentemente das preocupações do dia a dia” (LOPES, 1978). Ainda descreve que as “renúncias filosóficas ou cruamente objetivas em favor dessa causa PAZ será a sua e a minha, mais valiosa colaboração para uma estrutura ou reestrutura positiva da família brasileira” (LOPES, 1978).

À medida que ela ressalta a importância da figura feminina na consolidação da educação familiar, dispensa para estas mulheres um poder e uma força que elas desempenhariam na formação da sociedade, a partir do gerenciamento educacional de seus filhos. Essa visibilidade feminina era um poder pulsante na sociedade, já que muitas lideravam movimentos de intervenção social, como foi o caso da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em que muitas mulheres, munidas de discursos conservadores, buscavam exigir uma organização social que privilegiasse a religião, a família e a liberdade.

Ao descrever que a mulher deveria adotar um comportamento otimista na administração da casa, ela descreve o papel social designado para a mulher como a responsável pela harmonia e alegria familiar, proporcionando ao marido e aos filhos bons e felizes momentos. Em seguida, ela descreve que deveriam renunciar ideias filosóficas que pudessem minimizar a contribuição delas na

consolidação e reestruturação da família de acordo com os valores morais prescritos para a época. É interessante observarmos que nesse período de ditadura militar, prescrever um afastamento das ideias filosóficas produziria também um efeito de cooptação de novos ou convergentes apoiadores do golpe.

“Alocar às mulheres a responsabilidade educativa das crianças sempre foi uma proposta defendida vigorosamente nos meios políticos e intelectuais brasileiros, por meio de uma mentalidade forjada nos moldes culturais português” (ALMEIDA, 1998, p. 31).

Figura 2 – Imagem presente no texto redigido por Alzira para comemoração do Dia das Mães



Fonte: Acervo da *Escola de Pais* do Brasil, seccional Curitiba.

A imagem permite fazer uma associação com a figura de Maria, já que a mulher apresentava traços de pureza e paciência, pronta para o exercício que seria para ela a sagrada missão feminina, a maternidade. Apresenta também elementos indicativos do modelo maternal que ela buscava inserir no imaginário feminino.

De acordo com Del Priore (2013), a educação das mulheres era alvo de políticas governamentais desde o governo Vargas, enfatizando que a educação feminina deveria preconizar a formação de mulheres “afeiçoadas ao

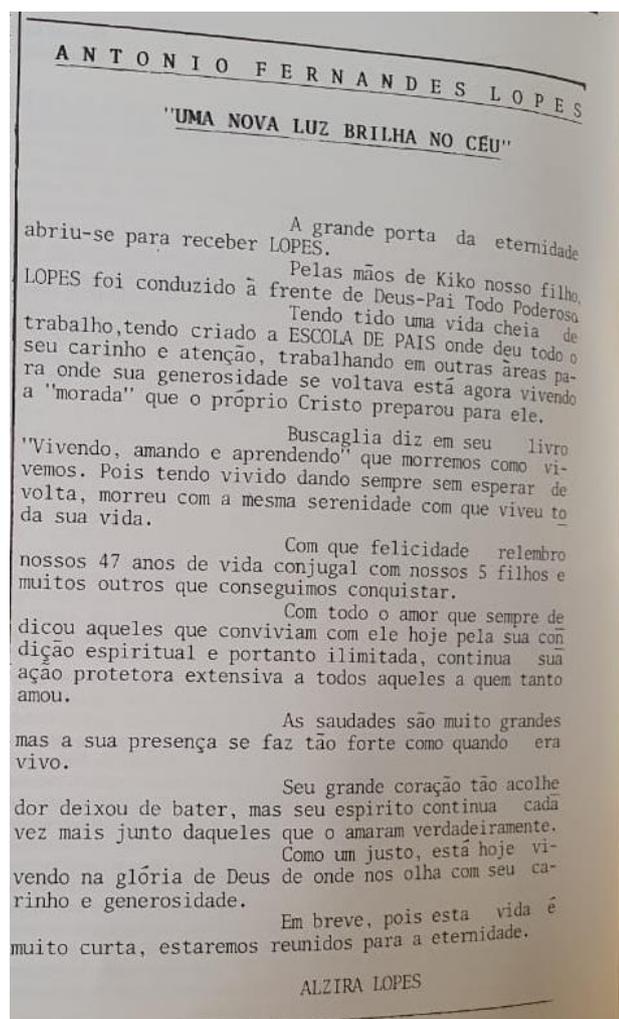
casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes na administração da casa” (DEL PRIORE, 2013, p. 56).

Em novembro de 1978, Alzira marcou presença no Seminário Regional de *Escola de Pais*, realizado em Curitiba. Nessa ocasião, ela fez a abertura do evento com a exibição do filme *Vida em família* e propôs ainda uma discussão sobre educação do adolescente. O evento ocorreu na Universidade Católica do Paraná, o que demonstra novamente o apoio de instituições católicas ao movimento.

No jornal do evento, ela declara o reconhecimento de todos que de algum modo contribuíram para a concretização dele, finalizando o discurso com a frase “Quereis salvar o mundo, salvai a família”. Com isso, traz à tona a tônica defendida pela escola como forma de reforçar a necessidade de ações em prol da família. O uso da palavra salvação também pode apresentar nas entrelinhas uma analogia ao catolicismo.

Um exemplo dessa grande aproximação com a fé católica está também na homenagem feita por Alzira, na ocasião do falecimento do marido, quando trouxe algumas informações de sua vida privada, como o falecimento do filho. Ela apresenta um discurso de cunho católico à medida que utiliza diferentes vocativos chamando a atenção para a figura de Jesus Cristo e de Deus.

Figura 4 – Texto escrito por Lopes para anunciar às diferentes seccionais o falecimento de seu marido



Fonte: Acervo da *Escola de Pais*, seccional Curitiba.

Além da homenagem do ponto de vista religioso, Alzira imprime em sua escrita uma forma de agradecimento pelos esforços e dedicação ao movimento da *Escola de Pais* do Brasil e à educação das famílias, projeto esse levado como missão de vida pelo casal Lopes. Ao enviar para diferentes seccionais tal homenagem ao marido, Alzira ainda eternizava e deixava documentado na memória da instituição a sua atuação no movimento de modo muito intimista.

Apesar de Alzira não estar como presidente da Escola de Pais do Brasil a partir de 1984, seu nome estava presente nas revistas posteriores à sua saída da presidência como participante do conselho consultivo da instituição, sinalizando que mesmo depois de se afastar da diretoria ainda participava da organização de palestras, livros e formação de novos casais de dirigentes da Escola de Pais.

Em um texto denominado *Um pouco de nossa história*, ela relata que a necessidade da fundação da instituição se deu porque o

[...] país passava a maior crise da história recente. As greves se sucediam, os preços subiam vertiginosamente, as instituições eram desacreditadas e a própria sociedade parecia em colapso. Na época dizia-se que o Brasil estava à beira do abismo... Nessa conjuntura inquietante um grupo de pais educadores, começou a juntar forças para enfrentar a tarefa de educar os filhos daqueles tempos difíceis. (LOPES, 1984).

Podemos discutir como a intelectual ganhou projeção a partir de sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e para constatar tal avanço utilizamos a imprensa como fonte privilegiada e que circularam entre as décadas de 1960 a 1990 em um panorama nacional.

1.2 RASTROS DE UM PERCURSO INTELECTUAL: REDES DE SOCIABILIDADE E PRÁTICA EDUCATIVAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS DEIXADOS NA IMPRENSA NACIONAL

Como observa Perrot (2007), para escrever histórias femininas são necessárias “[...] fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos” (PERROT, 2007, p. 21).

Todavia, a imprensa deixa algumas pistas de como alguém foi visto, retratado, quais de suas características ganharam mais notoriedade. No caso da Alzira, sua especialização profissional era reiterada em diversos jornais como estratégia que funcionava como argumento de autoridade. Neste caso, os jornais tornaram-se fontes privilegiadas, sendo eficientes “[...] para analisar múltiplos aspectos da vida social e política” (LUCA, 2015, p. 117) que Alzira apresentou ao longo de sua trajetória intelectual no campo educacional brasileiro.

A primeira ocorrência sobre Alzira Lopes, no entanto, aparece no jornal *Diário da Noite*, publicado no dia 23 de abril de 1964. Na notícia, destacam que Alzira estava à frente do movimento da *Escola de Pais* e na divulgação do primeiro congresso. Na reportagem, ela relata que a entidade que dirige “vem há tempos gerando uma nova mentalidade educacional dos pais de São Paulo, criando conseqüentemente uma juventude mais bem orientada” (DIÁRIO DA NOITE, 1964, p. 10). Enfatiza, ainda, que a *Escola de Pais* do Brasil tem “essa

missão fundamental de reeducar os pais modernos, apresentando-lhes soluções para os problemas educacionais” (DIÁRIO DA NOITE, 1964, p. 10). Em diferentes notícias, ela utiliza a palavra “missão” para caracterizar essa ação educativa das famílias atrelada também ao pensamento católico de fazer da tarefa educativa um propósito de vida.

Sapiro (2012) declara à luz do pensamento de Bourdieu³⁴ que os intelectuais “[...] ocupam uma posição dominada no seio das classes dominantes como detentores de um capital cultural que se diferenciou do capital econômico com a institucionalização do sistema escolar” (SAPIRO, 2012, p. 23). Nesse sentido, para a estudiosa, o capital simbólico individual está atrelado a títulos “[...] (diplomas, distinções, posição universitária, pertencimento a academias), que remetem a um capital de tipo institucional, seja ao renome, capital de reconhecimento encerrado em seu próprio nome” (SAPIRO, 2012, p. 23). Nesse caso, a circulação do pensamento de Alzira na imprensa ampliava seu capital simbólico, sobretudo junto às mulheres e, mais especificamente, às mães.

Em julho de 1964, o jornal *Diário de Pernambuco* anuncia a presença de Alzira na cidade de Recife, proferindo palestras com temáticas relacionada a Pais e Mestres, ministradas na Faculdade Católica da cidade.

Em 1965, ela fez uma palestra em Porto Alegre, no Instituto Educacional João XXIII e no Colégio Pio XII, na companhia de Maria Junqueira Schmidt, destinada à formação do conselho de pais das referidas instituições. No decorrer da matéria, ganhava destaque sua posição de liderança na *Escola de Pais* do Brasil e sua competência na discussão de temáticas relacionadas aos pais, bem como seu comprometimento com a vida escolar dos filhos.

Nesse mesmo período, Alzira foi entrevistada por Clovis Stenzel³⁵, sendo o programa transmitido em uma rede de televisão gaúcha e patrocinado pelo Instituto Social Cristão de Reformas de Estruturas. A participação de Alzira nesse programa promovido pelo deputado sinalizava como ela buscava legitimação tanto para si quanto para o movimento de educação familiar presidido por ela. Além disso, demonstrava como a discussão trazida pela

³⁴Sapiro (2012) baseou-se no livro *A distinção: crítica social do julgamento*, de Pierre Bourdieu (2007), para destacar o capital cultural dos intelectuais.

³⁵Foi político brasileiro e professor de psicologia da Universidade de Brasília, apoiou a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Era apoiador ferrenho da Ditadura Militar e inclusive o programa de TV criado por ele tinha como objetivo combater o governo de João Goulart.

intelectual fazia sentido para a manutenção do *status quo*, princípio esse interessante para a Ditadura Militar.

Em 17 de agosto de 1965, o Jornal *Luta Democrática*, publicado no Rio de Janeiro, relatou que Alzira participou de um evento representando o Capitão dos Portos, participando também da mesa diretora do evento, o que demonstra como a circulação dela se deu em diferentes instituições, buscando atingir um público diversificado.

O *Jornal do Brasil*, em diversas edições, veiculava a notícia que divulgava uma palestra ministrada por Alzira Lopes e Maria Junqueira Schmidt sobre a temática *A educação dos pais no Brasil*, utilizando como chamada para a reportagem “Padre fala hoje sobre a formação dos filhos”, com o apoio do Colégio Imaculada Conceição e patrocinado pelo Sesc, ganhando destaque a presença de Charbonneau na abertura do evento. A notícia sinaliza ainda uma rede de sociabilidade que foi se desenhando no início da trajetória de Alzira frente à EPB com a participação ativa do padre e de Schmidt em diferentes projetos e eventos de que ela participava, inclusive, os que eram difundidos pela *Escola de Pais* do Brasil, projeto esse que me parece um ponto de convergência entre tais personagens.

A partir da reportagem publicada pelo jornal *Correio Braziliense* em 19 de outubro de 1965, aparece a divulgação de uma Conferência de Educação Familiar, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura, contando novamente com a participação de Lopes. Citam ainda que ela projetou “filmes educativos”³⁶ e debates para discutir a importância da formação de casais para compor a *Escola de Pais*, atuando em diferentes movimentos e regiões do país. Tal estratégia é indicativa de como a partir desses casais ela vislumbrava a expansão da EPB e de seus ideais. Outra questão trazida pela notícia que precisa ser explorada é o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, já que em tempos de ditadura obter apoio do governo poderia indicar que as temáticas e discussões tecidas nas formações inculcariam os valores prezados pela Ditadura Militar, indicando um certo alinhamento tácito com o regime.

Em outra edição do referido impresso, há um detalhamento da temática que Alzira discutiria e como ela estava intensamente ligada com os problemas

³⁶ Tal expressão sinaliza um questionamento para pensarmos de que modo esses filmes educativos eram escolhidos em um cenário de ferrenha censura e como eles possivelmente contribuíam para a solidificação de um pensamento esquadrinhado na moral e obediência social.

e desafios que o regime teria que driblar para minimizar os conflitos entre seus adversários políticos e ideológicos. A temática “relações humanas no lar e problemas do desenvolvimento da personalidade” estava intimamente ligada ao objetivo do curso que, segundo a fonte, era “preparar os adultos para o tratamento direto com a infância e a mocidade sem que haja problemas de quaisquer espécies entre ambas as partes” (CORREIO BRAZILIENSE, 1965, p. 5).

Em diferentes impressos, é possível sentir nas apresentações de notícias relacionadas ao trabalho de Lopes frente às discussões da temática educação das famílias e sua atuação na EPB uma forma de chancela e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido por ela no Brasil nessa direção, aspecto esse importante inclusive para solidificar as discussões e fortalecer a EPB como movimento que visava o preparo das famílias para a educação adequada de seus filhos. Um exemplo desse reconhecimento é a notícia que foi veiculada pelo jornal *O Estado de Florianópolis* quando descreve que “A ESCOLA DE PAIS de Florianópolis conta com a sábia e experimentada orientação da Presidente da ESCOLA DE PAIS de São Paulo, D. Alzira Lopes” (O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS, 1965, p. 8).

No referido impresso, ainda aparece a passagem dela pelos colégios Coração de Jesus, Catarinense, Ginásio Nossa Senhora de Fátima e Escola Elementar Menino Jesus. Tal descrição das instituições nas quais ela circulou em virtude de seu trabalho na *Escola de Pais* do Brasil também sinaliza seu vigoroso trabalho em instituições católicas.

Outro impresso³⁷ circulado em 1966 mostra a ampla circulação de Alzira em colégios católicos em Curitiba. Em uma ocasião, o jornal cita a participação dela e de Charbonneau em 22 colégios, promovendo venda de livros e palestras que trabalhavam a temática da educação das famílias e, segundo o jornal *Diário da tarde*, com intensa participação do público curitibano. A palestra feita por Lopes, denominada “Conflito das gerações”, foi proferida no teatro da reitoria da UFPR e com o apoio financeiro do Sesc. Nessa mesma ocasião, Alzira dirigiu uma discussão intitulada “Patriarcado ou Matriarcado?”. Na página em que foram veiculadas tais notícias, aparecia com veemência propagandas e outros textos que tinham como leitores o público feminino.

³⁷ Notícia publicada pelo jornal *Diário da Tarde* nos dias 25, 26, 27 de abril de 1966.

Tal aparição de discussões tecidas por Alzira atreladas a propagandas e temáticas direcionadas para o público feminino pode ser entendida sob a perspectiva de Pinsky (2014) que descreve observando o caráter mercadológico da imprensa, já que eram criadas para serem vendidas e

[...] atrair anunciantes e proporcionar lucro para quem as produz. Para fidelizar um bom número de leitoras, as publicações femininas buscam na medida do possível, refletir um aparente consenso social, ou melhor ideias dominantes sobre as representações de masculino e feminino e o relacionamento de homens e mulheres. (PINSKY, 2014, p. 46).

Essa discussão poderia indicar como os papéis masculinos e femininos eram elementos de debates e por meio de suas palestras Alzira contribuía com a circulação de saberes sobre a temática. Observa-se também que, apesar dos avanços do movimento colocando lado a lado pais e mães no trabalho com os filhos, ao se referir às mulheres, Alzira reforçava muitas vezes um princípio importante para a conservação do patriarcado, tendo em vista que a educação “[...] para as mulheres destinava-se à sua preparação para o serviço doméstico e a futura maternidade. Educadas segundo essas aspirações, seriam companhias agradáveis para os homens que transitavam no contexto citadino” (ALMEIDA, 2008, p. 148) Desse modo, o preparo para tal educação trazia para as mulheres a sagrada missão de educar como uma cooperação para a construção da sociedade de acordo com os valores pensados para ela.

No jornal aparece a afirmativa de que o encontro teria finalizado com um culto ecumênico, trazendo à tona indícios de uma estrita relação entre o discurso de Lopes tanto na esfera educacional como na religiosa. Observa-se que a missão feminina de educar os filhos estava estritamente ligada à visão cristã de que na “mulher-mãe repousavam os mais caros valores morais e patrióticos, assim como delas se esperava a manutenção de uma família sólida, *célula mater* da sociedade brasileira” (ALMEIDA, 2008, p. 148).

Em 23 de março de 1966, o jornal *Diário de Pernambuco* ressalta a presença de Alzira na cidade para a fundação da *Escola de Pais* de Pernambuco, mostrando assim como seu trabalho na direção da EPB impulsionava a expansão da Instituição e abria novas seccionais, alcançando novos públicos em diferentes partes do país.

Alzira frequentemente aparecia nos jornais com falas objetivas e simples, com o objetivo de promover a *Escola de Pais* do Brasil e conquistar

novos seguidores para o movimento. Foi possível analisar tal discurso no *Jornal do Brasil*, publicado em 17 de junho de 1966, no Rio de Janeiro, cuja reportagem intitulada *Escola educa pais para o ano 2 mil* afirma que a instituição iria promover “[...] uma série de cursos sôbre os novos métodos psicológicos e pedagógicos para orientação do adolescente, a fim de atualizar os conhecimentos dos pais, numa educação para o ano 2000” (JORNAL DO BRASIL, 1966, p. 10) Partindo da temática discutida por Lopes na reportagem, presumimos que com frequência ela afirmava que a EPB utilizava métodos pedagógicos e psicológicos atuais, o que conferia um tom de modernidade e legitimidade para a sua atuação frente à diretoria da instituição e sua atuação com o público.

A temática educar para os anos 2000 resultou ainda para Lopes na publicação de um livro³⁸ que buscou discutir as demandas educacionais que o período necessitava. Consistia em uma narrativa interessante se analisarmos o cenário educacional e político da época que, ao mesmo tempo em que trazia a tônica de modernidade e renovação na educação dos jovens, apresentava como fundamental a valorização da obediência, princípio este fundamental para a implementação e manutenção de um governo ditatorial implementado no Brasil em 1964 e que perdurou por mais de 20 anos. Nesse sentido, vale destacarmos aqui a importância que as mulheres tinham também na circulação e viabilização para que esse pensamento se instaurasse na sociedade brasileira, pois “A intervenção feminina supunha-se capaz de uma ação moralizadora no seio da sociedade e serviria para manter a unidade da família e da Pátria. A função materna não mais era apenas biológica, mas social e patriótica, principalmente” (ALMEIDA, 2008, p. 142).

Em 3 maio de 1966, o *Diário do Paraná* apresenta em uma reportagem aspectos interessantes destinados à compreensão da trajetória de Lopes, tanto no que se referia à *Escola de Pais* do Brasil como também no seu próprio percurso profissional. Para eles, Alzira era “[...] presidente da Escola Nacional de Pais, técnica em Organização de Currículos e estágios de casais animadores de círculos de pais” (DIÁRIO DO PARANÁ. 1966, p. 5). Na mesma página, havia também a divulgação das principais atuações de Maria Junqueira Schmidt e de Teresinha Flam, mulheres que estariam com Alzira na execução

³⁸ Livro publicado pela Paulinas, em 1987.

e promoção do evento que aconteceria em Curitiba. O seminário contava ainda com o apoio da União Cívica Feminina³⁹ e do Arcebispado.

Obter o apoio da União Cívica Feminina (UCF) e do clero significava que as temáticas discutidas durante aquela formação fortaleciam as discussões tecidas por tais associações em relação à sociedade brasileira com forte cunho conservador. De acordo com Sousa (2018), essas associações “fizeram uma forte campanha anticomunista, levantaram a bandeira dos valores cristãos da família, da pátria e da nação” (SOUSA, 2018, p. 393). A UCF era uma entidade formada por mulheres abastadas, “[...] eram esposas de líderes políticos, de oficiais militares, de empresários e industriais. [...] o Centro investia no processo de emancipação intelectual, artística e moral da mulher” (SOUSA, 2018, p. 394). Ao mesmo tempo em que fortaleciam a intelectualidade feminina, buscavam pôr em circulação um modelo de feminilidade e de mulher dedicada à família e ao lar.

Observa-se que a UCF buscava promover uma educação moral, cultural e cívica, ancorada nos moldes de diversas instituições cristãs, e, assim como Alzira, colocava-se em circulação para evidenciar a necessidade de uma educação, sobretudo, familiar, que pudesse servir de instrumento de dominação tanto no âmbito político como religioso.

Na imagem a seguir há o registro de Alzira e de padre Charbonneau no evento promovido pelo Sesc com o apoio de diferentes entidades.

Figura 3 – Alzira Lopes em palestras promovidas pela *Escola de Pais* do Brasil

³⁹ Tal associação teve o apoio da Igreja Católica, do setor empresarial, de políticos e dos militares. Inspiradas na Doutrina de Segurança Nacional, criada pela Escola Superior de Guerra (ESG), buscavam, por meio das mulheres, disseminar a ideia de ensino pautado em elementos fundamentais da ditadura militar, como a repressão, por exemplo.



Fonte: Jornal Diário de Pernambuco publicado em 1966 localizado pela pesquisadora na Hemeroteca Digital.

Na imagem, é possível visualizar que um amplo público prestigiou o evento, contando ainda com uma expressiva presença feminina, tônica esperada, já que se promoviam discussões de ações que visavam a melhoria na educação dos filhos, papel que quase sempre recaía sob a responsabilidade de mulheres.

Ainda em 1966, aparece no jornal *Diário de Pernambuco*⁴⁰ a presença de Lopes em Recife em um evento para promover palestras de abertura da *Escola de Pais do Brasil*. A reportagem ocupou a parte superior do impresso, apresentando letras grandes em caixa-alta e negrito, trazendo a frase *Dirigente da Escola de Pais veio ao Recife reeducar casais*. A forma de escrita e posicionamento prático no jornal gerou uma visibilidade para o conteúdo trazido por Alzira, assim como trouxe consigo a ideia desse potencial educativo de sua presença para a reorganização da sociedade e dos princípios que nela estavam sendo postos em xeque com a falta de preparo dos pais na educação dos filhos. Esse caráter moralizador de sua presença ficou nítido em trechos nos quais ela ressaltou a diferença entre casais orientados para educar seus

⁴⁰ Publicado no dia 23 de março de 1966.

filhos e os que não dispõem de qualquer preparo para exercer tal função. Nas palavras de Alzira:

[...] que há na vida de certos casais verdadeiro marco: antes e depois dos contatos com a escola. A influência benéfica do serviço educacional, extensiva aos pais, tem operado transformações na vida conjugal de muitos de seus frequentadores. Demonstrando, dessa maneira, que atua diretamente na célula mater da sociedade: a família. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1966).

Em diferentes momentos e impressos, Alzira Lopes apresentava o potencial transformador que a EPB poderia fazer nas famílias que dela fizessem parte e reforçava ainda que a família é onde a sociedade nasce, organiza-se e finda. Desse modo, uma família desorientada teria que enfrentar diferentes problemas na educação e orientação dos filhos, problemas estes que refletiriam na sociedade como um todo, principalmente, surgindo como chancela para que movimentos rebeldes e fora dos padrões morais idealizados pelo regime e por certos grupos não fossem postos em prática. Nesse sentido, muito do que Alzira discutia e colocava em circulação reforçava valores primados pelos católicos e pelo projeto ditatorial instalado no Brasil que buscavam no discurso moral e na força da família, as bases de conservação de um determinado modelo de sociedade.

Em algumas reportagens, é possível termos uma ideia de como Alzira se constituía no campo educativo e religioso, atentando-se para a sua atuação frente à *Escola de Pais* do Brasil, principalmente no que se referia à formação de pais e à abertura de novas filiais do movimento. O jornal *Correio Braziliense*⁴¹ trouxe uma reportagem pequena, porém com características físicas que propiciava uma valorização do conteúdo ali discutido, pois ocupava o topo da página do jornal com o título em negrito.

Citam que Alzira tinha sido convidada com Maria Junqueira Schmidt para uma formação no Colégio Sacré Couer de Marie e, na reportagem denominam com ênfase que Alzira era psicóloga, dando indícios de sua trajetória formativa como também apresentando lugares e pessoas que frequentemente apareciam na imprensa e de certo modo compunham a rede de sociabilidade de Lopes.

Em 4 de abril de 1968, o jornal *A Tribuna* apresenta um relato de formação que ocorreria em Santos, no Colégio Coração de Maria, que servia

⁴¹ Publicado em 2 de julho de 1966.

como uma intimação para que os pais participassem das discussões propostas pela instituição. Naquele momento, o jornal destaca que Alzira falaria sobre as exigências que a sociedade daquela época impunha para a organização e orientação dos(as) filhos(as), impondo um modo operante que sem o devido preparo estaria fadado ao fracasso.

No mesmo ano, o *Correio Braziliense*⁴² traz uma reportagem intitulada *Pais são culpados pela desintegração familiar*. A chamada do jornal é feita de modo enfático sobre a responsabilidade dos pais no fracasso da organização familiar e ainda apresenta características importantes para chamar atenção do leitor para a temática discutida. O título foi construído em negrito, com letras grandes, ocupando meia página do jornal e a notícia era capa do segundo caderno.

Com base nas discussões feitas a partir da necessidade educativa da família, Alzira declara que “Nós, os pais, apesar de não sermos os únicos somos os grandes responsáveis pelas principais falhas da juventude contemporânea” (CORREIO BRAZILIENSE, 1968, p. 6). Em outro trecho, ressaltou ainda a singularidade da organização que dirige, porque “previne os problemas familiares e sociais, em vez de remediá-los como Instituições congêneres de outros países” (CORREIO BRAZILIENSE, 1968, p. 6). Nesse fragmento podemos ver indícios de que Alzira circulava em diferentes Estados brasileiros e até mesmo em outros países, o que propiciava para ela uma ampliação de ideias e cultura.

“Fala-se muito em infraestrutura e reforma de base, mas sem que se atinja a família, não se pode afirmar que qualquer mudança foi plenamente feita”. Nesse trecho, ela apresenta uma crítica às famílias brasileiras e ao modo como elas dirigem a educação de seus filhos. Apesar de inferir que os brasileiros estão à margem das mudanças sociais e culturais que se instalavam no mundo, ela destaca que quando se trata da educação de seus próprios filhos, o cenário muda e os pais começam a se dedicar e a se preocupar com os rumos que essa orientação tomará. Nesse sentido, as palestras que ela proferia em nome da EPB e a própria logística de organização e ampliação dessa instituição a qual ela estava vinculada eram iniciativas que colocavam em sua visão o Brasil em vantagens na formação da sociedade, já que de certo

⁴² Publicada em 29 de fevereiro de 1968.

modo muitos pais procuravam a instituição e suas formações para a ampliação de sua capacidade educativa.

Ainda em abril de 1968, o jornal *O Estado de Florianópolis* destaca na seção de avisos culturais da cidade de Lages a presença “honrosa” de Alzira e demais autoridades importantes do Estado, como o secretário de educação para a abertura da primeira *Escola de Pais* da cidade. Nas palavras descritas no impresso, “[...] O auditório do Centro Educacional naquela noite foi pequena para abrigar o grande número de casais que lá compareceram” (O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS, 1968, p. 2). O modo como o jornal destaca a notícia e a presença do secretário demonstra que além do apoio popular, ela, como presidente de uma instituição expressiva para a educação familiar no Brasil, podia contar ainda com o apoio do governo e da imprensa. Observamos também que em grande parte dos impressos ela aparece recebendo elogios pela sua atuação e protagonismo frente à presidência da EPB. Em poucos jornais observamos a descrição como casal Lopes ou a citação de seu marido Antonio Lopes quando se referiam à presidência da EPB da qual ele também fazia parte. Isso demonstra como Alzira, por meio do movimento, alcançou projeção na vida pública por si mesma e passou a ser considerada como figura importante para a ascensão da instituição e da circulação do pensamento católico defendido por ela em diferentes lugares do Brasil.

Em 15 de junho de 1968, a *Tribuna* declara um aspecto importante da trajetória de Lopes que deve ser analisado cuidadosamente. Na reportagem intitulada *Projeção no exterior*, aparece um pequeno trecho relatando uma viagem de Alzira, nesse caso, acompanhada pelo marido, ao Uruguai. A visita tinha como objetivo a organização de uma *Escola de Pais* naquele país. O jornal cita que a *Escola de Pais* do Brasil surgiu “[...] nos moldes da existente na França, mas tantos foram os aperfeiçoamentos introduzidos que os franceses vão reestruturar a sua tendo como exemplo a nossa” (A TRIBUNA, 1968, p. 3).

Tal manchete e notícia teve lugar de destaque no referido impresso, pois ocupou a seção de avisos sobre as instituições, sendo descrita na primeira parte da seção, na parte superior da página, trazendo mais visibilidade para os tópicos ali discutidos. Como citado acima, houve uma valorização do trabalho brasileiro na reestruturação de uma Instituição internacional, o que nos faz refletir como Alzira e demais intelectuais, como Maria Junqueira, Padre

Charbonneau e outros, fizeram com que suas projeções pessoais permitissem que a Instituição ganhasse escopo e fama em um cenário internacional. O jornal declara ainda que Alzira havia recebido um convite de Israel para a discussão da temática da educação das famílias e que naquele mesmo ano era prevista a presença de Alzira no país. Perrot (2007)⁴³ desperta para o entendimento de que as mulheres estão em constante mobilidade, viajam, trabalham, saem e em diferentes perspectivas participam da mobilidade social, sendo em muitos casos legitimadas desde que cumpram com as demandas defendidas no âmbito social.

“As mulheres, enfim, fizeram viagens, em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De uma maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou de apoio” (PERROT, 2007, p. 138). Nesse caso, Alzira tinha uma circulação nacional e internacional na perspectiva que sua atuação profissional e, socialmente, pode-se dizer que contribuía para a manutenção do *status quo*.

Em Curitiba, em 9 de setembro de 1968, ela destaca na reportagem *Filhos vão sofrer em 2.000* que

A vida está se tornando cada vez mais competitiva e nossos filhos viverão no 2.000, terão problemas muito complexos para resolver, cabendo a nós pais, armá-los com grandes reservas pessoais, caso contrário sucumbirão nas lutas. [...] Urge que reformulemos os nossos princípios e modernizemos nossos métodos tradicionais de educação, tornando-os mais condizentes com o mundo atual. (DIÁRIO DO PARANÁ, 1968, p. 4).

Ela destaca com ênfase a necessidade do aprimoramento técnico para educar os filhos. No pensamento de Alzira, para novos tempos, havia a necessidade de métodos modernos para que efetivamente alcançasse o sucesso educativo. Referem-se a ela também como assistente social, o que na discussão desse trabalho inclui-se como mais uma profissão que lhe era atribuída além da de professora e de psicóloga.

No mesmo dia e ano da notícia acima, aparece no *Diário do Paraná* uma seção que divulgava aos leitores filmes e entrevistas que seriam transmitidas naqueles dias. Nesse caso, aparece a informação de que “[...] em importante entrevista no programa *Tevelândia*, D. Alzira estará falando sobre o 2º seminário de pais que se realizará aqui em Curitiba” (DIÁRIO DO PARANÁ,

⁴³ Perrot (2007), *História das mulheres*.

1968, p. 3). A aparição de Alzira na televisão sinaliza que aos poucos ela foi se valendo de diferentes dispositivos para pôr em circulação suas ideias, assim como proporcionando o fortalecimento e trazendo visibilidade para as demandas e pautas defendidas pela intelectualidade católica. Naquela ocasião, ela falaria para o público curitibano sobre a temática *Trabalho, lazer e educação na formação da juventude*.

Em 17 de setembro de 1969, no jornal *Diário de Natal*, surge a divulgação de uma palestra feita por Alzira no Colégio Coração de Maria, abordando a temática *Exigência do mundo de amanhã*.

No mesmo ano, o jornal *Diário de Pernambuco* cita a morte de seu filho Kiko, mostrando que em alguns momentos a imprensa citava um pouco de sua vida privada para além da vida profissional, o que denotava uma proximidade entre os problemas que tinham os leitores e partícipes reais da EPB e a vivência pessoal de Alzira.

Com frequência a imprensa referia-se à Alzira como “[...] professora universitária, escritora e educadora de largo conceito” (DIÁRIO DE NATAL, 1969, p. 4). Tais afirmações compõem a ideia de legitimidade das discussões feitas por Alzira referente à educação das famílias.

No decorrer do texto, Alzira Lopes destaca que a *Escola de Pais* tinha como objetivo trabalhar preventivamente com as famílias temáticas que pudessem ser dificultosas no decorrer da educação dos filhos como forma de prevenção do fracasso educacional familiar. Para ela, *Ser boa mãe também se aprende na escola*, no título da reportagem⁴⁴ aparece a palavra mãe negritada, o que remete à ideia de destaque ao público para o qual tal notícia seria destinada. Há também na mesma página diferentes reportagens e propagandas sobre assuntos relativos ao mundo feminino, principalmente sobre moda e cuidados com a casa, na perspectiva do lugar que a mulher ocupava na sociedade da época. Como destaca Nicolete e Almeida (2017), nas diferentes notas dirigidas ao público feminino nos jornais e nas revistas, as publicidades destacavam “sobre algum novo utensílio doméstico importante para ajudar as donas de casa nos seus labores. Afinal era assim que o mundo público representava sua imagem e simbolismo: as rainhas do lar” (NICOLETE; ALMEIDA, 2017 p. 206).

⁴⁴ Publicado no Jornal do Brasil, em 12 de maio de 1969.

Nesse caso, trazer um texto sobre a maternidade atrelado a outros conteúdos que as mulheres consumiam com facilidade trouxe para a autora um espaço de ampla divulgação do que parte da sociedade esperava da figura feminina no exercício de seu papel maternal reforçando assim uma representação da função social das mulheres como mães.

Ao falar sobre como surgiu a *Escola de Pais* no Brasil e os principais benefícios dessa instituição na organização familiar brasileira. Para ela, a instituição assumia um caráter preventivo, tendo em vista os problemas vivenciados pelas famílias naquele período. “Terminando o curso, os pais saem não só mais capacitados, para a educação dos filhos, mas, também, mais enriquecidos humanamente. Eles se tornam mais amadurecidos, com uma verdadeira hierarquia de valores” (JORNAL DO BRASIL, 1969, p. 8).

Ela citava ainda que assumindo essa postura em defender os valores importantes para a organização da família, os pais contribuíam também para a organização social e para além da aplicação na vida privada e poderiam agir em diferentes campos da sociedade brasileira. Entendemos nesse caso campo a partir da ótica de Bourdieu (1989) como “um universo relativamente autônomo de relações específicas com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual” (BOURDIEU, 1989, p. 65-66). Podemos entender também, de acordo com as relações de força estabelecidas, sendo entendido como “um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2006, p. 22-23).

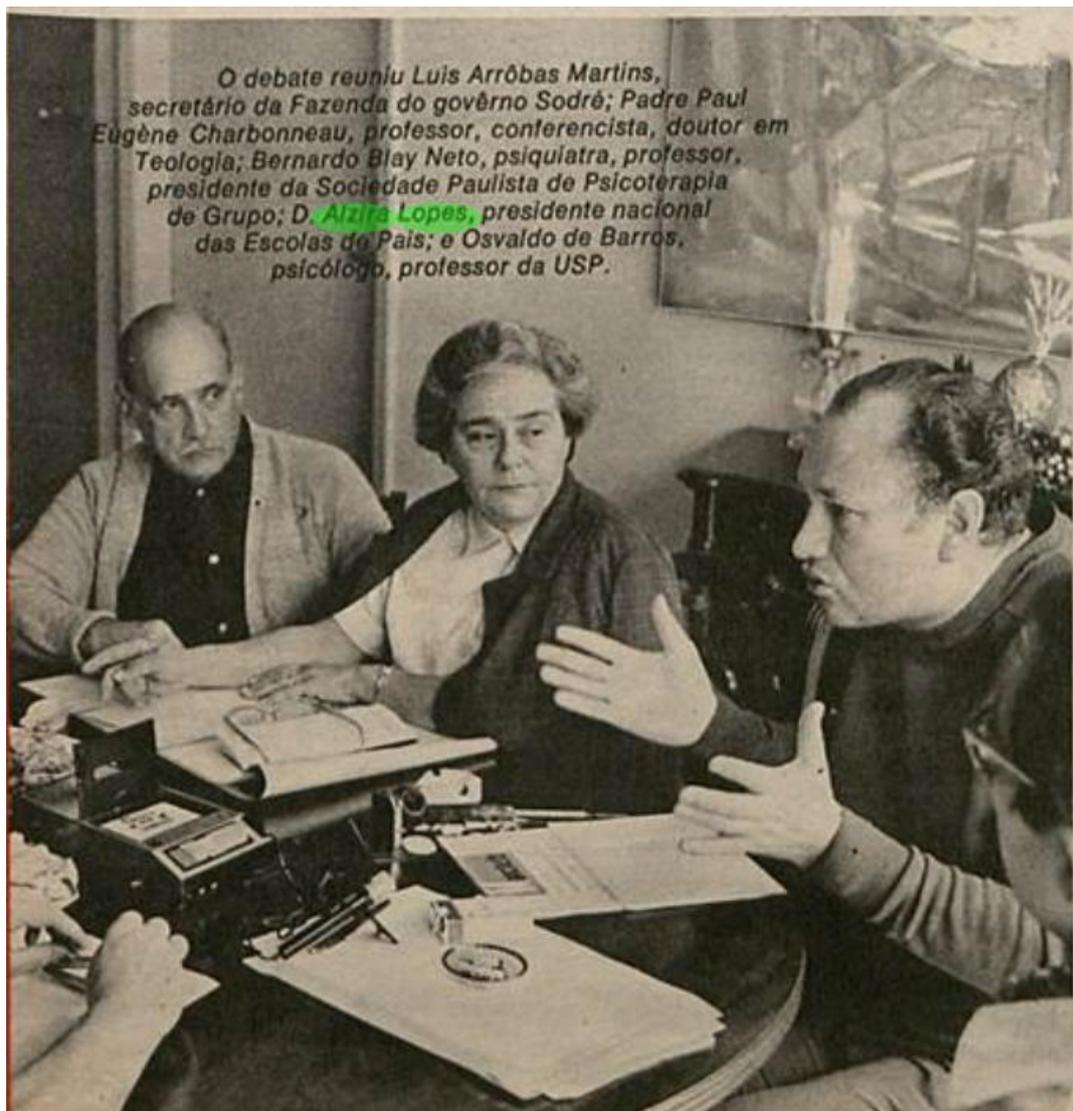
Em uma reportagem feita pela revista *Manchete*, há uma discussão sobre como vai a família brasileira, que conta com a presença de Alzira Lopes, Padre Charbonneau, D. Bernardo Blay Neto e o secretário de governo Arrôbas Martins. Tal participação de Alzira sinaliza que ela tinha uma conversa e uma parceria com o governo no que se referia à discussão da educação das famílias no Brasil, o que traz a ideia de que muito do que se pretendia discutir como preceitos importantes para a construção social da época corroborava com a permanência do regime ditatorial em voga.

A reportagem e a discussão das figuras citadas estavam em torno da pergunta feita pelo impresso. “A família é uma Babel?”. No decorrer da matéria, aparecem poucas contribuições de Alzira no grupo de discussão sobre o que ela pensava do tema, porém ela estava ocupando um espaço de debate,

servindo-se como meio para as questões trazidas pela Igreja a partir de Charbonneau e do Estado pela presença de Bernardo Blay Neto.

Perrot (2007) destaca que a situação da mulher historicamente demonstra uma subalternidade em detrimento da participação masculina na sociedade em diferentes cenários e campos. Em suas palavras, ela define que escrever, pensar, “[...] pintar, esculpir, compor música... nada disso existe para essas imitadoras. Até a costura ou a cozinha, práticas costumeiras das mulheres, precisam tornar-se masculinas para serem ‘alta’ (a alta costura) ou ‘grande’ (a grande cozinha)” (PERROT, 2007, p. 97). O que não era o caso de Alzira, pois apesar de ter tido poucas falas transcritas no jornal, ela gerenciava suas aparições com maestria e assumia um lugar de protagonismo nas discussões tecidas, colocando-se em circulação com importantes líderes religiosos e políticos. Na Figura 6, é possível vermos o registro desse encontro.

Figura 6 – Alzira Camargo Lopes e Charbonneau com secretário do governo militar



Fonte: Revista Manchete publicada em 1970 localizado pela pesquisadora na Hemeroteca Digital.

Na revista *Realidades*, há um trecho em que Alzira descreve como houve expressivas mudanças no modo como os jovens vivem atualmente, o que impacta de forma significativa a organização do lar. Relata como a mudança de comportamento trouxe para as famílias diferentes problemas e como ela em sua vida privada também precisou lidar com isso. Em suas palavras:

Eu e meu marido não fumamos, mas nossas duas filhas mais velhas fumam na nossa frente. Realmente nós não gostamos que elas fumem, mas não se pode impor nada aos jovens, como se fazia antigamente, quando até o casamento era combinado com o pai. (REALIDADE, 1970, p. 44).

No *Jornal do Brasil*, publicado em 2 de março de 1971, uma reportagem cita informações importantes sobre a *Escola de Pais* e surge uma fala de Alzira sobre sua obra *Escola de Pais* como uma grande experiência. Tal aparição demonstra uma estratégia editorial como forma de colocar o livro em circulação. Como sinalizava Perrot (2007), historicamente “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa” (PERROT, 2007, p. 97).

Alzira Lopes, nas entrevistas, relatava ainda quais locais e como ela os selecionava para ministrar suas palestras e trabalhos em nome da *Escola de Pais* do Brasil. Em suas palavras:

[...] escolhemos como local de trabalho os educandários por ser o mais democrático, por ter uma capacidade de maior cobertura e por oferecer facilidade para a convocação dos casais; com esse sistema a *Escola de Pais* atinge ao mesmo tempo todas as classes sociais e todas as regiões, indo ao encontro do princípio de que haverá maior circulação de ideias uma vez que cada um é depositário de uma originalidade e de valores pessoais que ficarão à disposição de todos. (JORNAL DO BRASIL, 20/7/1971, p. 4).

Como afirmava Perrot (2007), ao ocupar o espaço público na promoção ou participação de ações formativas, as mulheres apresentam-se quase sempre em “massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, donas de casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las (PERROT, 2007, p. 21). Nesse caso, ao promover espaço de propagação e difusão de ideais educativos, tendo como público privilegiado casais, que quase sempre se resumia à participação da mulher na educação dos filhos, Alzira construía esse espaço de intervenção coletiva aprofundado por Perrot (2007).

No *Jornal do Commercio*, publicado em 27 de agosto de Manaus,

Diz a professora Alzira Lopes que o homem é produto do lar, pois vive e cresce naquele ambiente, que se fôr sadio de acordo com as normas do bem viver, terão um futuro sem frustrações. D. Alzira Lopes, uma mulher inteligente e simples, conhece todo o Brasil. Em entrevista concedida ao JC, falou de muitas coisas além da EPB, inclusive de futebol, dizendo que torce pelo São Paulo e Vasco da Gama. Falou do Pelé, analisou a situação da juventude. Afirmou que o amazonense deve se orgulhar não apenas de viver no maior Estado brasileiro, mas, por pertencer à região mais rica do país. Disse ainda

que o brasileiro só poderá dizer que conhece o Brasil, após conhecer a Amazônia. (JORNAL DO COMMERCIO, 27/8/1971, p. 6).

Segundo o jornal, ela expressa sua opinião sobre o futebol da época e o curioso é como o impresso anuncia veemente sua confissão religiosa. Além disso, sinaliza uma imagem de uma mulher moderna bem-informada sobre assuntos inerentes à família e a outros temas que lhe atribuía um ar de modernidade, já que expressava suas opiniões sobre diversos outros temas da sociedade, como foi o caso do futebol e do cinema. A discussão de temas populares poderia também aproximar um novo público das temáticas que Alzira buscava discutir.

No *Jornal do Commercio* de 15 de abril de 1972, usam como subtítulo para a notícia “*mulher feliz*”⁴⁵, em caixa-alta e negrito, uma estratégia de utilização de um título atrativo, sobretudo, para o público feminino, o que pode ser indicativo da intenção de alcançarem o público feminino com os exemplos e afirmações contidas ao longo do impresso. Descrevem que:

A senhora Alzira Lopes é uma mulher inteligente e muito feliz, natural do Estado de São Paulo, casada e mãe de 5 filhos e avó de 3 netos. É formada em pedagogia e desde 1963 trabalha na *Escola de Pais* do Brasil, sendo no momento presidente da organização, além de pertencer aos quadros administrativos da Federação Internacional da *Escola de Pais*, com sede em Paris. (JORNAL DO COMMERCIO, 1972, p. 6).

Na reportagem, ao trazer características da vida privada de Alzira, pretende-se torná-la próxima do público leitor à medida que ela se define como uma mulher bem-sucedida, tanto no âmbito familiar, como no profissional. Citam ainda a instituição à qual ela estava vinculada como uma estratégia para legitimar sua importância no cenário educacional. Em suas palavras, Alzira afirma: “Sou uma mulher realizada. Conheço todo o meu país, a Europa e outros locais, fora isso sinto-me perfeitamente bem no trabalho que realizo, por ter a certeza de que estou fazendo o bem a outra pessoa (JORNAL DO COMMERCIO, 1972, p. 6).

Afirma que sabe fazer bons quitutes numa cozinha e não conseguia definir um prato favorito. Gosta de frutas e estava desejosa de saborear nosso cupuaçu. Tal descrição feita pelo jornal retoma de forma implícita o papel social que as mulheres deveriam ocupar na sociedade, pois mesmo trabalhando e

⁴⁵ Expressão utilizada no título do impresso.

sendo bem-sucedidas em suas atribuições profissionais, elas ainda deveriam dedicar-se à vida privada e doméstica como forma de cumprir o papel social a que estavam designadas.

Pinsky (2014) descreve que frequentemente era difundido pela imprensa “as imagens femininas ainda se pautavam por antigas referências – como ‘boa moça’, a esposa dedicada a satisfazer os desejos do marido, a mãe cuidadosa e a dona de casa responsável e aplicada” (PINSKY, 2014, p. 64).

Alzira ainda afirma que para ela:

Hoje, as minhas diversões são bem poucas. Quando nova gostava de bailes. No seu entender, a política é positivamente necessária, desde que para desenvolver o sêr humano. Aceita a música jovem, muito embora não despreze as valsas e o bom samba. Achando a juventude brasileira alegre e sadia, entusiasta e patriota. (JORNAL DO COMMERCIO, 1972, p. 6).

Ao afirmar que entender de política era uma atitude necessária desde que utilizada para o “bom desenvolvimento humano”⁴⁶, ela reforça a ideia de obediência atrelada à esfera religiosa e familiar e alinhada ao regime ditatorial brasileiro em voga no período descrito pela reportagem. A perpetuação do princípio da moralidade e obediência era de extremo interesse tanto da Igreja como do governo, principalmente atentando-se que era na juventude que tais princípios caíam em desuso e uma educação familiar pautada no reforço de tais características preveniria jovens desajustados⁴⁷.

O *Jornal do Brasil*, publicado em 8 de julho de 1973, traz uma reportagem extensa sobre a *Escola de Pais*, citando em muitos momentos a importância de Alzira Lopes para o movimento. Em um dos trechos, aparece a seguinte afirmação dela sobre como as famílias deveriam encorajar e mediar as relações e a educação, já que “encontram os meios para resolver os problemas, aceitam a reação dos filhos e sabem bem por que reagem. Sabem, por exemplo, que hoje, em vez de ter um filho bonzinho e obediente, é melhor que ele aprenda a usar sua liberdade” (JORNAL DO BRASIL, 1973, p. 3). Saber como mobilizar e modelar a liberdade eram aspectos importantes para a

⁴⁶ Expressão utilizada por Lopes no referido jornal em outro trecho que reforçava a necessidade de as famílias propiciarem momentos formativos que resultassem na formação e no desenvolvimento de bons humanos. Certamente, em seu entendimento, seriam bons aqueles que se mantivessem coniventes com as estratégias políticas e organizacionais da sociedade naquele momento, sem questioná-las.

⁴⁷ Expressão utilizada no período para definir aqueles jovens que se rebelavam contra o regime ditatorial ou outras regras conservadoras impostas na sociedade.

minimização dos conflitos e ações empreendidas por jovens, principalmente aqueles que trabalhavam contra o regime militar.

No jornal *Diario de Natal*, numa reportagem intitulada *Estrutura familiar*, há o registro de um evento no qual Alzira participou, novamente, frente à EPB, com o apoio e a participação do governo do Estado do Rio Grande do Norte, sinalizando como sua atuação contava também com o apoio e a legitimação do campo político. Observamos que, frequentemente em suas palestras ou cursos ministrados em nome da EPB, havia a colaboração de uma figura importante para a Igreja Católica. Nesse caso da reportagem trazida pelo jornal em 1974, contou com a participação e com o apoio do arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, para a realização do evento.

O impresso destaca que Alzira era fundadora da Instituição e ativa participante na direção desse movimento. Tal afirmação sinaliza como a imprensa brasileira destaca com frequência o quanto de si Alzira depositava na liderança da EPB e na promoção de seus valores. Naquela ocasião, destacaram que em sua palestra ela buscou explicar aos participantes que “[...] educar um filho é fazê-lo independente. Ele precisa se autodirigir e ter responsabilidade sobre seus próprios atos [...] trata-se de educar os pais” (DIARIO DE NATAL, 14/05/1974, p. 6). Na página em que essa notícia foi divulgada, havia outras reportagens e propagandas direcionadas ao público feminino, o que pode sinalizar que se pretendia que as mulheres se atentassem às questões descritas sobre como deveria se dar a educação dos filhos, pois tais características sinalizam que das mulheres “[...] muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (PERROT, 2007, p. 22).

Em 1979, o *Jornal do Brasil*⁴⁸ relata uma fala de Lopes em uma de suas entrevistas, citando que “[...] O desconhecimento do processo educacional, de modo geral, é universal: os pais não sabem educar os filhos e os pais brasileiros não diferem de pais de outras partes do mundo” (JORNAL DO BRASIL, 1979, p. 8). Tal afirmação servia também como uma legitimação de sua atuação, já que mostrava que suas discussões eram frutos de estudos e experiências acumuladas inclusive por suas viagens.

O jornal ainda descreveu alguns aspectos importantes sobre a vida pessoal e profissional de Lopes, como na ocasião em que ocupava o cargo de

⁴⁸ Publicado em 16 de junho de 1979.

vice-presidente da *Fédération Internationale Pour L'Education des Parents*, por exemplo, citando ainda que ela tinha cinco filhos e sete netos e o motivo pelo qual ela se dedicou à fundação e à promoção da EPB. Para ela: “Tínhamos de reformular a educação que tínhamos recebido para educar melhor nossos filhos...” (JORNAL DO BRASIL, 1979, p. 8) e ao conhecer a *Escola de Pais* de Paris com o marido, destacou que “seria oportuno para nós, brasileiros, termos também uma” (JORNAL DO BRASIL, 1979, p. 8). Para isso, cercou-se de

[...] conselho de educadores, todos professores da Universidade de São Paulo, com clínicas e consultórios de orientação, que estão com todos os problemas da educação nas mãos. Para que os pais não tenham esses problemas esses educadores dão à *Escola de Pais* o conteúdo pedagógico necessário. (JORNAL DO BRASIL, 1979, p. 8).

Além de mobilizar os aprendizados construídos a partir de sua viagem à Paris, ela se valeu também da troca de experiências com colegas psicólogos para legitimar sua prática e ações formativas empreendidas na *Escola de Pais* brasileira. Ela afirmava que é “importante aceitar o filho como ele é, não como gostaríamos que ele fosse. Fazer com que seja alguém feliz, não o nosso prolongamento”.

No mesmo jornal, citam que o movimento liderado e propagado por Alzira é de inspiração cristã, o que traz proximidade com o pensamento ideológico da Igreja Católica aplicado também na educação religiosa de seus membros. Apesar de ter seus princípios fundados na fé católica, a intelectual afirma que trabalhavam com a família brasileira abrangendo diferentes princípios religiosos. Em contrapartida, ela defende a necessidade de uma religiosidade e se pensarmos que muito de suas palestras eram ministradas a fim de promover a EPB e tratar de problemas relativos à educação das famílias, havia então pinceladas do dogma católico nessas formações, tornando-se uma forma também de circulação do projeto de educação católico pensado para a sociedade brasileira naquele período. Pinsky (2014) traz a discussão de que as produções de certas instituições, dentre elas as educacionais e religiosas, estabelecem uma relação de mútua influência, trazendo à tona a conservação de certos hábitos e valores, principalmente aqueles relacionados ao conservadorismo e papéis sociais de homens e mulheres ocupados na sociedade ao longo do tempo.

No mesmo ano, o *Jornal do Brasil*⁴⁹ destaca uma entrevista de TV na qual ela participou, no canal 4, especificamente na TV da Mulher⁵⁰, no programa Ponto de Encontro, ocasião em que foi entrevistada por Marília Gabriela. Essa notícia remete à ideia de que muito do que Alzira discutia era destinado ao público feminino e como ela se valia de diferentes meios para colocar seu pensamento em circulação e de alguma forma imprimir na educação familiar brasileira seus princípios.

O jornal *Correio Riograndense* publicou em 7 de setembro de 1983 uma extensa matéria sobre educação e sexualidade em que Alzira Lopes comentou sobre alguns aspectos que ela julgava necessários para reflexão e aprofundamento, principalmente para os pais. Para ela, havia diferenças importantes entre o conceito de sexualidade e sexo. Em suas palavras:

Sexo é fisiológico. É o que acontece no corpo em consequência do funcionamento glandular. É o aspecto genital do ser humano. [...] Sexualidade é aquilo que somos por causa do sexo que temos. É o uso que fazemos do nosso sexo, é propriamente a nossa masculinidade ou feminilidade. A educação sexual favorece a evolução psicológica da criança, protege e orienta o desenvolvimento bio-psico-social na infância, na meninice e adolescência. (CORREIO RIOGRANDENSE, 1983, p. 16).

Ela destacou ainda que:

Os jovens precisam ser orientados no sentido de valorizar o sexo. Não há demérito em ser homem ou mulher. Mas se for homem que tenha as características do ser humano masculino e se for mulher que tenha as características do ser humano feminino. Os jovens de ambos se defrontam com a onda de permissividade e libertinagem que grassa as novelas, nos filmes e nas revistas tidas como especializadas em sexo. É um bombardeio contínuo sobre a personalidade dos adolescentes, confundindo-os e impedindo-os de desenvolver uma escala de valores compatíveis com os códigos da moral e dos bons costumes. (CORREIO RIOGRANDENSE, 1983, p. 16).

Apesar de no início de sua discussão tecer argumentos como se homens e mulheres tivessem as mesmas vantagens e desvantagens sociais, nas entrelinhas acaba destacando como era necessário que a mulher fosse feminina e considerassem o casamento, vida no lar e maternidade como meta de vida.

No trecho acima, há ainda a extrema valorização da virgindade, que se apresenta como uma estrita relação entre o conceito de honra feminina e o “[...]”

⁴⁹ Publicado em 2 de março de 1982.

⁵⁰ Programa de variedades voltado para o público feminino, transmitido ao vivo pela Rede Globo de televisão de 1980 até 1986.

de virtude sexual (virgindade, pureza, ignorância) [que] favorece o controle sobre a sexualidade das mulheres e, em última análise, privilegia a hegemonia do poder masculino nas relações sociais” (PINSKY, 2014, p. 124).

Alzira cita ainda que os adolescentes precisam saber dos pais o que é bom e mau em termos de sexo. “Sexo é uma parte importante das relações entre homens e mulheres, mas não é tudo. O fim da adolescência termina quando o pai e a mãe renunciam ao controle dos filhos” (CORREIO RIOGRANDENSE, 1983, p. 16). Historicamente, do ponto de vista educacional, o sexo e assuntos relacionados a ele eram tratados como tabu por parte das famílias, escolas e instituições religiosas. Pinsky (2014) afirma que a orientação por parte da Igreja e dos colégios católicos quanto à questão sexual não deveria “fazer parte da instrução juvenil (a não ser na forma de advertência), pois sexo e pecado com frequência andam juntos” (PINSKY, 2014, p. 128). Nesse sentido, os “adolescentes católicos aprendiam que a expressão sexualidade pode ser suja e vergonhosa e que as relações sexuais só devem ocorrer dentro do sagrado matrimônio e com fins procriadores” (PINSKY, 2014, p. 128).

Ao longo da reportagem, ela explora ainda como o exemplo de um lar harmonioso e de relações conjugais exitosas produziria futuros maridos e esposas que alcançariam o êxito familiar, já que para Alzira:

Observando como a mãe trata o pai, a filha aprende a ser mulher, observando como o pai trata a mãe, o filho aprende a ser homem. Os filhos imitam o modelo que tem diante de si. Os valores nos quais os pais acreditam serão mais facilmente transmitidos aos filhos porque foram vivenciados. (CORREIO RIOGRANDENSE, 1983, p. 16).

O jornal *O pioneiro* destacou na década de 1980 como a atuação de Alzira na presidência da *Escola de Pais* no Brasil ao longo dos anos propiciou a expansão do movimento, desenvolvendo-se amplamente no Brasil e em outros países.

Por causa do seu magnífico trabalho, no Brasil e no exterior, foram eleitos casal vice-presidente da Federation Internationale pour L'Education des Parents. Esse fato coloca a instituição brasileira numa posição de grande destaque dentre as nações que integram a Federação Internacional de *Escola de Pais*. Com o apoio da UNESCO que reconhece a validade da *Escola de Pais* do Brasil e pelo grande êxito alcançado na Bolívia e no Paraguai, dona Alzira Lopes, fundou o movimento em Porto Rico, Panamá, Colômbia, Peru, Argentina e Chile. Esses países foram visitados por Alzira em 1983. (O PIONEIRO, 1983, p. 18).

O impresso destaca ainda que os “[...] livros de dona Alzira Lopes ‘*Escola de Pais, Uma Grande Experiência*’, volume I e II, foram traduzidos para o francês, inglês e espanhol” (O PIONEIRO, 1983, p. 19). Tal afirmação demonstra como seu pensamento circulou em diferentes países e ocupou espaço privilegiado no campo intelectual, já que a obra apresentava, de certo modo, aplicação prática na vida de seus leitores. Nesse sentido, Chartier e Cavallo (1998) provocam a reflexão de que

Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

Nesse sentido, a circulação de Alzira e de suas obras em diferentes países atingia amplo e diversificado público, o que trazia para si e para o movimento que ela representava um capital simbólico que sustentava uma posição de poder no que se referia à *Escola de Pais* do Brasil e à temática de educação das famílias. Sendo assim, entendemos como poder a definição cunhada por Elias (1999) de que “o poder não é amuleto que um indivíduo possua e o outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 1999, p. 81).

Em diferentes impressos, Alzira destaca a importância de uma educação centralizada na relação entre os pais e os filhos. Para ela, era apenas uma questão de valores, que na maioria dos casos são confundidos por ambas as partes. Assim, como consequência, havia uma radicalização problemática e um contato muito superficial entre eles. Ela destaca que a pedagogia observava também que “os adolescentes se sentem psicologicamente perturbados e passam a adotar um comportamento de albergue junto a sua própria família, isto é, a casa e os próprios familiares são tratados como meras fontes de subsistência” (CORREIO RIOGRANDENSE, 10/10/1984, p. 9).

Ao apresentar que o campo pedagógico estava corroborando com seu entendimento acerca das relações entre pais e filhos estarem se dando de forma desastrosa, cercado de prejuízos para os valores construídos no âmbito familiar, ela traz à tona uma forma de legitimar a discussão encabeçada por ela da importância de um bom relacionamento familiar, sobretudo, para permitir que fosse possível a conservação dos valores caros para as famílias.

Para o casamento e a educação dos filhos, salienta a intelectual que há uma “improvisação incrível”. Infelizmente, para ela, “pai e mãe não se improvisam. A gente tem que se preparar para ser pai e mãe hoje cada vez mais a família tem um papel importante na vida do ser humano” (CORREIO RIOGRANDENSE, 24/10/1984, p. 9). Tal afirmação apresenta a perpetuação da ideia de que a “maternidade é a ‘sagrada missão feminina’”. Praticamente indissociável da ideia de ser mulher, ser mãe é quase uma obrigação social. [...] mais que um direito ou uma alegria, dedicar-se aos filhos é um dever” (PINSKY, 2014, p. 291). Nesse sentido, havia a necessidade do preparo da mulher para assumir esse sagrado papel, tido como tal na perspectiva da religião. Ainda reforça a necessidade do preparo para os pais para lidarem com os problemas que a maternidade traria, sendo a *Escola de Pais*, instituição da qual ela era símbolo, uma das estratégias que poderia ser utilizada para viabilizar esse preparo.

Em 15 junho de 1985, o jornal *Diário de Pernambuco* divulgou uma palestra feita por Alzira na cidade de Recife, cujo objetivo era promover seu livro *Casa de pais, escola de filhos*. Tal estratégia editorial pode ser observada como uma estratégia de ampliação de seu público e conseguir visibilidade para sua obra, característica que podemos relacionar com o que Chartier (2003) defende, observando que tais estratégias editoriais, de certo modo,

[...] engendram, portanto, de maneira despercebida, não uma ampliação progressiva do público do livro, mas a constituição de sistemas de apreciação que classificam culturalmente os produtos da imprensa, fragmentando o mercado entre clientelas supostamente específicas e desenhando fronteiras culturais inéditas. (CHARTIER, 2003, p. 129).

O jornal⁵¹ cita ainda que historicamente havia no imaginário popular a percepção de que a família era obsoleta e que não tinha finalidade social alguma, mas, pelas pesquisas e trabalhos que vinham se consolidando no país em torno de educá-la para educar, essa concepção estava em transição. Alzira defendia que:

[...] hoje a gente sabe que o ser humano é um ser inacabado, é um ser cujo amadurecimento [é demorado e precisa para esse amadurecimento de um acompanhamento, portanto dos pais. Mas não pode ser qualquer pai ou mãe. Tem que ser de pais atualizados, de pais que estudem, de pais evoluídos, não no sentido modernismo, mas no sentido exato da palavra. Pais que entendam o que está se

⁵¹ Aqui nos referimos ao impresso Correio Riograndense.

passando no corpo, no organismo do filho adolescente para auxiliá-lo. (CORREIO RIOGRANDENSE, 24/11/1985, p. 6).

Quando ela apresenta que os pais deveriam ser modernos, restringindo essa ideia de modernidade permitida, ela defende que apesar de utilizarem de formas educativas inovadoras, deveriam conservar em si e no lar os valores morais conservadores para que a família pudesse obter harmonia familiar exitosa.

Podemos compreender também que ao valorizar o conservadorismo nas relações familiares, ela também contribuía para a solução de um problema relativo à organização familiar, que vinha ganhando força ao longo da década de 1980, o divórcio. Nesse caso, adotando-se uma vida com valores morais conservadores, havia possibilidade ainda de essa instituição familiar girada em torno do casamento resistir às mudanças que a modernidade trazia para a organização familiar brasileira. Nesse sentido, Del Priore (2013) destaca que tal mudança era perceptível à medida que a família estava menos sensível a sanções religiosas e tradições, sendo ela também conhecida como “família pós-familiar”. No ideário popular, tal culpa recaía, sobretudo, no novo papel desempenhado pela mulher no âmbito doméstico, havendo alguns casamentos que não resistiam às mudanças ideológicas e sociais que estavam se alastrando pela sociedade.

A Amélia- que se encarregava de lavar e passar para o marido- foi substituída pelo micro-ondas. A pílula e a emancipação da mulher alteraram em definitivo as relações dentro da família. Como se não bastasse o envolvimento extraconjugais fascinam uns e outros, enquanto cresce o número de pessoas que querem viver sozinhas. (DEL PRIORE, 2013, p. 9).

No mesmo impresso, ela destaca que se os filhos não encontram no lar “uma ajuda, uma orientação, uma palavra de carinho, vão buscar isto fora, principalmente a menina pelo fato de ser mulher é um pouco mais sensível. Se ela não tiver um ambiente familiar acolhedor cai fora e as coisas se complicam” (CORREIO RIOGRANDENSE, 24/11/1985, p. 6). Essa afirmação corrobora com o pensamento da Igreja diante das transformações sociais e políticas que se imponham à época, já que se buscava universalizar as normas que regeriam o casamento e a família. A mulher nesse projeto era fundamental. “Cabia-lhe ensinar aos filhos a educação do espírito, rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar de missas e festas

religiosas. Passando de geração em geração as normas e os valores da Igreja” (DEL PRIORE, 2013, p. 11).

O jornal *Os pioneiros*, de 1987, é utilizado como espaço de divulgação do livro produzido por Lopes, intitulado *Pais educando os filhos para os anos 2000*. O jornal descreve também como recomendação de leitura outros títulos que tratariam de questões relativas à educação dos filhos. Nesse caso, podemos pensar como os livros cumpriam também um protocolo formativo e alcançavam amplo público, propiciando a divulgação em massa de um determinado conhecimento. Alzira descreveu que:

[...] este livro destina-se a todos (os pais) que precisam estar à frente dos acontecimentos para que os filhos não os peguem de surpresa. Apresenta um reforço as ideias e ações educativas. Alguns capítulos: A importância do lar na formação do ser humano; A autoridade no lar (o pai, a mãe): As atitudes dos pais e seus reflexos no comportamento dos filhos. (OS PIONEIROS, 8/12/1987, p. 16).

O jornal ainda cita o trabalho de Alzira na *Escola de Pais* no Brasil, servindo como estratégia de divulgação e legitimação do impresso indicado. Em 1988, o jornal *Os pioneiros* divulga o livro *Casa de pais, escola de filhos* e o impresso transmite aos pais a convicção de que a base da educação do lar é o amor. “O lar é a primeira escola e é nessa escola da vida em família que o ser humano encontra os meios adequados para sua formação humana, seu equilíbrio psicoafetivo e seu espírito de solidariedade” (OS PIONEIROS, 14/8/1988, p. 16).

Na mesma seção, há a recomendação de leituras diversificadas, desde livros sobre educação das famílias até outros títulos que exploravam ideias de filósofos, como Descartes, por exemplo. Nessa mesma página, havia muitas propagandas de livrarias e papelarias, podendo ser um indício⁵² de que os leitores daquela seção eram consumidores assíduos ou pelo menos entusiastas da leitura e educá-los a partir dos livros se tornaria também como uma tática⁵³ de difusão do ideário conservador católico.

Na década de 1990, surgem quatro notícias na imprensa brasileira sobre Alzira Lopes. A primeira referia-se a uma palestra ministrada em 1993, na qual

⁵² Entendemos indícios na perspectiva de Ginzburg (1990) tratando-se do conceito de paradigmas indiciários tratados por ele.

⁵³ Entendemos tática como um conceito cunhado na perspectiva de Certeau (1990), tratando-se uma “[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza uma lei de uma força estranha” (CERTEAU, 1994, p. 100).

há um breve resumo sobre a trajetória de Lopes como fundadora da *Escola de Pais* do Brasil e delegada da Unesco para a fundação de *Escola de Pais* em países de terceiro mundo. Destaca-se novamente a ampla circulação da intelectual tanto em território nacional como internacional.

No jornal *Folha de Hoje* surge publicado, em 22 de outubro de 1993, na seção *Cultura e Lazer*, o livro *Como viver feliz os 100 anos*, apresentando breves informações sobre a obra, como a presença de Andre Berge⁵⁴ como prefaciador e a necessidade de as pessoas olharem com carinho para a velhice como uma fase de vida muito produtiva e que pode trazer grandes aprendizagens. Sobre o mesmo livro, o jornal *Correio Riograndense* faz uma breve explicação e divulga na coluna *Gente & Sociedade* que “É um livro objetivo e útil para todos, porque a velhice não chega de repente, e é preciso preparar-se para ela” (CORREIO RIOGRANDENSE, 20/11/1993, p. 15).

Numa reportagem feita com Alzira Lopes e divulgada na imprensa, podemos observar como para ela era necessária a presença da religião como fundamento basilar para a prática educativa. Em suas palavras:

Dentre os valores que as pessoas têm a religião sempre é um valor determinante da felicidade familiar, não importando a crença religiosa, desta forma todo o trabalho deve estar baseado em fundamentos religiosos que a família possui e que os pais precisam transmitir aos filhos para lhes dar segurança e transmitir valores. (CORREIO RIOGRANDENSE, 1993, p. 15).

Ao destacar a necessidade de a família trabalhar os valores religiosos com a prole, Alzira traz a evidência de que tal fundamento era de substancial importância para a obtenção do sucesso familiar, observando que, pobre ou rica, principalmente a mulher possuía papel fundamental, pois:

[...] fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinando-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido. Ser enfim, a “santa mãezinha”. [...] O modelo ideal de mulher era Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade. (DEL PRIORE, 2013, p. 12).

O jornal afirmava ainda que o casal fundador da *Escola de Pais* do Brasil era católico, mas que a instituição previa trabalhar valores que transcendiam todas as religiões. Apesar de tal argumento, era possível ver marcas do

⁵⁴ André Berge era médico e psicanalista francês. Ele nasceu em 24 de maio de 1902, no 16º distrito de Paris, e morreu em 27 de outubro de 1995, na mesma capital.

catolicismo impregnadas no processo de formação e difusão das ideias educacionais veiculadas pela instituição, servindo até mesmo como forma de circulação do pensamento católico. O jornal apontou que Alzira Lopes via a expansão do movimento da *Escola de Pais* como uma das causas de “grandes alegrias que Deus lhe concede durante a vida” (CORREIO RIOGRANDENSE, 10/11/1993, p.15).

Em outra discussão, define o amor não sendo como os de novelas, mas afirma que “amar é ser para o outro o que ele espera de mim e isso exige um crescimento contínuo da parte das pessoas que se amam, porque o amor é eterno, mas precisa de cultivo e de profundo respeito pela pessoa amada” (CORREIO RIOGRANDENSE, 1993, p. 15). Tal felicidade no lar tinha o homem como “o centro das atenções, seguido pelos filhos se eles estão bem, a mulher pode considerar que vive em uma casa feliz” (PINSKY, 2014, p. 219).

Tal discussão era pertinente para o momento, visto a necessidade de incentivo à perpetuação do casamento, já que o divórcio tomou proporções incontroláveis na sociedade a partir da década de 1980. Ao tratar de questões relativas à separação e ao divórcio, ela fez efervescer a ideia de submissão, em que o casal deveria doar-se um ao outro para a obtenção de um casamento exitoso.

Por fim, em 22 de junho de 2005, o jornal *O Estado de São Paulo* noticia o falecimento de Lopes, em São Paulo, com 86 anos de idade.

No Quadro 2, a seguir, podemos observar as temáticas trabalhadas por Alzira ao longo de sua trajetória, sinalizando ainda indícios de uma rede de sociabilidade, sobretudo, fundada na cooperação entre instituições e intelectuais católicos. Há a descrição das palestras proferidas por ela, bem como a Instituição que a recebeu para a disseminação de suas ideias.

Quadro 2 – Alzira Camargo Lopes e sua circulação de acordo com os jornais

Temática tratada em conferência/ palestras	Ano	Instituição de circulação
Necessidades de <i>Escola de Pais</i> do Brasil	1964	Congresso Nacional dos Pais (SP)
Pais e Mestres e a <i>Escola de Pais</i> do Brasil	1964	Faculdade Católica (Recife)
Conselho de Pais	1965	Instituto Educacional João Paulo XXIII (Porto Alegre)

Sucesso na Educação	1965	Instituto Cristão de Reforma (INSCRE) SP
A educação dos pais no Brasil	1965	Colégio Imaculada Conceição – promovida pelo Sesc
Educação familiar com projeção de filmes educativos e debates	1965	Banco Nacional de desenvolvimento econômico.
Relações Humanas no lar e problemas do desenvolvimento da personalidade	1965	BNDE
Perspectivas modernas em educação	1965	Colégio Imaculada Conceição Sesc da Guanabara
<i>Escola de Pais</i>	1965	Colégio Coração de Jesus Colégio Catarina Ginásio Nossa Senhora de Fátima Escola Elementar Menino Jesus
Patriarcado ou Matriarcado?	1966	Sesc Paraná
O conflito de Gerações	1966	Auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná
O objetivo da <i>Escola de Pais</i> na Paraíba	1966	Colégio Nossa Senhora do Carmo Colégio Regina Pacis
Finalidade da <i>Escola de Pais</i>	1966	Rotary Club do Recife
Educação para o ano 2000	1966	<i>Escola de Pais</i> de São Paulo
Crise da Juventude, dos Pais ou da Civilização?	1966	Reitoria da UFPR
Orientações (<i>Escola de Pais</i>)	1966	Colégio Sacré Coeur de Marie
Mensagem aos pais e educadores	1967	Colégio Marista (RN)
Exigências do mundo de amanhã	1968	Colégio Coração de Maria (Santos)
Curso de liderança e atualização educativa de genitores	1968	Fortaleza
A <i>Escola de Pais</i> de Lages	1968	Centro Educacional Vidal Ramos Junior
II Seminário Regional das Escolas de Pais	1968	Universidade Federal da Paraíba
Filho vai sofrer em 2000 II Seminário de Pais	1968	<i>Escola de Pais</i> de Curitiba
Trabalho, lazer e Educação na formação da Juventude	1969	Canal de TV Curitibano
<i>Escola de Pais</i> de Natal	1969	Colégio das Neves
<i>Escola de Pais</i> dos educandários campinenses	1969	Museu de Arte de Campina Grande
Sôbre o relacionamento do lar	1969	Colégio São Luiz

Harmonia do lar	1970	<i>Escola de Pais</i> nacional
Na <i>Escola de Pais</i> o futuro dos filhos	1970	Colégio das Cônegas de Santo Agostinho
Eduque seus filhos para um futuro promissor e sensato	1971	Escola Técnica Federal do Amazonas
<i>Escola de Pais</i> e os conflitos familiares	1971	Escola Técnica Federal do Amazonas
Palestra para os diretores de escola particulares da Baixada	1972	Colégio São José
Qual a primeira necessidade dos jovens	1972	Escola Técnica Federal do Amazonas
Visando a formação do bom cidadão	1973	Comissão Nacional de Prevenção ao Tóxico do Ministério da Educação e Cultura.
Diálogo das Gerações	1973	Colégio das Damas Cristãs
XI Congresso Nacional da <i>Escola de Pais</i> Educar os pais	1974	Colégio São Luiz A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPC)
O problema dos jovens e a responsabilidade dos pais	1974	Colégio Vera Cruz Colégio Damas Colégio Santa Catarina
A responsabilidade dos pais e os problemas da juventude	1974	Colégio Boa Viagem e Damas Cristãs
Seminário de Lançamento de livros	1975	Casablanca Center Hotel
Curso de Formação de Casais Líderes	1975	Instituto Carlos Alberto Werneck <i>Escola de Pais</i>
A religião na Educação	1976	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora <i>Escola de Pais</i> de Petrópolis
O educador desnecessário	1976	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora VI Seminário Regional da <i>Escola de Pais</i> de Manaus
O adolescente, a família e o meio exterior	1976	13º Congresso Nacional Participação de Mário Amorim
X Congresso Internacional das Escolas de Pais	1977	Colégios Coração de Maria, Santista, Stela Maris e Paróquia do Sagrado Coração de Jesus
Choque do Futuro As relações pais e filhos	1978	Departamento Jurídico do Banco Central
Diplomas para casais de São Bernardo do Campo	1978	Escola de 1º Grau de Vila Dulce
O desenvolvimento físico e fisiológico na infância	1979	<i>Escola de Pais</i> do Brasil – Curitiba

O desconhecimento do processo educacional	1979	XVI Centro de Convenções da Bahia
Missão e Demissão dos Pais	1980	Colégio Maria Zaccaria
O adolescente hoje	1981	Auditório Humberto Castelo Branco
Casa de Pais, Escola de Filhos	1982	A <i>Escola de Pais</i> do Brasil do Recife
Sexualidade na família	1982	Colégio Divina Providência
<i>Escola de Pais</i> e curso de liderança	1982	Associação de Educação Católica
1º Seminário da <i>Escola de Pais</i> do Brasil relação pais e filhos	1983	Colégio São José Caxias do Sul
Educação do Adolescente Desenvolvimento psicológico do Adolescente	1983	Colégio São José <i>Escola de Pais</i> e Mestres, núcleo de Santos
Relação Pais e filhos	1983	Colégio São José Universidade de Caxias do Sul
Educação na Adolescência	1984	Secretaria de Educação e Cultura do município Marta Gobatto Trez
Educação sexual	1985	III Seminário Regional Educação e Sexualidade Hoje Fórum de Santos
A educação dos filhos, no lar	1993	Divisão Regional de Ensino de Santos Plaza Hotel

Fonte: a autora, de acordo com dados localizados no decorrer da pesquisa em diferentes acervos.

Com base em suas publicações, nas fontes localizadas no acervo da *Escola de Pais* do Brasil e até mesmo por meio das notícias veiculadas pela imprensa brasileira, pudemos compreender como se formou uma estrutura de sociabilidade em torno dela, que tinham como viés condutor a educação das famílias e a *Escola de Pais* do Brasil. Tal rede foi importante para a formação e a consolidação de sua trajetória intelectual. Nesse sentido, podemos entender o conceito de rede de sociabilidade a partir de Sirinelli (1996), que defende que no “[...] meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam” (SIRINELLI, 1996, p. 248).

Sendo assim, procuramos, com base nos dados localizados no decorrer da pesquisa, estabelecer um mapa mental (Figura 8) de como se deu a rede de sociabilidade formada por Alzira Lopes a partir de sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil.

Elencamos personagens que pudessem compor três categorias que formariam de algum modo o círculo pelo qual Alzira circulou e foi posta em circulação. Definimos como campo intelectual alguns autores com os quais ela mantinha estreito diálogo por meio de suas obras e produções escritas, convidando-os inclusive para formações feitas pela EPB.

Enquanto campo religioso, pensamos em atores que atuavam na esfera religiosa ao mesmo tempo em que auxiliavam Alzira no embate e na difusão dos valores cristãos a partir da Instituição à qual ela estava vinculada. Como campo institucional, selecionamos alguns nomes que ministravam e estavam de certa forma à frente de alguns projetos desenvolvidos por Alzira no âmbito da *Escola de Pais*. E, por fim, no campo político, selecionamos alguns nomes de personagens políticos que de algum modo auxiliaram na divulgação e ampliação do projeto educacional coordenado pela intelectual.

Podemos salientar, a partir das indicativas trazidas por Bandeira (2019), a rede de sociabilidade desenvolvida em torno de Madre Cristina Sodré Dória. De acordo com a pesquisadora, os jornais anunciavam a presença delas em diversos eventos promovidos pela *Escola de Pais*, inclusive a madre dedica a obra *Educando nossos filhos ao “casal Lopes”*⁵⁵. Santos (2022) ressalta que Alzira fazia menções constantes sobre Charbonneau e que os jornais da época sinalizavam como juntos promoviam diversos momentos formativos frente à EPB.

Figura 7– Rede de sociabilidade de Alzira Camargo Lopes

⁵⁵ Expressão presente na fonte. Madre Cristina Sodré Dória também aparecia nas obras de Alzira como Madre Cristina Maria.



A partir das diferentes fontes localizadas no decorrer da pesquisa, podemos pensar como Alzira pôde se consolidar no campo intelectual firmando seu espaço a partir de sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil e embasada em discussões acerca da educação das famílias.

Tal reflexão se faz importante à medida que procuramos os vestígios de atuação das mulheres em diferentes arquivos, para assim podermos entender a trajetória intelectual empreendida por elas, como destaca Perrot (1998):

Cabe igualmente procurá-los nos materiais impressos e nas bibliotecas. Para ouvir suas vozes — as palavras das mulheres —, é preciso abrir não somente os livros que falam delas, os romances que contam sobre elas, que as imaginam e as perscrutam — fonte incomparável —, mas também aqueles que elas escreveram. Folhear os jornais lançados. (PERROT, 1998, p. 34).

Nesse sentido, pensar a trajetória de Alzira a partir da sua escrita pode dar vestígios de como ela foi se consolidando como intelectual à medida que sua vida privada também reverberava na cena pública por meio de sua participação e experiências familiares, sobretudo, quando destacava vivências maternais. Olhar por diferentes fontes e frentes de atuação pode denotar ainda como sua atuação pela *Escola de Pais* do Brasil trazia também uma incansável dedicação dela para que o projeto de educação das famílias veiculado pela Instituição fosse posto em circulação tanto em um panorama nacional como internacional.

Na obra *Escola de Pais uma grande experiência*, Alzira descreve que atuou pela instituição em diversos países, dentre eles Portugal, Colômbia, Bolívia, Equador, Peru, Uruguai, Panamá, e em algumas regiões da África. Em todos esses lugares, desenvolvia ações formativas para instruir as famílias de como deveriam promover o movimento em suas realidades para que efetivamente houvesse educação familiar exitosa.

Cabe entendermos ainda como a atuação de Alzira frente à *Escola de Pais* do Brasil e ao movimento educativo empreendido pela Igreja Católica demarcava também um espaço de atuação para as mulheres na vida pública, já que a partir da instituição elas poderiam se colocar neste tipo de atividade. Quando olhamos para a rede de sociabilidade mobilizada por ela, tal espaço fica mais evidente, pois muitas mulheres participavam ativamente da circulação de saberes endereçados às famílias brasileiras por meio da *Escola de Pais* do

Brasil. Nesse sentido, cabe a reflexão de qual modelo de família Alzira tinha como interlocutores em suas atividades frente à EPB. Observando o momento histórico de início das atividades da entidade no contexto social brasileiro, estava em curso a implementação da Ditadura Militar e diferentes ações civis reforçavam os princípios norteadores de um governo autoritário. Dessa forma, utilizamos como exemplo a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, movimento liderado por um grupo de civis ligados à ala conservadora do catolicismo, regidos pelo lema “Deus, família e liberdade”, ideia presente também no discurso de Alzira e em suas obras e discursos proferidos frente à *Escola de Pais*. De acordo com Del Priore (2019), esse movimento era organizado principalmente por setores do clero e por entidades ligadas a movimentos de mulheres. A historiadora relata que repetiam

[...] o lema: “A família que reza unida permanece unida”. Organizada com o auxílio da Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), da União Cívica Feminina, da Fraterna Amizade Urbana e Rural, entre outras entidades, a marcha paulista recebeu também o apoio da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. (DEL PRIORE, 2019, p. 80).

Nesse caso, podemos inferir que Alzira tinha como público de interlocução mulheres preferencialmente elitizadas, já que a partir dos dados coletados observamos que ela circulava em espaços sociais destinados à elite, como os colégios Santa Cruz e Sacré Coeur de Marie, por exemplo, entre outros. Ao dialogar com as mulheres da elite, ela atingia esse público que buscava a consolidação de uma nação pautada nos princípios fortalecidos pela Marcha de Deus pela Família. A união desse ideário presente na consolidação da EPB fez com que o movimento ganhasse projeção e alcançasse um vasto público. Apesar da participação de alguns movimentos e líderes católicos na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, o apoio à ditadura não era um terreno de consenso no campo católico, havia parte da Igreja que tinha um posicionamento contrário às ações feitas pela Ditadura Militar. De acordo com Del Priore (2019), “Cinco cardeais protestaram em carta ao presidente Médici, lamentando a deterioração das relações entre a Igreja Católica e o governo. A partir de então, a reação dos religiosos ficou mais evidente” (DEL PRIORE, 2019, p. 83). Inclusive, Dom Helder Câmara foi indicado ao prêmio Nobel da Paz entre 1970-1973 por sua campanha internacional contra a tortura.

[...] A Igreja não foi, portanto, um sustentáculo da ditadura. Foi um campo de batalha que oscilou entre o combate ao comunismo e o combate à tortura [...] Silenciou diante do golpe e do AI-5, mas denunciou a tortura e gestou movimentos que definiriam a redemocratização. (DEL PRIORE, 2019, p. 84).

Antes do surgimento oficial da *Escola de Pais* do Brasil, Alzira aparentava ter uma vida discreta frente à imprensa. Localizamos apenas uma reportagem que tinha indícios de que se casou em 1940 com Antonio Fernando Lopes, foi mãe de quatro filhas e um filho, falecido em 19 de setembro de 1969, notícia veiculada por diversos jornais da época. A aparição de alguns assuntos⁵⁶ e experiências de cunho pessoal de Alzira trazia para os leitores e membros da *Escola de Pais* uma ideia de proximidade com a intelectual. Tais experiências podem ser entendidas a partir de Thompson (1981), observando que tais experiências vividas, percebidas e modificadas podem ser utilizadas como fonte histórica.

A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida. (THOMPSON, 1981, p. 112).

Em um recorte de jornal localizado no acervo da *Escola de Pais*, seccional de Curitiba, pudemos observar como utilizavam dessa estratégia de veiculação da cultura e das experiências no impresso. Alzira destaca algumas vivências experimentadas com base na maternidade, buscando melhores formas de educar seus filhos, já que ela não poderia aplicar os mesmos princípios educativos dados às filhas mais velhas para as “gêmeas e caçulas. Pela diferença de idade, a educação das garotas tinha que sofrer as mudanças impostas pelas mudanças do progresso” (LOPES, [19--]).

Nesse sentido, fez-se necessário para Alzira a busca por melhores métodos e formas de educar as filhas e a partir desse desafio pessoal ela encontrou um *livrinho*⁵⁷ da Fédération Internationale pour l'Education des Parents.. Depois do contato com esse material, afirmou que “[...] se num país,

⁵⁶ Informações veiculadas sobre suas preferências gastronômicas, time de futebol e algumas experiências vivenciadas por ela na maternidade.

⁵⁷ Expressão descrita na fonte localizada.

polo de desenvolvimento como é a França, existe uma escola para pais, por que não aqui no Brasil, onde se precisa de tanta orientação? Assim por um entrosamento providencial nasceu a *Escola de Pais do Brasil*” (LOPES, [19--]).

Em uma de suas obras, ela cita como a Madre Inês de Jesus⁵⁸ e o Padre Leonel Corbeil⁵⁹ tornaram-se pessoas inspiradoras em relação à consolidação e à construção desse movimento empreendido pelo casal Lopes. Tal afirmação de Alzira demonstra como o capital cultural⁶⁰ da intelectual foi mobilizado desde a implementação até a expansão da instituição, e que posteriormente ela ocupou diferentes cargos na *Fédération Internationale pour l'Education des Parents*. Apesar das afirmações feitas por Alzira há uma inconsistência nos dados por ela apresentados, já que a *Fédération Internationale pour l'Education des Parents* foi fundada em 1964 e a *Escola de Pais do Brasil* em 1963. Podemos verificar ainda que em nenhum momento ela cita que Maria Junqueira foi quem teve o contato direto com a escola francesa e participou ativamente na fundação da Instituição no Brasil. Neste caso, podemos identificar um apagamento da participação e importância de Maria Junqueira Schmidt, outra intelectual que se voltou fortemente para o projeto de educação familiar, a partir do Rio de Janeiro, mesmo antes de Alzira, nos anos iniciais da EPB.

Em alguns registros localizados no acervo da *Escola de Pais* de Curitiba, podemos perceber como se dava o trabalho de Alzira frente à *Escola de Pais*, estabelecendo uma relação com diferentes personagens e de diferentes países, construindo, inclusive, uma rede de atuação internacional fortemente ancorada por instituições internacionais⁶¹. Na Figura 8, podemos ver tais traços mediante o registro de um Congresso realizado em São Paulo, na década de 1970.

⁵⁸ Canônica de Santo Agostinho, em algumas fontes localizadas, Alzira cita o contato com Madre Inês, no Colégio Madre Alix.

⁵⁹ Padre canadense Corbeil foi ordenado padre em 1939 pela Congregação de Santa Cruz e chegou ao Brasil em 1944. Fundou o Colégio Santa Cruz em 1952, instituição que foi parceira de Alzira e da *Escola de Pais* na propagação do movimento.

⁶⁰ Entendido na perspectiva de Bourdieu (1998) como um conjunto de recursos “[...] atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis” (BOURDIEU, 1998, p. 28).

⁶¹ *Fédération Internationale pour l'Éducation des Parents* e pela Unesco.

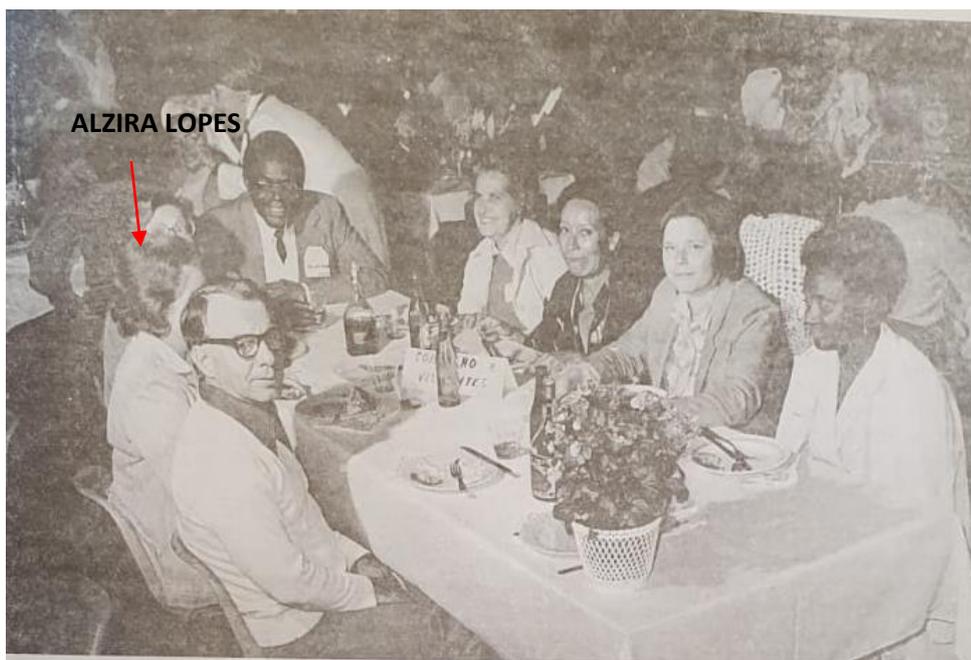
Figura 8 – Alzira em Congresso promovido pela *Escola de Pais* do Brasil



Fonte: Acervo da *Escola de Pais* do Brasil, seccional Curitiba.

Na imagem, podemos ver Alzira com Padre Corbeil, Tomás Magalhães e José Bonifácio Coutinho Nogueira. Em outro registro da mesma ocasião (Figura 10), Alzira aparece dialogando com alguns membros da *Escola de Pais* do Brasil, como Feiga Grunspum e representantes do Senegal, Togo e Suriname.

Figura 9 – Alzira Lopes com representantes da *Escola de Pais* de diferentes países



Fonte: Acervo da *Escola de Pais* do Brasil, seccional Curitiba.

Por meio dos registros, podemos observar a ampla circulação de Alzira em um panorama internacional e como ela buscava diálogo com representantes de diferentes países, com o objetivo de expandir o movimento da *Escola de Pais*, além de sua própria circulação em um amplo âmbito.

Afirma também que a comunidade é altamente beneficiada por isso, com cidadãos mais amadurecidos, com visão global da educação, organizando uma verdadeira hierarquia de valores, com mais consciência, atualizados e disponíveis para uma participação em todos os campos, despertados para um voluntariado que é sem dúvida uma fonte de riqueza para o próprio país.

Em um texto intitulado *Papel integrativo da mãe*, Alzira traz diversas concepções acerca da presença feminina e do que esperava para elas no cumprimento desse papel social que lhes era designado de forma inquestionável. Em suas palavras, a figura materna era o “centro emocional” do lar. “A nossa vida de adulto é marcada por esta personagem. Daí o ditado: “A MÃE mão que embala o berço, governa o mundo. [...] uma estatística recente comprova que 60% do nosso comportamento é devido à influência materna” (LOPES, [19--], p. 7). Ela deixava implícito em seu discurso que a mãe era a parte fundamental na vida da criança e principalmente na primeira infância, exemplo que seria reproduzido pelos filhos na vida adulta. Nesse caso, caberia a discussão trazida por ela e a necessidade de uma formação assertiva para as mulheres assumirem tal papel, com bases teóricas e metodológicas que fizessem com que acertassem em tal missão educativa.

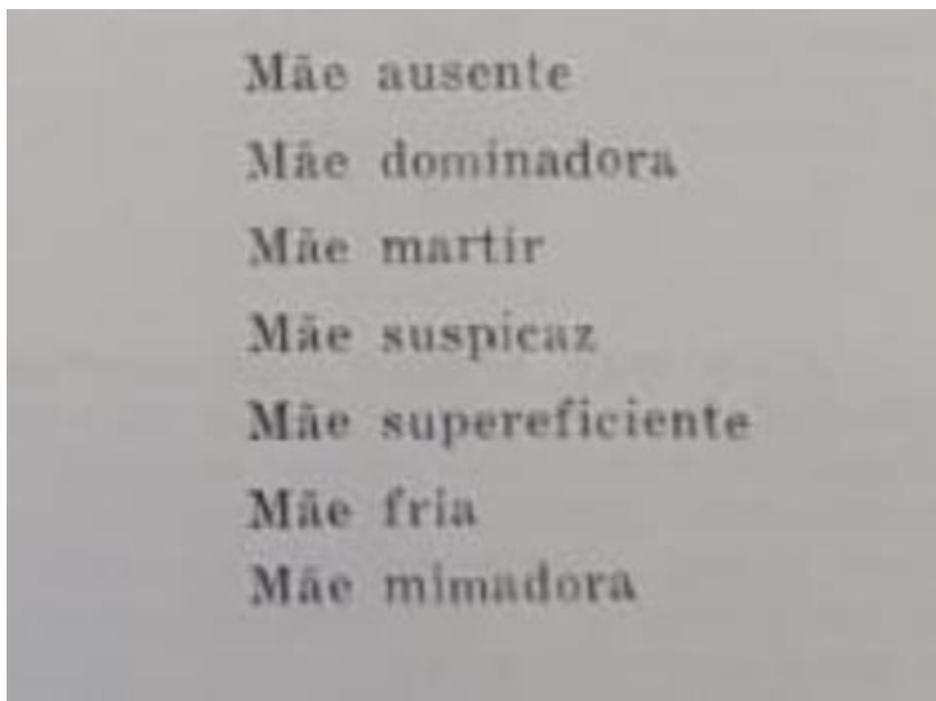
Ela ainda trazia em voga a ideia de que as atitudes maternas, sua presença ou por alguma infelicidade sua ausência, traria difíceis consequências para a vida da criança. Citou o pensamento de Dr. Spitz para fundamentar todo o discurso firmado em torno da importância materna na educação das crianças e na composição da família. Mencionou-o em duas ocasiões, referindo-se na primeira como “Raramente nos damos conta da extensão do papel da mãe na aquisição de conhecimentos e na aprendizagem da criança” e, num segundo momento, trouxe a partir dele a ideia de como existe “grande correspondência entre as aberrações da conduta infantil e a ausência ou as atitudes negativas

da mãe”. Ela descreve que as personagens participantes da pesquisa apresentavam humor variado e sentimentos de indiferença com os filhos.

Para finalizar o discurso, ela descreve ideias de Berge para defender a forma como as mães atuavam frente à educação de seus filhos, pois tinham o poder de influenciar positiva ou negativamente a educação das crianças. Na publicação, apresentou ainda um trecho em destaque que dava relevância para certos perfis maternos que, a partir de seu discurso, podemos relacionar como ações negativas impulsionadas por algumas mulheres que prejudicariam a educação das crianças, enfraquecendo a família e a sociedade como um todo, já que para o período “crianças problemas” se tornaria uma questão social que prejudicaria toda a estrutura da sociedade.

Ao escrever em destaque tais “tipos de mães”, ela evidencia os comportamentos que estas deveriam evitar, como podemos observar na imagem a seguir, chamando a atenção para as temáticas explicadas por ela amplamente no decorrer do texto.

Figura 10 – Classificação dos tipos de mães, feita por Alzira Lopes



Fonte: Acervo da *Escola de Pais* do Brasil, seccional Curitiba.

Ao categorizar no texto tais características que podiam ser observadas nas mães – “*Mãe dominadora, Mãe ausente, Mãe fria, Mãe mimadora, Mãe*

*mártir, Mãe suspicaz e Mãe supereficiente*⁶² – Alzira tece diferentes discursos destinados ao público feminino, destacando como deveria ser a atuação feminina no lar com o objetivo de evitar que as mulheres assumissem tal postura maternal prejudicial para o desenvolvimento das crianças.

Trouxe como exemplo a mãe que delega o seu papel educativo para uma babá, afirmando que “[...] às vezes não se trata de uma ausência física, porque a mãe passa o tempo em casa. Que susto levaria uma mãe que assim procedesse, se chegasse a verificar que seu filho gosta mais da babá do que dela própria!” (LOPES, 1969, p. 4).

Outros questionamentos inundam as páginas do artigo com questionamentos: “Que acontece quando a mãe não é a forma integradora? Que qualidades deve a mãe cultivar para que realmente possa exercer a função integrativa?” (LOPES, 1969, p. 5).

Ela descreve ser essencial a presença feminina no cotidiano familiar já que para a sociedade da época a mulher era o elo fundamental para a consolidação e conservação da família. Em suas palavras, descrevia que nem “o marido nem os filhos aguentam a solidão. Todos em seu regresso ao lar perguntam ansiosos: ‘mamãe está em casa?’” (LOPES, 1969, p. 5). Apesar da afirmativa feita pela autora a partir de sua trajetória vemos que em sua vida privada este retrato da mãe que estaria restrita ao ambiente privado não se aplicaria, já que estava sempre em viagens e compromissos profissionais atrelados a seu cargo na EPB.

Com base nas questões defendidas por Alzira acerca da maternidade nas publicações veiculadas, na *Escola de Pais* destacavam algumas características que as mulheres deveriam ter para que pudessem construir um lar exitoso. Paciência, alegria, renúncia, equilíbrio, atualização eram valorizados e promovidos como requisitos essenciais para que as mulheres fossem felizes em suas funções como mãe e esposa. Além disso, ao dialogar com as mulheres sobre a missão de educar suas famílias, Alzira trazia à tona um protagonismo para a ação feminina na educação dos filhos e a aparição dessas mulheres na cena pública com mais frequência em detrimento dessa atividade educativa.

⁶² Categorias atribuídas por Alzira.

Ela ainda traz a ideia do quanto a função maternal apresenta-se como alicerce da família. Em suas palavras, afirma que “[...] quando o pai erra a casa trinca, mas quando a mãe erra a casa cai (do padre Saboia de Medeiros)” (LOPES, 1969, p. 6). Tal afirmação reafirma como a ideia feminina defendida por Lopes iam ao encontro dos valores sociais tidos para a época e como a mulher ainda era tida como o pilar, eixo central para a perpetuação de um lar exitoso.

No texto, Alzira faz outras afirmativas sobre a importância da maternidade, assumindo a ideia de que a mãe deveria “[...] reproduzir a figura da mulher forte do evangelho. A boa mãe mantém no lar o lugar de rainha de casa. O esposo pode ajudar a esposa a exercer bem a sua função. Diríamos que AMANDO-A” (LOPES, 1969, p. 6). Tal trecho traz a ideia de que as mulheres, no exercício da maternidade, deveriam se inspirar na figura emblemática católica de Maria para seguir na missão educativa mais importante para a consolidação daquela sociedade, sendo a reprodução e a criação dos filhos uma contribuição essencial para o progresso da nação. Nessa parte, podemos ver ainda como a intelectual trazia os princípios católicos e um determinado modelo de família para a educação das famílias brasileiras.

A importância de uma educação pessoal e familiar no plano psicológico e moral ajudaria nesta adaptação, preocupando-se ainda em situar não somente a infância, mas também a juventude e os adultos, uma vez que estes são o que experimentam as maiores dificuldades da adaptação e que devem, portanto, ser os mais ajudados.

Alzira descreve algumas ações formativas que para ela eram importantes para a família, apresentando ideias, segundo ela, de *psicólogos modernos*⁶³, o que legitimava o discurso imbuído na publicação, uma vez que ao partir de ideias modernas de educação, sinalizava que ela estava integrada com as produções científicas da época. Para ela:

É um ponto pacífico apresentado pelos psicólogos modernos de que 'só a família estaria em condições de proporcionar a formação global do HOMEM. Porém com a seguinte condição: que por um lado o poder criador e educador dos pais seja esclarecido. E por outro que se auxilie a família a assumir as suas responsabilidades em todos os

⁶³ Expressão utilizada pela autora.

setores em que a criança se prepara para se tornar HOMEM adulto. (LOPES, 1970, p. 15).

Ao tratar de uma visão geral do homem que buscava uma formação integral, pretende-se buscar o desenvolvimento da criança de forma integral.

Alzira declara em outro material localizado no acervo que ela participaria e falaria em um Congresso Mundial de *Escola de Pais*, realizado em Leeds, na Inglaterra. Foi acompanhada do marido, Zélia e Eduardo Vasconcellos Francos, os quais apresentaram uma palestra sobre o trabalho realizado no Brasil.

Trouxe a ideia de André Merlaud⁶⁴, em seu livro *Realidades humanas e educação cristã*, entendendo ser importante uma escola para pais, como é necessária uma escola para filhos. Ao citar o autor, Alzira demonstra como o seu repertório cultural e linguístico era vasto, já que o autor publicou a maioria de suas obras na língua espanhola e francesa.

Na mesma publicação, ela destaca que a *Escola de Pais* e ações voltadas para a educação das famílias está presente em vários países

[...] no mundo todo desde o início deste século existem Escolas para Pais, havendo até uma Federação Internacional que congrega as Escolas de Pais de todo o mundo. Por essa razão não estamos aqui como criadores, mas simplesmente como colaboradores neste Congresso Mundial, trazendo uma experiência vivida em 5 anos em nosso País. (LOPES, 1970 p. 7).

Há ainda a informação de que num país de dimensão continental, como o Brasil, a aceitação da *Escola de Pais* se faz de Norte a Sul, tendo sido atingidas cerca de “[...] 100.000 famílias, com um número médio de 3 filhos por casal, perfazendo o total de 500.000 pessoas atingidas por uma mudança de mentalidade e de atitudes mais positivas” (LOPES, 1970, p. 8).

Em um discurso veiculado por Alzira Lopes a diferentes seccionais da instituição, ela descreve como o movimento ganhava corpo no decorrer do tempo e que a participação e a adesão dos pais eram de extrema importância para o fortalecimento e a expansão das ideias que ela buscava difundir. Declara que muitos ocupavam cargos importantes na

[...] vida pública, em órgãos de planejamento Nacional, e foi por intermédio da *Escola de Pais* que descobriram que podiam “ser

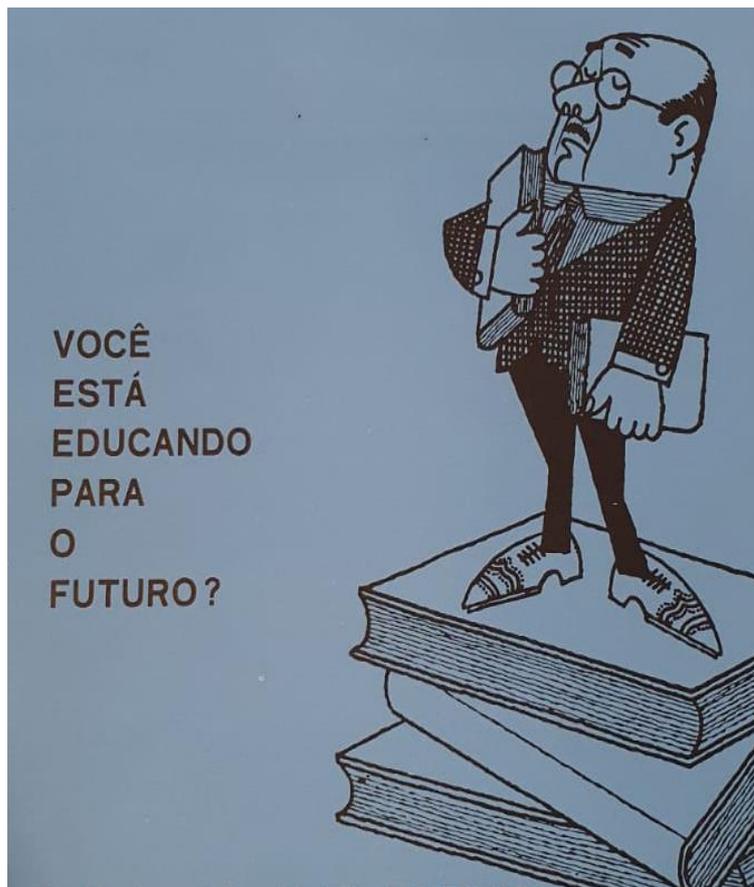
⁶⁴ Autor católico que publicou diferentes obras sobre a ideologia católica e seus dogmas. Tinha livros tanto em espanhol como em francês.

mais”, que tinham um enorme potencial e que ninguém, nesse país em desenvolvimento pode “ser menos” do que realmente é capaz. Sabemos que o futuro de um país depende muitíssimo daquilo que cada cidadão é hoje. O Brasil precisa de uma liderança e sendo a *Escola de Pais*, também uma Escola de Liderança, temos a certeza de estar contribuindo para o desenvolvimento desse povo, dessa imensa nação. (LOPES, 1972, p. 15).

Por meio da citação fica evidente como, a partir de seu discurso, ela colocava sob a responsabilidade dos pais e participantes da instituição, o sucesso do movimento. Além disso, ao destacar que muito de seus participantes atuavam na vida pública, em cargos importantes do governo, e nesse sentido contribuía para a construção de um planejamento nacional, dava o indicativo de que o pensamento defendido pela Instituição ocuparia então um espaço real na vida pública.

Ao afirmar a necessidade de liderança dos pais, fazia-o como uma contribuição cidadã para a construção de um novo país, retomando a tônica política efervescente da época, cujo foco era o patriotismo. Até a imagem que compunha o referido manifesto sinalizava para essa questão, como podemos observar a seguir.

Figura 11 – Capa da revista publicada por Lopes em 1972



Fonte: Acervo da *Escola de Pais* do Brasil, seccional Curitiba.

Na imagem, podemos visualizar o ideário que Alzira buscava promover aos seus seguidores, oferecendo a ideia de como a *Escola de Pais* possibilitava aos participantes um espaço privilegiado na sociedade. Formavam-se ali os dirigentes de uma sociedade que, munidos dos conhecimentos herdados no lar, poderiam gerir de forma eficiente a coletividade. Outra interpretação possível seria de que o conhecimento dispensado aos pais, representado pela figura masculina na imagem, dava a ideia de autoridade e os livros seriam a representação do conhecimento obtido por meio das formações que legitimavam a ação educacional.

Podemos ainda problematizar como a imagem apresenta uma ideia de que os homens, na formação social da época, apresentavam-se como peças fundamentais para a organização da sociedade. O questionamento “Você está educando para o futuro?”, sem a presença feminina na imagem, demonstra como os pilares sociais e educacionais são pensados e postos sempre a partir do ponto de vista masculino e as mulheres, nesse caso, seriam somente meras

executoras desse construto social. Como Mary Del Priore descreve, os papéis sociais pensados para homens e mulheres foram “[...] homem na rua, mulher em casa; esposa *versus* marido; homem provedor e mulher submissa” (DEL PRIORE, 2013, p. 57).

A quantidade de livros na imagem também oferece a ideia de que a instrução era vital para que os pais pudessem trazer para si melhores métodos e assertivas decisões para a formação dos filhos. Assim, a *Escola de Pais* serviria como uma ponte para os pais alcançarem tal objetivo, trazendo uma legitimação para essa atuação da Instituição na educação das famílias.

Na obra *Educação e massificação*⁶⁵, Alzira atua como prefaciadora e organizadora das produções consolidadas ao longo de diversas atuações da EPB. Ao finalizar o texto, ela imprime um sentido pessoal em sua atuação no movimento, destacando que “A Deus agradecemos a oportunidade de participar de tão grande trabalho e esperamos com a Sua ajuda continuar a dar nossa humilde colaboração” (LOPES, 1979, p. 4). Assina o texto como casal Lopes, evento raro em suas publicações, pois, majoritariamente, assina como Alzira Lopes. Fica evidente, nesse pequeno trecho, a prática de atributos de sua fé católica como humildade, amor ao próximo e gratidão a Deus.

⁶⁵ Publicada pela Paulinas, em 1979, em São Paulo.

2. AS PRODUÇÕES DE ALZIRA LOPES DESTINADAS À FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

Destinamos esse capítulo para a análise de algumas obras publicadas por Alzira Lopes, com objetivo de compor um rol de leituras que discutiam tanto assuntos relativos à educação das mulheres como a educação das famílias.

Suas obras tiveram ampla circulação em um panorama nacional e internacional e foram traduzidas em outras línguas, como português, espanhol e inglês, como já foi dito. Para a pesquisa, utilizamos como critério para a seleção das obras analisadas o ano de sua publicação, seu público destinatário e os protocolos de leituras imbuídos nesses manuais. Todas as obras em questão foram publicadas pela editora Paulinas e destinadas à formação das mulheres, servindo para que elas, na vida privada, pudessem atuar de forma assertiva na educação de seus filhos e na administração do lar e do casamento, em diferentes fases da vida.

Nesse sentido, pensar em Alzira Lopes como intelectual permite entendermos que suas obras foram frutos de outros empreendimentos e projetos que buscavam atender às demandas educacionais presentes na sociedade naquele período de produção. Chartier (2014), a partir de outras reflexões propostas por Foucault, contribui para refletirmos que a “[...] função do autor é [...] características do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos dentro de uma sociedade” (CHARTIER, 2014, p. 146), Dessa forma, pensar nos discursos que Alzira veiculava a partir de suas obras nos faz compreender como tais ideias por ela discutidas estavam articuladas com as problemáticas que envolviam a sociedade da época.

Pensar Alzira como intelectual também requer refletir sobre como ela deixou sua marca na educação brasileira, principalmente em assuntos relacionados à educação das mulheres e das famílias, buscando, a partir de sua atuação, educar por meio da leitura e colocar as mulheres como protagonistas na ação educativa empreendida nos lares e, conseqüentemente, serem consideradas como construtoras dos dirigentes da sociedade.

No decorrer de sua trajetória intelectual, Alzira dedicou-se à publicação de diversos livros destinados à educação das famílias, os quais citamos no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Livros publicados por Alzira Lopes

TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORA
A Escola de Pais no Brasil	1971	<i>Escola de Pais</i> do Brasil
Escola de Pais - Uma grande experiência	1974	Paulinas
Educar para o futuro: Escola de Pais	1978	Atheneu
Educação e massificação	1979	Edições Paulinas
Escola de Pais: Uma grande experiência – Edição reformulada	1985	A tribuna
Pais, educando para o ano	1987	Paulinas
Pais educando para o século XXI	1987	Paulus
Como ter um filho sadio e feliz	1988	Paulinas
Casa de pais, escola de filhos	1988	Paulinas
Como tener un hijo sano y feliz	1988	San Pablo
Casa de padres escuela de hijos	1991	Ediciones Paulinas
Como viver feliz seus 100 anos	1993	Paulinas
A mis hijos los educo yo	1995	Tapa Blanda
Vivir Feliz 100 anos	1997	San Pablo
Livre para crescer	2002	Recado
Viver a 3° idade como a melhor idade	2002	O recado
Escuela de Padres – Uma Grand Experiencia	Sem data	Almed

Fonte: a autora (2022).

As obras de Alzira tiveram circulação internacional, pois podemos observar no quadro anterior as que foram traduzidas e publicadas em diferentes países, principalmente em espanhol e português. Tal estratégia mercadológica também reflete a própria circulação da intelectual num panorama internacional, já que ela foi uma das responsáveis pela criação da *Escola de Pais* em Portugal e em diferentes países da América Latina.

Observando as publicações da autora, podemos observar que a temática mais abordada em seus textos referia-se à educação das famílias e à atuação da mulher nesse cenário educativo. Ao apresentar elementos que

retratavam experiências vivenciadas pela autora em sua vida privada, trazia à tona uma tática de colocar-se em circulação utilizando também suas experiências pessoais como modo de chancelar sua produção.

Perrot (1998) auxilia no entendimento de como as mulheres frequentemente se colocaram em circulação, observando que

[...] na intimidade de seu quarto, pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduzirão no espaço público. É por isso que a escritura, suscetível de prática domiciliar é uma das primeiras conquistas femininas, e também uma das que provocaram mais forte resistência. Em suma, existem muitos meios, diretos ou não, de ser uma mulher pública, com a condição de dar a essa expressão certa extensão. Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito. Certos limites se deslocam mais do que outros. Certas zonas resistem mais do que outras. Ao longo dessas fronteiras móveis, as relações entre os homens e mulheres modificam-se como as figuras de um interminável balé. (PERROT, 1998 p. 10-11).

Os títulos aqui presentes para análise foram publicados a partir de 1987⁶⁶, coroando a importância da intelectual para o campo educacional e religioso, já que com suas obras ela veiculava o ideal católico de formação social. Ao agir no campo, ela munia-se de poder simbólico que entendemos, por meio de Bourdieu (1989), como “[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7). De certo modo, a manipulação desse poder concedia à autora a manutenção do *status quo* a partir de sua atividade educativa, pois, ao manipular os sistemas simbólicos, cumprem-se

[...] a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Parece-nos que sua vida sempre esteve ligada ao campo intelectual e, como uma forma de manter seu legado, em 1993, publicou sua última obra

⁶⁶ Selecionamos os títulos *Pais, educando para o ano 2000, Casa de pais, escola de filhos, Como ter um filho sadio e feliz e Como viver feliz os seus 100 anos* por terem sido publicados pela mesma editora e de certo modo apresentarem temáticas e discursos que tinham um mesmo fio condutor ideológico.

pela Paulinas, marcando o fim de sua coleção, intitulada *Como viver feliz seus 100 anos*.

A partir da pesquisa, pudemos entender que a publicação das obras *Pais, educando para o ano 2000*, *Casa de pais, escola de filhos*, *Como ter um filho sadio e feliz* e *Como viver feliz os seus 100 anos*, caracterizava-se como uma escolha consciente de Alzira, pois a circulação delas oferecia ao leitor um rol de conhecimentos acumulados pela projeção nacional e internacional que Lopes carregava, observando os diversos cargos ocupados por ela em Instituições de relevância ao tratar-se da educação das famílias. Nesse sentido, ao publicar esses títulos, a autora teria grande adesão de leitores, já que a intelectual circulava com diversos públicos e em diferentes cenários, apresentando-se como uma boa estratégia de cooptação de leitores importantes também do ponto de vista econômico.

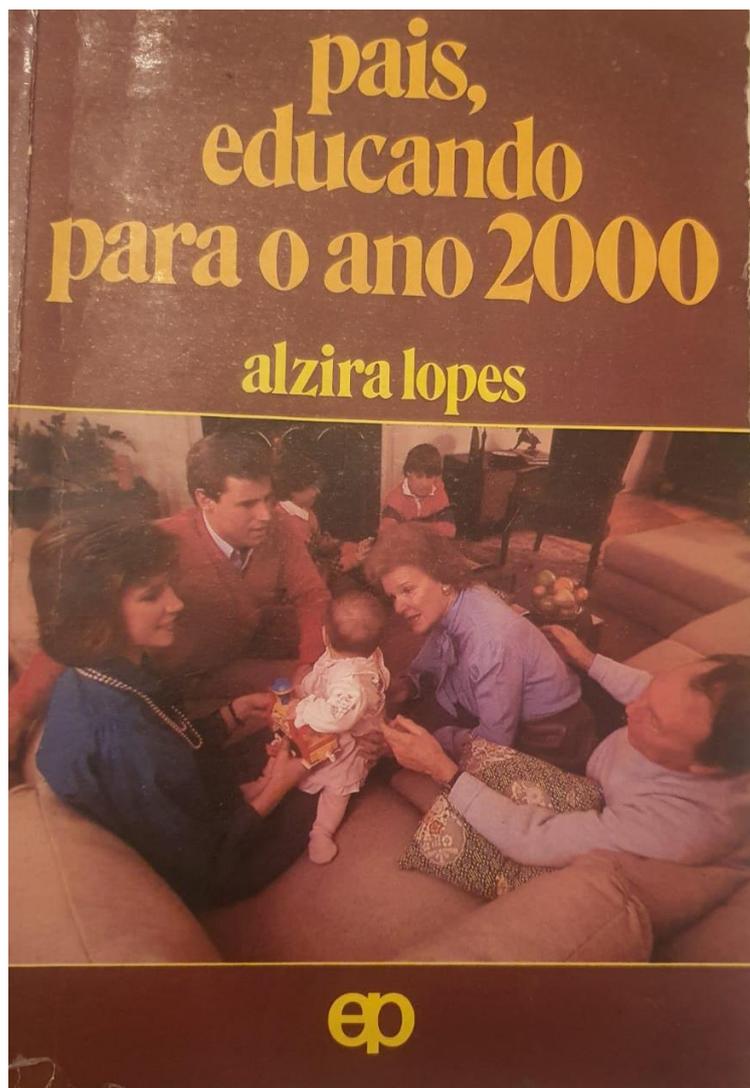
2.1 A OBRA *PAIS, EDUCANDO PARA OS ANOS 2000*

A obra foi publicada por Lopes em 1987, destacando elementos que ela vivenciou em sua trajetória frente à *Escola de Pais* do Brasil. Tais relatos nos fazem refletir como a sua trajetória intelectual foi se vinculando em sua atuação frente à Instituição.

O livro foi publicado pela editora Paulinas, com 198 páginas distribuídas em vários capítulos que buscam discutir sobre a adolescência, crianças e as relações familiares, bem como a educação familiar no lar e a relação entre pais e filhos.

Atentar-se para a materialidade da obra é um elemento fundamental para sinalizarmos o contexto em que ela foi criada e o público que buscava atingir. Nesse sentido, buscamos trilhar a análise a partir de diferentes obras de Roger Chartier.

Figura 12 – Capa da obra *Pais educando para o ano 2000*



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Analisando a capa do livro, percebemos alguns elementos que podem trazer indicativos do público com o qual Alzira buscava diálogo. Na composição dela, podemos observar que em primeiro plano há o título do livro em uma cor contrastante com o fundo, trazendo bastante visibilidade para a temática que ali era discutida. Em seguida, aparece o nome da autora e o símbolo da editora em realce negrito e com uma cor diferente do título da obra.

No que se refere à imagem escolhida para a capa, é visível que ela era composta por uma família elitizada, sobretudo, ao nos atentarmos para o mobiliário disponível, nas roupas e características físicas dos personagens. De acordo com Chartier (1990), a “imagem no frontispício, ou na página do título, na orla do texto sugere uma leitura, constrói um significado” (CHARTIER, 1990, p. 133). Tal cenário poderia se apresentar como um elemento que seria o

chamariz para o público com o qual Alzira buscava diálogo e de certa forma pela foto poderia ser despertado um sentimento de representatividade do público leitor com o modelo de família que a obra difundia.

Apesar de a realidade brasileira apresentar diversidade étnica, nas obras de Alzira, em nenhum momento é registrada a presença de pessoas asiáticas ou negras, aparecendo somente como registro família brancas. Nesse sentido, podemos questionar como a partir da obra ela colocava em destaque um modelo familiar

Nuclear, heterossexual, monógama, patriarcal, a família que herdamos do século XIX era investida de um grande número de missões. Na junção do público e do privado, esferas grosseiramente equivalentes aos papéis dos sexos, ela deveria assegurar a gestação da sociedade civil e dos "interesses particulares", cujo bom andamento era essencial à estabilidade do Estado e ao progresso da humanidade. (PERROT, 1993, p. 3).

Chartier (2014) destaca o “[...] objeto material que pertence à pessoa que o adquire, e o livro como discurso endereçado ao público, que permanece propriedade de seu autor e só pode ser posto em circulação por aqueles designados” (CHARTIER, 2014, p. 30). Nesse sentido, o livro assumia um discurso endereçado à elite de como deveria se dar a organização e a orientação familiar.

Na contracapa do livro, Alzira descreve que ele se destina às famílias para despertar nelas a consciência de seu papel formador e utiliza ainda a palavra missão como estratégia para potencializar esse papel que a obra assumiria no percurso formativo das famílias.

Ela destaca que “[...] hoje, mais do que nunca os pais precisam estar à frente dos acontecimentos para que os filhos não os peguem de surpresa e para que os mesmos não destruam o que já foi realizado com tanto esforço” (LOPES, 1987). Afirma ainda que

[...] ao lerem este livro, os pais obterão um reforço para suas idéias e ação educativas, a fim de que a sua felicidade, juntamente com a família, seja completa, pois, só com pessoas dignas e capazes de fazer outras felizes construiremos um mundo melhor. (LOPES, 1987).

Para compor a capa, há ainda uma foto de Alzira com o marido e uma descrição intitulada casal: Alzira e Antonio Fernando Lopes. Nesse espaço, há

uma descrição dos diferentes cargos ocupados por eles na discussão da educação familiar, em diferentes instituições, tanto em âmbito nacional como internacional. Tal descrição serviria como forma de legitimar a obra produzida por Alzira.

Ela escreve o livro seguindo uma estrutura organizada com base na descrição do capítulo, seus objetivos, motivações para o estudo daquela temática e conclusão obtida a partir das discussões promovidas.

Na organização da obra, entre um capítulo e outro, a autora utiliza como prática de escrita a seleção de poemas como estratégia para dar um respiro entre as temáticas tratadas no livro.

Na apresentação, ela destaca que há extrema necessidade de os pais se prepararem para o desempenho familiar e relaciona com outras experiências vivenciadas no cotidiano, como “conseguir Carteira de Habilitação que nos permita dirigir nosso meio de locomoção, mas não estudamos nada para construir um homem, tarefa das mais complexas e difíceis” (LOPES, 1987, p. 5). Tal relação com a vida cotidiana faz com que a autora estabeleça um diálogo mais próximo e real com a vida dos leitores.

Ela traz nesse tópico como surgiu para ela a oportunidade de contribuir para a fundação da *Escola de Pais* do Brasil, tendo ciência do movimento francês em 1962. A busca pela criação de uma associação de pais surgiu a partir da necessidade exposta por Madre Ines de Jesus, como forma de organização de uma associação de pais e mestres do Colégio Madre Alix, onde suas filhas caçulas estudavam. Nesse relato, podemos observar como a vida pessoal estava entrelaçada com o percurso intelectual de Alzira.

Ela relata que nesse percurso em busca de melhores opções para a fundação dessa associação, deparou-se com um livrinho⁶⁷:

L' école des parents, de André Isambert. Ficamos felizes ao ler que em 1927, Madame Verrine fundara em Paris uma *Escola de Pais*. Ora, a França, tão avançada, com uma *Escola de Pais*... isto vinha, com certeza, ao encontro dos nossos interesses. Levado a Madre Inês, imediatamente aceitou nossa proposta, mas como grande educadora que é, disse: “Mas não só para o nosso colégio!” Saímos novamente, convidando todos os colégios de São Paulo para participarem da fundação de algo muito importante para todos, que seria então a *Escola de Pais*. (LOPES, 1987, p. 6).

⁶⁷ Expressão utilizada pela autora. Em suas palavras, “livrinho, porque era realmente um livro de bolso”.

Pelo relato feito por Alzira sobre a propagação da ideia de fundação da *Escola de Pais* do Brasil, ela descreve algumas instituições e personagens que foram basilares para a criação e a ampliação do movimento liderado por ela.

Apresenta o nome das instituições⁶⁸ que a apoiaram na efetivação do movimento, sendo a primeira o Colégio Madre Alix, liderado pela Madre Inês de Jesus. Na sequência, o Colégio Santa Cruz, liderado pelos padres Gilles e Leonel Corbeil e, por fim, o Colégio São Luís, liderado pelo padre Quintamilha.

Fica evidente pelos relatos como ela constituiu uma base de atuação com o apoio de intelectuais e instituições católicas. Em um dos trechos descritos pela intelectual no livro, trouxe que o companheirismo de padre Corbeil era de extrema importância para a propagação do movimento. Ela ressalta que sua ideia de organizar uma associação de pais e mestres deveria “[...] ser lançada por uma autoridade, por exemplo o Pe. Lionel Corbeil, Presidente da Associação de Educação Católica” (LOPES, 1987, p. 6). Tal comentário denota como o pertencimento a certa rede de sociabilidade permitia à Alzira uma legitimidade para os movimentos e ações tomadas frente à instituição. Em outro trecho da obra, ela refere-se ao padre como amigo, o que denota uma relação de cooperação entre os intelectuais.

Ela apresenta ainda como cooperou para a criação do Instituto da Família, ação defendida pelo deputado Reis frente ao Congresso Nacional. Nas palavras de Alzira, a criação do INSTITUTO DA FAMÍLIA resultou na publicação de um “[...] livro sairá em breve com todos os dados e informações necessários para que todos, sem exceção, possam participar da reconstrução deste imenso país que é o Brasil, deste numeroso povo brasileiro” (LOPES, 1987, p. 7).

Na sequência, apresenta em seu discurso princípios de um ideário católico que buscava pela fé cristã educar para uma nova organização da sociedade. Segundo ela, “[...] somente aqueles que têm o indispensável amor a Deus, e fé na grandeza da nossa pátria, têm esperança de que conseguiremos essa transformação” (LOPES, 1987, p. 7).

A obra em sua materialidade foi dividida em 11 capítulos. Para iniciar a discussão do primeiro, ela apresenta uma citação de um casal que fazia parte

⁶⁸ Cabe aqui ressaltar que tais instituições eram pertencentes à elite brasileira, o que denota o público com o qual ela buscava diálogo.

do movimento da EPB, reafirmando a importância do lar na formação do ser humano. Tal citação traz uma ideia de proximidade com os fatos que aconteciam no cotidiano familiar e as temáticas discutidas na obra.

No decorrer do capítulo, descreve autores e citações que reforçam a ideia de que no lar era onde as famílias criariam o futuro da humanidade e o preparo para essa educação e fariam com que valores fundamentais sobre o qual as famílias estavam apoiadas fossem preservados, já que com a modernidade e diferentes expressões sociais esses valores estavam em perigo constante. Para reforçar tal ideia, ela apresenta que tal mudança na concepção e estruturação das famílias não era algo observado só no Brasil.

Esse problema educacional advindo das famílias assolava

[...] não exclusivamente o nosso mundo ocidental. A família está ameaçada em todas as partes do mundo em que as transformações sociais têm sido maciças e vertiginosas – transformações essas que nós mesmos orgulhosamente deflagramos em nome do progresso! (LOPES, 1987, p. 22).

Ela faz uma crítica à estrutura das famílias, ao aumento do divórcio, à separação e aos filhos fora do casamento, às famílias desintegradas e tais características que a sociedade estava assumindo prejudicava a hegemonia da família como uma instituição importante para a perpetuação de valores singulares para uma sociedade conservadora.

Para ela, o lar é a estrutura social onde os

Filhos são preparados para crescer no sentido da independência e de um modo de viver no mundo exterior – como pais, nós esperamos que nossos filhos venham a guardar do lar recordações felizes e uma clara impressão de amor e confiança, dados e recebidos (interação) que os sustentem ao longo de suas vidas. [...] O lar deve ser encarado como uma espécie de plataforma de lançamento e as famílias como o processo de transição. (LOPES, 1987, p. 13).

Ela descreve uma espécie de relato sobre as mulheres que trabalham, estabelecendo uma crítica nas entrelinhas, apesar de o livro ter sido publicado no final dos anos 80 e muito do que se discutia nele ser um apanhado de conceitos valorizados desde os anos 60 pela autora. Em relação à saída da mulher do ambiente familiar para o mercado de trabalho, ela destaca que

Hoje sabemos que a mulher também sai de casa para trabalhar, e quando chega em casa continua sua tarefa acumulada por algumas horas de ausência. Com seu cansaço e a sobrecarga, dificilmente poderá atender as necessidades do lar como ele precisa. Muitas

vezes essa ausência é imposta pela própria sociedade de consumo, que propõe cada vez mais necessidades geralmente fictícias. E o casal se deixa levar por essas falsas exigências tornando infernal a sua vivência familiar. (LOPES, 1987, p. 14-15).

Nesse trecho, ela apresenta uma crítica ferrenha para as mulheres que ocupavam o ambiente público, já que apresentariam menos eficiência no desempenho educativo em casa, pois usariam esse tempo para dedicar-se a outras atividades, não essenciais em sua colocação. Deveriam ser somente dedicadas aos filhos e maridos, para obterem um lar harmonioso e feliz.

De acordo com Del Priore (2013), tal pensamento era comum na sociedade daquela época, onde as mulheres eram destinadas aos cuidados dos filhos e da casa, enquanto o marido cuidaria das demandas financeiras e ocuparia a vida pública com mais facilidade e aceitação do que as mulheres.

Em alguns momentos ao longo do livro, a intelectual buscava matizar o discurso em tom de crítica à ocupação das mulheres no mercado de trabalho, citando que a criação de um filho seria uma tarefa de ambos. Em suas palavras, “[...] os pais aparecem como ‘mestres de vida’. Há divisão de tarefas pelo casal, onde ambos saem para trabalhar e quando voltam para casa, ambos vão cuidar dos filhos, educá-los, amá-los” (LOPES, 1987, p. 22).

Ela reforçava com insistência a ideia de que a mulher era o elo central do bom convívio e garantia de um lar harmonioso para os filhos, trazendo a citação da carta dos Direitos da Criança, difundida pela Unicef⁶⁹, destacando que quatro de seus artigos discutem que a criança necessita de um lar com pai e mãe presentes – que se amem e que amem verdadeiramente os filhos – e que possam dar-lhes, em cada momento de sua vida, respostas às suas indagações e às suas necessidades físicas, emocionais e espirituais.

Alzira aprofundava discussões que buscavam promover uma educação espiritual para ela: “também formamos um ambiente carente, quando se deixa de lado essa vivência. O ser humano terá uma formação falha, isto é, falta de Deus” (LOPES, 1987, p. 16). Além de destacar a necessidade de uma formação voltada para a espiritualidade cristã, ela afirmava de forma explícita que a falta dela prejudicaria de forma expressiva a formação humana. De certo modo, ela colocava na atuação da mãe, como orientadora, essa formação espiritual.

⁶⁹ Ela participou ativamente do conselho consultivo da Unicef.

A respeito do casamento, ela incentivava as moças a buscá-lo com afinco, já que era a partir dele que se consolidava um

[...] projeto de vida que ambos se propõem a levar a efeito com ajuda mútua. Ora, ninguém cresce sozinho, mas sempre com a ajuda do outro, e esse crescimento se estende em todas as direções: física, emocional, social, religiosa etc. Deve haver um esforço contínuo para alcançar metas, desenvolver papéis e construir um alto conceito. (LOPES, 1987, p. 17).

Ela defendia que casar-se era “encontrar-se não apenas no dia das bodas e na Igreja, ao som da marcha nupcial, mas encontrar-se todos os dias. E quem não se casa diariamente, dia algum vive casado” (LOPES, 1987, p. 53). Nesse fragmento, podemos ver a relação que ela estabelecia entre o casamento e a própria Igreja. Nas entrelinhas, também defendia que o casamento fosse celebrado de acordo com os moldes pensados pela Igreja Católica e, por fim, coloca a ideia de que o casamento deveria ser um compromisso aceito pelos cônjuges diariamente. Essa última discussão tinha uma necessidade real para o período em que ela escreveu, tendo em vista o aumento significativo no número de casais divorciados.

Ela destacava ainda que para além do casamento, garantir um bom clima no lar era imprescindível, já que essa harmonia no ambiente familiar tinha um caráter educativo de igual importância comparado com a vivência paterna e materna. Esse clima formado pelo casal e defendido por Lopes (1988) baseava-se no amor que transmitiriam à prole. Para ela, tal aspecto era de grande importância, apresentando uma diferenciação entre “[...] lar e casa. Todos os filhos têm casa para morar, e o que faz a diferença essencial é o AMOR. O clima do lar é tão importante para a criança como o AR que respira” (LOPES, 1988, p. 19).

De acordo com as recomendações dadas pela intelectual no decorrer da obra, fica evidente que busca inculcar, nas leitoras, comportamentos que pudessem garantir o bem-estar do marido para, de alguma forma, tornar possível a felicidade conjugal.

[...] e esta adviria em consequência de um marido satisfeito. [...] era fundamental que ela cuidasse em manter boa aparência, pois se embelezar era uma obrigação: A caça já foi feita, é preciso tê-la presa ou um homem que tem uma esposa atraente em casa esquece a

mulher que admirou na rua eram ditados correntes. (DEL PRIORE, 2013, p. 69).

Em relação à educação sexual, ela pontua algumas orientações para marcar qual era o ideal de vida sexual que se permitiriam de acordo com os preceitos religiosos. Nesse sentido, os casais deveriam compreender que o sexo era algo “[...] bom e importante, e que deve ser vivido com seriedade e não na promiscuidade. Estes valores devem ser apresentados aos filhos e discutidos com eles a maneira de vivê-los” (LOPES, 1987, p. 23). Ao discutir que o sexo deveria ser assumido com seriedade, ela reforça a importância dele ser vivido dentro do casamento, mas como algo bom. Essa concepção trazida pela Alzira mostra a pluralidade de discurso que começa a aparecer em relação a sexualidade.

Em relação as questões acerca da sexualidade, sobretudo, no âmbito dos debates acalorados que surgiram na primeira metade do século XX, em um primeiro momento os educadores católicos adotaram uma postura de silêncio. Ao começarem a falar sobre o tema acentuaram a importância do sexo para a procriação, o prazer ainda não era contemplado nos debates católicos⁷⁰. Neste caso,

A regra era recusar o prazer. Só o espírito tinha valor. A “carne” como dizia São Joao “não servia para nada” e o desejo e a luxúria eram coisas de Satã, que aliás, já havia enganado Eva no paraíso. A saída era fazer do sexo um remédio contra a concupiscência, voltado exclusivamente para a procriação “Crescei e multiplicai-vos” eis ordem- que deveria ser executada com muita decência. (DEL PRIORE, 2013, p. 28-29).

Paulatinamente os educadores católicos vão assumindo que o prazer entre o casal funcionava para assegurar o vínculo conjugal, evitando assim o tão temido divórcio, pauta que se acentua nos anos 1960. Falar sobre o prazer não era uma estratégia consensual entre os educadores católicos, mas foi adotada pela Escola de Pais, ainda que no Brasil ela tenha sido mais sutil que em outros países⁷¹.

Ela destaca que entre os pais deveria haver um amor profundo e em seguida traz o pensamento de Charbonneau, ressaltando que o casal, tendo diante de si o filho, deveria ter o amor para além de um privilégio, tratando-o

⁷⁰ Sobre esse assunto ver Orlando (2013)

⁷¹ Sobre a temática ver Orlando e Henriques (2017)

como um DEVER⁷², obrigação. “[...] dois esposos não mais têm o direito de não se amar, mas sim têm o dever de se amar cada vez mais e sempre melhor” (LOPES, 1987, p. 20). Ao destacar em caixa-alta a palavra, ela ressalta como o amor deveria ter esse caráter de obrigatoriedade no relacionamento para que os filhos fossem beneficiados pelo casamento “saudável” de acordo com os princípios estipulados para aquele momento. Diferentes revistas publicadas nos anos 60 traziam a discussão de como deveria se “promover o ‘entendimento’ entre o marido e a esposa, e se preocupa com o bem-estar e a adequação da mulher aos seus papéis familiares” (PINSKY, 2014, p. 220). Tais discursos estavam em consonância com o que Alzira propunha em sua obra para que fosse possível a “felicidade conjugal”⁷³.

Além disso, ela apresenta um questionamento de como essa falta de comprometimento com a educação espiritual dos filhos poderia afetar suas vidas de forma negativa. “Quantas crianças não deixarão de triunfar na vida, e o que é mais importante – falham na Eternidade, por não terem encontrado Amor na terra e um LAR que lhes traduzisse a sua importância” (LOPES, 1987, p. 20). Nas entrelinhas, ela buscava encucar valores católicos de que o amor da família abriria o entendimento do amor de Deus, experimentado pela experiência amorosa vivenciada no lar. Descreve que a partir do amor familiar, a criança viveria intensamente o amor para chegar a Deus. Em diversos momentos, ela apresenta esse tipo de discurso com fortemente alicerçado nos valores católicos.

No decorrer do livro, é possível percebermos como a trajetória histórica da *Escola de Pais* do Brasil e a trajetória intelectual de Alzira Lopes caminharam juntas por um longo tempo, já que a Instituição foi gestada em sua própria caminhada intelectual. Ao longo da obra, ela descreve frases como “Na *Escola de Pais* não usamos”, “Nós da *Escola de Pais* acreditamos”, “Para nós na *Escola de Pais*”, entre outras situações que ilustram como ela se incluía na história no movimento e levava o leitor para um lugar de acolhimento ao mesmo tempo em que legitimava os assuntos tratados, por terem em si um viés formativo vivenciado a partir da Instituição.

⁷² Expressão e forma registrada no livro. Estratégia utilizada pela autora para trazer destaque para o tópico ali discutido

⁷³ Expressão utilizada por Alzira Lopes no decorrer da obra.

Alzira destaca algumas mudanças sociais observadas por ela que em sua concepção impactariam de forma significativa a educação dos filhos. Cita que os pais deveriam adotar alguns comportamentos, como a leitura da Bíblia como compromisso.

Destaca que tal leitura preveniria comportamentos rebeldes, já que é a partir do “[...] exercício da autoridade que permite à criança descobrir o mundo das pessoas, das coisas, os valores, e por fim, no palco sobrenatural, o mundo espiritual e DEUS” (LOPES, 1987, p. 28).

Em diferentes momentos, ela apresenta a discussão da superioridade do amor de Deus para com os homens e destaca que era no lar que tais sentimentos e conceitos eram construídos e, principalmente, o tratamento que os pais tinham como casal que faria com que os filhos acreditassem “que amar é possível, e que este amor humano nos leva a um amor superior que é o amor a Deus” (LOPES, 1987, p. 49). A partir dessa discussão, podemos entender duas temáticas diferentes discutidas nas entrelinhas. A primeira era de que o casal deveria construir um ambiente harmonioso e amoroso no lar, evitando discussões e outras questões que trouxessem como consequência a perda da admiração e até mesmo o divórcio, e a segunda era de que a partir das boas experiências obtidas no âmbito privado, esses filhos, quando jovens, buscariam experimentar o casamento como forma de sentirem o amor humano. Todos os pontos discutidos acima contemplam a última finalidade firmada pela autora de que todo o amor humano levaria ao amor de Deus, que estaria então interligado com a ideia de casamento firmado pela Igreja.

Outra discussão travada por Lopes (1987) dizia respeito ao uso da liberdade e o que conceitualmente esse termo representava para ela. De acordo com diferentes aparições do termo ao longo da obra, podemos entender que naquele período e discussões travadas em torno do uso ideal da liberdade, Alzira atrelou o conceito com o de responsabilidade, destacando uma visão ideológica católica de que “o ser humano foi feito para ser livre, mas como lhe custa essa liberdade! Sendo o maior bem que Deus lhe deu, também corresponde a grande responsabilidade” (LOPES, 1987, p. 47). Ao trazer essa discussão, ela ia ao encontro de um problema muito discutido entre os anos de 1965 a 1987, quando efetivamente a obra foi publicada. Nesse período, estava em voga a discussão tanto da privação da liberdade ocasionada pela ditadura

militar como a busca pela liberdade que culminou em diferentes formas de manifestações populares, até efetivamente, em 1985, haver a queda desse sistema.

Nesse bojo, discutir quais seriam os melhores mecanismos utilizados pela população para a obtenção da liberdade perpassava a ideia também de rebeldia, que era elemento preocupante tanto para o clero como para o governo. Nesse sentido, ensinar as famílias a inculcarem uma ideia de utilização responsável da liberdade permitia que em muitos casos os jovens desistissem de certas discussões, acatando o que era posto.

Em relação às mulheres, ela desta que as “esposas trabalham, as mulheres querem ser livres e os filhos rejeitam a autoridade. Hoje o homem não é mais o soberano do seu palácio, houve uma revolução em seu reino e dela o pai emergiu como ‘bobo da corte’” (LOPES, 1987, p. 27).

Ainda ressalta essa perda de visibilidade no lar, que se reflete em diferentes espaços da sociedade.

[...] na televisão, seu ego é novamente agredido por programas nos quais mulheres e filhos saem vencendo o pai, em esperteza, ou por anunciantes com programas em favor da mulher, porque 80% das compras são feitas pela esposa-mãe. Se o pai não é mais tão poderoso como foi outrora, por outro lado nunca está disponível para a família. (LOPES, 1987, p. 27).

Ela traz para o homem o papel de autoridade desempenhado no ambiente familiar, afirmando que somente quem se sente responsável, diante do dever moral, poderia ser autoridade para alguém. Destacava ainda os desafios do exercício desse papel naquela época, “porque as crianças recebem uma influência externa muito grande da TV, da escola dos amigos” (LOPES, 1987, p. 34). Ao escrever a palavra “PAI” na obra, ela utiliza como ferramenta gráfica letras caixa-alta, sinalizando uma estratégia que trazia destaque para o papel que o homem desempenhava na sociedade.

Alzira afirma que o pai é o “líder” do lar e sua autoridade é exercida protegendo e decidindo com amor e firmeza em colaboração estreita com a esposa. “[...] A esposa o auxilia, prestigiando-o e apoiando-o com amor” (LOPES, 1987, p. 37).

Reafirma também a necessidade do papel masculino para a manutenção de alguns valores sociais importantes do passado que seriam de vital

importância para o momento em que a obra estava sendo posta em circulação. Em suas palavras, “[...] Precisamos de homens novos para um mundo novo, capazes de criar uma nova família onde os valores sempre antigos e sempre novos se reafirmem na imensa variedade de formas” (LOPES, 1987, p. 24).

Esse trecho demonstra a circulação de *Alzira* em um panorama internacional, pois ela cita que diversos países ditos avançados estão às voltas com sérios problemas de saúde mental das crianças. Citou a sua participação em um Seminário Internacional de Sevres, em Paris. Foi para a Suécia e a Noruega para ampliar esse seu conhecimento acerca de como esses países lidavam com a educação das famílias.

Comparando a escrita dessa obra com as demais analisadas no percurso dessa pesquisa, destacamos que a intelectual se colocou de modo mais informal em alguns momentos e deixou sua opinião explícita em relação a mães que desmamam as crianças para retomar suas atividades sociais. Ela afirma que tal comportamento é “[...] uma onda ridícula das suas fúteis ocupações” (LOPES, 1987, p. 41).

Apesar de ela afirmar em diversos momentos que sua obra era endereçada às famílias em diferentes situações, faz interlocuções, principalmente em tom de crítica ao comportamento feminino. Busca inculcar, a partir da leitura, uma educação para que as mulheres permanecessem no ambiente privado ocupadas somente com a educação dos filhos e a administração do lar. No trecho a seguir, sinaliza essa mobilização de crítica do comportamento feminino atrelado com a descrição de como esse mau comportamento afetaria a vida da prole. “A indecisão da mãe é tão grande que os filhos terão que procurar, por si sós, seus próprios caminhos, já que a mãe não é capaz de indicar-lhes o certo ou errado das coisas” (LOPES, 1987, p. 41).

Ela resolve sua vocação e não suporta que o fruto de sua carne escape ao seu controle. Os filhos ficam eternos dependentes das suas vontades e são incapazes de se rebelar (LOPES, 1987, p. 42).

Ela destaca que sua obra e a Instituição fundada por ela e por outros intelectuais católicos tinham como objetivo “ajudar a mãe a crescer com seu filho, para poder ajudá-lo. [...] mães indecisas, infantis e nervosas não podem educar bem” (LOPES, 1987, p. 44).

Ela apresenta a ideia do que seria a função da mãe na família, destacando que “[...] é a mais importante e mais digna das profissões. Devemos valorizar suas pequenas economias, seus sacrifícios, suas renúncias” (LOPES, 1987, p. 44).

Ela destaca que era de fundamental importância a mulher ter consciência do que significava “ser MÃE. A MATERNIDADE é um privilégio dela e, por isso mesmo, acarreta também grande responsabilidade junto ao filho” (LOPES, 1987, p. 45). Ao trazer as palavras em caixa-alta, podemos entender isso como uma estratégia para chamar a atenção do público leitor para os pontos-chaves de seu discurso. Além disso, discutir a maternidade como um privilégio destina às mulheres um lugar de obrigação que todo o trabalho dedicado à criação do filho era uma dádiva, retomando a ideia disseminada pela Igreja de que a procriação era uma bênção divina e a mulher era esse instrumento utilizado por Deus para que fosse possível a perpetuação da espécie humana.

A partir da abordagem feita por Lopes (1987) com a temática da maternidade relacionada ao cumprimento da missão divina, destinada às mulheres, cabe ressaltamos a reflexão provocada por Del Priore acerca dessa relação comum em alguns discursos entre a maternidade e a religião.

Este juízo sobre a madre alimentou [...] todo o debate sobre a função normativa do corpo feminino e a importância da maternidade como forma de resgate de pecados. Ditados antigos, que reforçavam o valor moral e físico da maternidade, tais como "Não a madre como a que pare", ajudavam a dicotomizar as mulheres. Erigido como altar da procriação, o útero em funcionamento apontava a mulher normalizada, identificada com os esforços da Igreja em redimir os males cometidos por Eva. (DEL PRIORE, 2013, p. 78)

A intelectual apresenta uma definição conceitual do que significava para ela os termos lar⁷⁴, mãe⁷⁵ e pai⁷⁶, colocados explicitamente durante toda a

⁷⁴ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre lar: “Esse personagem que, sem ser de carne e osso, exerce uma influência decisiva na formação da personalidade do filho. O clima do lar deve ser o amor, compreensão, alegria. Lar vem de lareira, calor humano. Não se trata de qualquer ambiente, mas daquele que responda às exigências da criança” (LOPES, 1987, p. 52).

⁷⁵ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre a figura materna: “Como responsável pela afetividade no lar, com equilíbrio emocional, serena, alegre, feliz porque é capaz de fazer felizes os seus” (LOPES, 1987, p. 52).

produção da obra. Podemos entender essa postura como uma estratégia utilizada por ela para situar seu discurso em torno do que se esperava para cada uma dessas funções na família e o que cada um dos papéis representava na educação das famílias e na criação de um ambiente familiar harmonioso.

Apesar de suas obras terem sido produzidas na década de 80, é possível perceber uma permanência histórica de um discurso que tentava alinhar questões contemporâneas com princípios tradicionais do catolicismo, principalmente no que se referia à mulher e ao seu papel na formação da família e, conseqüentemente, na organização social. Pinsky (2014) afirma que nos anos dourados esperava-se também que a maternidade fosse “quase que uma obrigação social. ‘O mundo continua porque a mulher não perde seu espírito de maternidade” (PINSKY, 2014, p. 291). Nesse sentido, de certo modo, Lopes perpetua essa ideia com base nos discursos promovidos por seus escritos.

Ela destaca isso como uma crítica à organização familiar que apresenta os componentes mãe e pai sem a compreensão afetiva na educação dos filhos e, nesse caso, afirma que a família não formaria um lar e, sim, uma moradia.

Alzira apresenta ainda a ideia de como a mulher ocupar o espaço público como professora trazia para a criança mais segurança ao ingressar na escola. Em suas palavras, a criança veria na professora “a mãe na escola”. Tal afirmação denota como a carreira docente historicamente foi pensada sobre o prisma do cuidado e frequentemente atrelada à forma de a mulher obter o exercício da maternidade no espaço público.

No decorrer da obra, a autora apresenta um discurso fortemente alinhado à propagação do ideário católico, aspecto evidente em alguns trechos que destacamos a seguir. “Amar e ser amado, chegar à fé e Deus” (LOPES, 1987, p. 64). Outro exemplo aparece em um trecho que ela faz menção aos mandamentos descritos no Novo Testamento da Bíblia Cristã. Para ela, “o mandamento de Deus – amar os outros como a ti mesmo – inicia-se aqui. Aquele que não acredita em si, como pode acreditar nos outros?” (LOPES, 1987, p. 60).

⁷⁶ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre a figura paterna: “Como líder aquele que está a serviço de todos com amor e firmeza, orientado, compreendendo e sempre presente” (LOPES, 1987, p. 52).

Destaca ainda que os

[...] valores são critérios de avaliação são referências com certo sentido de 'absoluto', dos quais dificilmente abrimos mão. São aqueles princípios ou objetivos que pautam nossa conduta, sobre os quais dificilmente nos questionamos. Alguns correspondem aos próprios fundamentos de nossa natureza humana. Outros valores são adquiridos pela tradição, pela fé religiosa ou através da cultura. (LOPES, 1987, p. 64).

Ela reforça a ideia de que nas famílias não passaria pela mente de ninguém transformar-se subitamente em médico, engenheiro, professor, astronauta, mas que, diariamente, jovens de ambos os sexos se casam e se propõem “a educar filhos”, sem sequer refletir um só instante sobre os árduos deveres que os aguardam. Se em todas as atividades humanas se exige bom preparo e atualização constante, por que para a tarefa que é a mais complexa de todas – a de “formar homens” – ninguém se prepara, e todos se julgam “mestres?” (LOPES, 1987, p. 67). O preparo das mulheres era de extrema importância para assumir esse papel maternal, já que “acima de qualquer papel ou atribuição que as mulheres possam ter ou aspirar, ser mãe só se iguala em importância a ser esposa, sendo que, frequentemente, ambas se confundem ou se complementam” (PINSKY, 2014, p. 291).

Ela destaca diferentes intelectuais que a auxiliaram na construção da obra e, quando se refere a André Berge⁷⁷, descreve-o como “grande educador francês, muito conhecido entre nós pelos seus livros de psicopedagogia familiar” (LOPES, 1987, p. 67).

Na obra, ela traz à tona a discussão do papel da mulher na amamentação a partir da discussão de que o ser humano, quando nasce, diferentemente dos outros animais, não está preparado para satisfazer por si suas necessidades fundamentais, como procurar alimento, por exemplo, “indo em busca do seio materno. A partir de publicações feitas pela imprensa e manuais que visavam a educação das mulheres, era possível identificar recomendações para que as “mães cuidassem e amamentassem pessoalmente seus filhos, surgindo assim a assertiva do instinto materno, do

⁷⁷ Intelectual francês que difundia, em suas obras de educação familiar, os preceitos da fé católica.

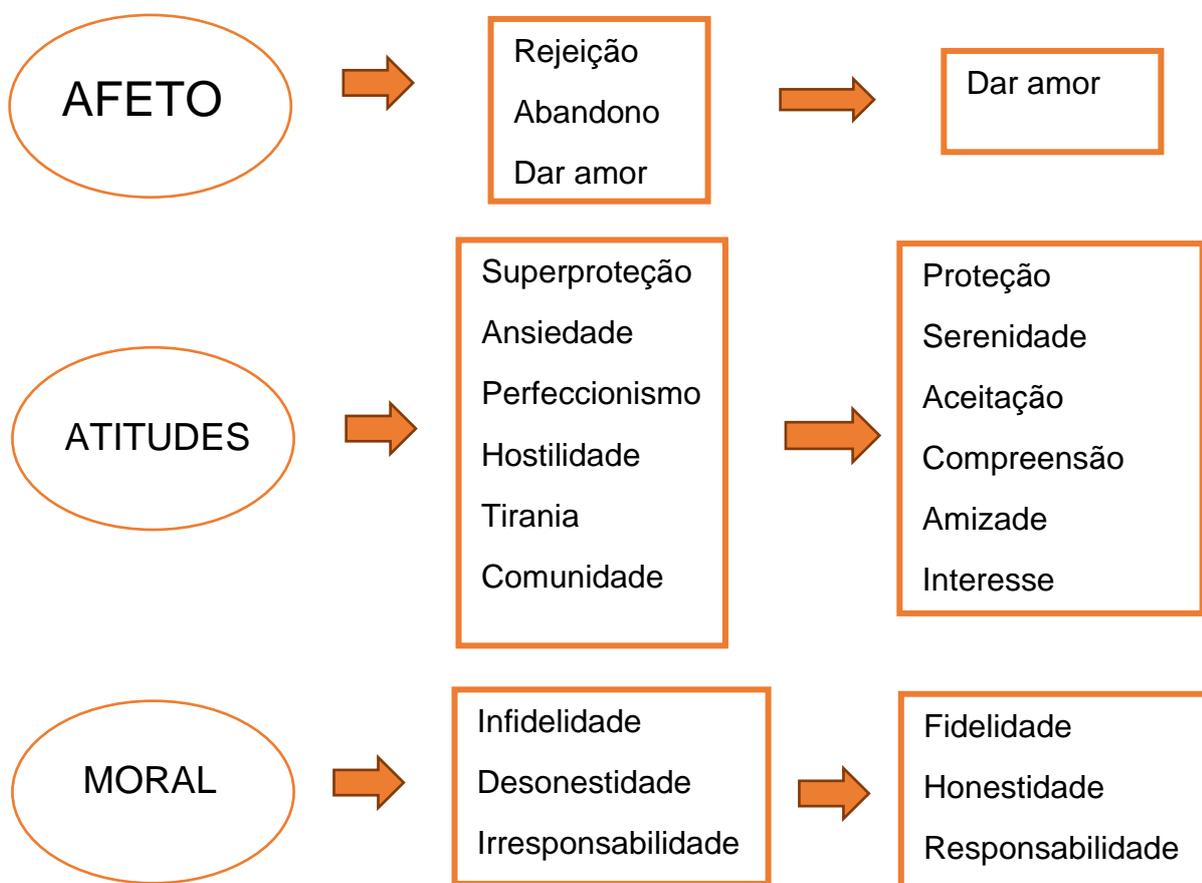
amor incondicional e espontâneo da mãe para com seu filho” (MARQUES; COTTA; PRIORE, 2011, p. 2.463).

Ela faz uma crítica a materiais que pretendiam educar as famílias com base em *slogans* e propagandas de livros, jornais, revistas e outros veículos que pregavam uma educação familiar artificial. Os pais carregam as experiências que tiveram em suas próprias famílias e o que fazem com seus filhos é o que obtiveram de seus pais. Portanto, precisam, na maioria das vezes, de ajuda para não transmitirem os desacertos de sua experiência passada. Thompson (1981) demonstra como

Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados. (THOMPSON, 1981, p. 191).

Na Figura 14, descrevemos as principais temáticas que ela buscou tratar na obra. Por meio da análise dela, pudemos perceber que a autora discute com afinco as principais áreas que as famílias deveriam se atentar na educação das crianças, realçando os principais problemas de cada área e as possíveis reações positivas que uma educação assertiva traria para cada eixo definido pela intelectual.

Figura 13 – Temáticas tratadas por Lopes no decorrer da obra



Fonte: a autora, com base nos dados da obra em análise.

Ela descreve os eixos elencados necessários à organização da escrita para que ao mesmo tempo em que a obra educasse, não ficasse com um caráter muito intelectualizado e incompreendido pelo público que não estava acostumado com os termos e temáticas tratadas em prol da educação das famílias. Tal estratégia sinaliza a tática utilizada pela autora para atingir seu público de forma eficiente.

Na obra, a autora apresenta constantemente a ideia de que toda criança só deveria vir ao mundo querida, amada e esperada. Ao tratar dessa temática, ainda recomenda que o casal verbalize a necessidade e a vontade de ter um filho “e, principalmente nós dois esperamos um filho. Essas palavras devem ser ditas pelo casal todos os dias que antecedem o nascimento do filho de maneira pausada e clara” (LOPES, 1987, p. 91). Diferentemente de outras situações, em que o peso de amar e desejar o filho estava descrito somente no papel

materno, nesse caso ela transfere para o casal essa responsabilidade com um pouco mais de divisão de papéis, mesmo que isso fosse posto apenas em um discurso isolado, já que comparando à totalidade da obra a função educativa e cuidadora ficaria a cargo da mulher.

Alzira (1987) descreve formas de instrução que as mulheres deveriam adotar com os filhos. Para ela, a autoridade materna era necessária, tanto para a formação da “personalidade da criança, como para ensiná-la a se submeter a uma estrutura social feita de leis e obrigações” (LOPES, 1987, p. 105). Em outro ponto, ela descreve que “Quanto à atuação do governo? Bem, aí o assunto se torna mais delicado, pois há tanta coisa para ser feita nesta área (como quase todas)” (LOPES, 1987, p. 129). Nesse sentido, educar as mulheres à submissão geraria um ciclo que refletiria na própria existência feminina que se buscava submissa ao marido e à estrutura social que era posta. A afirmação sobre o governo é interessante, já que a obra foi produzida durante a Ditadura Militar e afirmar que era um espaço de tensão a discussão política sinaliza como ela assumia um discurso matizado no que se referia à atuação popular, principalmente jovem à frente de eventos que iam contra o governo militar.

Podemos observar que em alguns trechos da obra ela faz uma conexão entre o ideário religioso por ela defendido e a postura política, tida como rebelde pelos jovens em sua concepção, e que todos esses comportamentos se davam por não existir

[...] estímulos neutros, mesmo a omissão; [...] Assim, por exemplo, deixando que a criança cresça sem religião para que na sua opção futura dispa-se de influências exteriores, isto significa não neutralidade, mas uma educação ignorando Deus. Pensar na educação é pensar, portanto, também em plano ideológico, feito de normas e valores, preocupados em dotar seus filhos de recursos para vencerem na conquista de seu crescimento integral, esta é a verdadeira meta da educação. (LOPES, 1987, p. 111).

Sobre os papéis sociais assumidos pelos homens e mulheres no lar, ela destaca que a

[...] masculinidade e feminilidade. A criança necessita de um pai e uma mãe que aceitem seus papéis, pois nem um e nem outro poderão ser adquiridos em um curso comum na escola, mas partem do berço, e ele só pode ser assimilado na vivência diária, por intermédio de pais que servem de exemplo, e que a protejam contra

os perigos. Mesmo a sexualidade, cujo tema será vivido em contato diário e corporal com o pai e com a mãe. (LOPES, 1987, p. 122).

A vida em família proporciona muitas oportunidades para demonstrar à criança o fato fundamental de o homem e a mulher, em seus distintos papéis, necessitarem um do outro para se complementar, pois necessitam de cuidados mútuos. Tal posição será bem compreendida se os pais aceitarem com satisfação seus próprios papéis, demonstrando apreço pelas posições dos outros e interesse em suas respectivas conquistas (LOPES, 1987, p. 122).

Ela ainda afirma a necessidade de os pais reunirem-se com os filhos para discussões de assuntos relacionados ao namoro, à religião, à vida política, ao trabalho e à profissão, bem como quanto a outras temáticas que de certa forma orientariam mais adequadamente o futuro dos filhos.

Quando se fala em Brasil, é preciso levar em consideração os vários “Brasis”; um que é a oitava economia do mundo, com significativos avanços, possuidor de grande presença em exportações de produtos industrializados e, portanto, que não pode deixar de acompanhar as grandes nações do mundo, como os Estados Unidos; e outro Brasil, pobre, com alta taxa de analfabetismo e onde só dois por cento da população chega a uma universidade, pois a criança precisa trabalhar desde cedo para ajudar a sustentar os outros dez milhões (LOPES, 1987, p. 129).

Sobre a educação sexual, Alzira descreve em alguns tópicos instruções do que seria aceitável em relação à sexualidade dentro do casamento. Defendia que os pais ministrassem a temática ao educar os filhos, mas fazendo referências à importância de se manterem virgens⁷⁸ até o casamento e observando que ela considerava “moral tudo aquilo que leva o HOMEM a MAIS SER, e imoral tudo o que leva a menos ser. Sendo, pois, destruidora ela é imoral, pois leva o ser humano ao ‘mesmo ser’” (LOPES, 1987, p. 157). Ao apresentar a temática e utilizar as palavras moral e imoral, fica o questionamento do que poderia ser considerado moral e imoral para ela de acordo com os preceitos que defendia e o projeto de educação das mulheres e das famílias que ela buscava difundir.

⁷⁸ Quando se discutia sobre a virgindade, ela se referia principalmente às meninas, pois era inconcebível que tivessem experiências sexuais que não fossem frutos do casamento.

Ao destacar a importância de as moças conservarem-se virgens até o casamento, ela retoma uma discussão comum na imprensa brasileira nos anos dourados. De acordo com Del Priore (2013), “O culto à virgem e a influência da Igreja Católica eliminavam a possibilidade de ‘perder a honra’” (DEL PRIORE, 2013, p. 45).

Nesse sentido, ela discutia que as mulheres deveriam “Substituir o mistério do sexo pela verdade do sexo. Pureza não é sinônimo de ignorância” (LOPES, 1987, p. 166). Apesar de pregar com afinco a necessidade de as mulheres se manterem virgens, ela deixa explícito que deveriam se preparar para o sexo depois do casamento, sabendo quais atitudes poderiam adotar para moralmente manterem-se puras. Essa instrução poderia significar que as meninas chegariam mais aptas ao casamento, proporcionando ao parceiro um casamento mais interessante e exitoso do ponto de vista sexual.

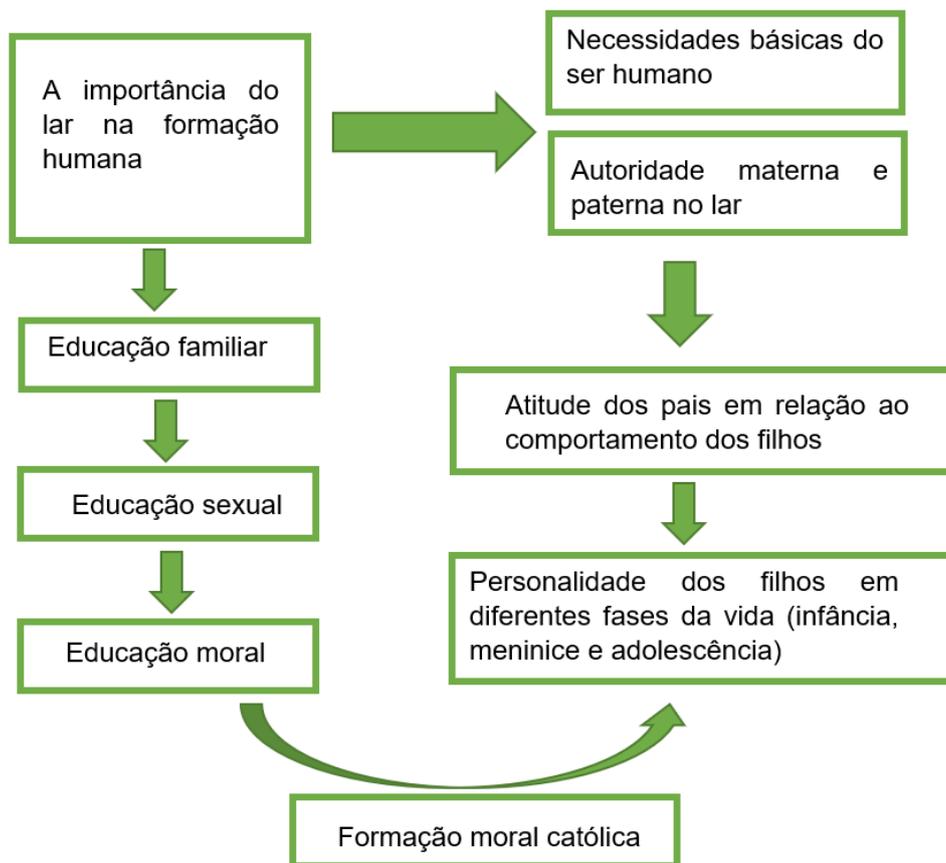
No livro, ela cita que participou, em 1985, de um Congresso no Canadá e tal informação mostra como ela tinha uma circulação internacional significativa, inclusive por meio das viagens. Ela cita que a partir das experiências acumuladas lá, voltou entusiasmada para colocar em prática no Brasil, por meio de suas palestras e obras, o que ela julgava necessário para os jovens brasileiros desenvolverem-se de maneira plena.

Ela destaca que havia uma preocupação no imaginário social da época quanto à sexualidade dos filhos. Nesse sentido, Alzira cita que os problemas de ordem sexual “[...] como perder a virgindade (para as meninas) antes do casamento, ou se tornar homossexual. Isto é sem dúvida sério e grave se atentarmos para o tipo de sociedade que temos, farisaica e injusta” (LOPES, 1987, p. 168). Ao sinalizar a preocupação como algo sério e grave, ela mostra seriedade ao tratar de problemas de ordem social que eram comuns a toda a sociedade daquela época. Ao citar de forma explícita a preocupação com o fato de as meninas perderem a virgindade antes do casamento, denota também como em suas obras e discursos buscava inculcar valores de submissão e pureza às mulheres, principalmente com juízo de reprovação social visto pela ótica da religião.

Ela cita que a capacidade de resistência na questão sexual é muito mais problema de ordem moral do que de informação (daí ser obrigação séria dos pais) (LOPES, 1987, p. 182).

As principais temáticas tratadas no livro foram organizadas na Figura 15 como estratégia de nos atentarmos para os protocolos de leituras intrínsecos nas discussões propostas por Lopes e a fim de nos faz entender quais eram seus objetivos por meio da discussão delas.

Figura 14 – Principais temáticas tratadas na obra



Fonte: a autora, com base nos dados encontrados na obra.

Com a análise da obra, podemos observar como Alzira mobilizou muitos intelectuais para auxiliá-la na discussão das temáticas por ela propostas. Tal estratégia pode ser lida na perspectiva de Certeau (1990) como forma de atingir a legitimação das questões que ali estavam em evidência.

2.2 A OBRA COMO TER UM FILHO SADIO E FELIZ

Essa obra foi publicada em 1988, pela Paulinas. O livro tem 171 páginas. Há a indicação de duas obras⁷⁹ publicadas pela autora na mesma editora, cujas temáticas se complementam. Ao analisar a materialidade da obra, podemos nos atentar a alguns indícios, conceito esse apropriado de Ginzburg, para o público que Alzira pretendia atingir. Pelas características gráficas utilizadas para compor a capa da obra, podemos inferir que as mulheres seriam seu público privilegiado.

Figura 15 – Capa da obra *Como ter um filho sadio e feliz*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Analisando os aspectos gráficos presentes na capa, a partir da perspectiva de Chartier (2014), podemos entender que ela pretendia passar às leitoras como a maternidade poderia ser um espaço de calma e felicidade. A

⁷⁹ *Pais educando para o ano 2000; Casa de pais, escola de filhos.*

imagem ocupa o primeiro plano da capa e em seguida nos é apresentado o título em letras grandes e chamativas e, por fim, o nome da autora.

A imagem apresenta uma mulher em um momento de carinho com o filho, o que remete à ideia de que “mais que um direito ou uma alegria, dedicar-se aos filhos é um dever” (PINSKY, 2014, p. 291). A figura colocada pode ser entendida como uma tática utilizada pela autora para atrair seu público leitor.

Ela dedica a obra ao marido falecido no ano da publicação da obra. “Dedico este livro àquele que foi meu companheiro por 47 anos, de cujo amor e estímulos sem limites sinto falta” (LOPES, 1988, p. 5).

O prefácio da obra é de Otto Klinebeg⁸⁰ e o modo como ele apresenta Alzira traz um tom de legitimidade para os assuntos tratados por ela. Demonstra ainda como ela teve uma circulação importante, principalmente, em território francês. “Durante alguns anos, tive a feliz experiência de cooperar com ela nas atividades da Fédération Internationale por L’Education des Parents⁸¹”. Tal afirmação demonstra como ela esteve à frente da instituição francesa, servindo de referência para a disseminação de um ideal de educação familiar defendido pela instituição em diversos países pelo mundo.

Ele destaca, ao longo do texto, diversos adjetivos para definir o trabalho empenhado por Lopes, demonstrando uma representação séria da intelectual, que admitia um caráter positivo em sua atuação nos encontros de pais.

Klinebeg escreve sua admiração “com o trabalho de educação da Senhora Lopes foi grande, aumentada pela leitura de seu livro, que deve estender a sua influência dentro do campo da educação de pais” (LOPES, 1988, p. 7). Ao afirmar que a intelectual estava de forma evidente frente ao campo educação, o prefácio oferece uma chancela para ela. Podemos pensar em sua demarcação no campo a partir de Bourdieu (1996) e como uma estratégia, a partir de Certeau (1990), da intelectualidade católica em colocar-se em ampla circulação a partir do movimento de educação das famílias assumido pela *Escola de Pais* do Brasil.

Ele ainda destaca no prefácio que Alzira apresenta a importância da presença do pai e da mãe na educação das crianças. A afirmação de que a

⁸⁰ Era ex-presidente da Universidade de Paris e da Universidade de São Paulo; professor emérito da Columbia University, Nova York; professor da Escola de Pós-graduação da City University de Nova York.

⁸¹ Otto era vice-presidente fundador da instituição e Alzira vice-presidente naquela ocasião.

responsabilidade da educação dos filhos dependia de que cada um cumprisse seu papel reafirma o modelo de família que buscavam difundir. Tal modelo era semelhante com que foi pensado a partir dos anos 60. De acordo com Pinsky (2013), o casamento definia

[...] atribuições e direitos distintos para homens e mulheres traduzidos frequentemente em desigualdades, já que cabe ao homem palavra final a respeito dos gastos importantes, educação e do futuro dos filhos, local de moradia da família e das atividades econômicas de seus membros. (PINSKY, 2014, p. 210).

Finalizando o prefácio, Klineberg (1988) enfatiza a necessidade de mobilizar o capital simbólico⁸² nas relações entre pais e filhos. Destaca que as recomendações feitas por Alzira são fundamentadas em pesquisas científicas e nas experiências como diretora da *Escola de Pais* do Brasil. Em suas palavras, descreve “Estou feliz por recomendá-lo” (LOPES, 1988, p. 9).

No início da obra, Alzira defende que apesar de tecer diversos conhecimentos acerca da educação das famílias, dos papéis desempenhados pelas mulheres no lar e outros assuntos pertinentes ao cotidiano familiar, não pretendia substituir os “compêndios de puericultura já existentes, tampouco os ricos conhecimentos sobre o processo de gestação” (LOPES, 1988, p. 11). Apesar de afirmar a importância dos conhecimentos acumulados no campo da puericultura, ela apresenta como fundamental o consumo de suas obras, já que por meio delas as mães aprenderiam os melhores e atualizados métodos de educação das crianças. Afirma que seus escritos são baseados em conhecimentos científicos e tal proposição legítima seu discurso e demarca seu espaço no campo intelectual.

Ela demonstra experiências de diversos países, como Alemanha, Itália, Áustria e Estados Unidos, cujas contribuições foram possíveis em razão das viagens e dos diálogos feitos com diferentes interlocutores ao redor do mundo.

Em um primeiro momento, ela apresenta como o bem-estar materno era fundamental para o bom desenvolvimento do feto. Diferentemente de outros momentos em que discute a saúde do bebê afirmando que o papel principal

⁸² O conceito de Capital Simbólico pode ser entendido a partir da distribuição de outros capitais, causando o reconhecimento ou valor social de “[...] poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 1989, p. 164).

viria da mãe, ela apresenta um discurso mais brando, incluindo nesse primeiro momento o pai nessa responsabilidade. Descreve ações que deveria ter com a mulher “amante e sensível transmite a esposa uma segurança afetiva contínua” (LOPES, 1988, p. 16). Ao citar o papel masculino nesse momento da construção da família, em que a mulher carrega em seu ventre o fruto desse relacionamento, ela previne nas entrelinhas o divórcio, já que ser amável geraria harmonia familiar.

Ela reforça no texto a ideia de casamento sempre que traz que a “esposa”, “esposo” deveriam dedicar-se ao matrimônio para que fosse possível a construção de um lar feliz. Essa discussão era importante para o momento, tendo em vista que o casamento estava em declínio e o divórcio em ascensão, e perpetuar a ideia de casamento entre homens e mulheres nos moldes tradicionais era uma forma de Alzira veicular os valores católicos em suas obras e discursos proferidos a partir da EPB. Pinsky (2013) oferece um entendimento de como se deu a discussão acerca do divórcio e o pano de fundo em que os debates se instauraram até de fato a concretização de uma legislação que o permitisse. “Até 1977⁸³, o casamento civil no Brasil é monogâmico e indissolúvel. A oposição à legalização do divórcio vem da Igreja Católica, de grupos conservadores organizados” (PINSKY, 2013, p. 347).

O divórcio, uma das temáticas tratadas por Alzira no decorrer do livro, era um anseio da época, principalmente pauta dos conservadores que buscavam organizar a sociedade nos moldes tradicionais de família, a fim de evitar a desorganização da família e, conseqüentemente, uma desordem social. Segundo estatísticas da época apuradas pela Agência Brasil, entre os anos de 1984 e 1994, o número de casais divorciados no país teve aumento de 205,1% na década citada, portanto, explicaria por que Lopes enfatizava de modo enérgico que as famílias buscassem meios e se educassem para se manter unidas.

Ela cita que as ideias e os conhecimentos acerca da “maternidade” dão subsídios para o entendimento do psiquismo da criança, mesmo antes do seu

⁸³ De acordo com o Instituto Brasileiro de Direito de Família, o “Divórcio foi instituído oficialmente com a Emenda Constitucional n.º 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela Lei 6.515 de 26 de dezembro do mesmo ano. De autoria do senador Nelson Carneiro, a nova norma foi objeto de grande polêmica na época, principalmente pela influência religiosa que ainda pairava sobre o Estado. A inovação permitia extinguir por inteiro os vínculos de um casamento e autorizava que a pessoa se casasse com outra pessoa” (BRASIL, 2010).

nascimento. Ao apresentar a palavra maternidade, mesmo que nas entrelinhas, ela atrela esse preparo e aquisição de conhecimentos à mulher. Além de isso apresentar que entender princípios psicológicos auxiliaria nessa tarefa, ela apresenta como uma estratégia de difusão de suas obras.

Destaca no longo do texto que “Nossos conhecimentos atuais confirmados pela pesquisa em Fisiologia, Neurologia, Bioquímica e Psicologia, nos dizem que ela é um ser fascinante” (LOPES, 1988, p. 17). Ao usar o vocativo “nosso”, ela apresenta uma ideia de validação para o que discute na obra, além de citar diferentes áreas do conhecimento para reafirmar esse sentimento de notoriedade sobre o assunto, o que de certo modo legitima seu discurso e a coloca como intelectual, mesmo que nas entrelinhas.

De acordo com Alzira, esse preparo da mãe em relação à educação dos filhos apresentará no futuro mais chances de uma vida sem desordens afetivas. Em suas palavras: “O casamento bem-sucedido, uma carreira satisfatória, a vida familiar com filhos, uma terapia breve ou qualquer coisa nesse sentido acabará por contrabalançar outras preocupações” (LOPES, 1988, p. 18).

Ao reforçar a ideia de casamento, ela resgata o incentivo à formação de uma família, princípios esses basilares para a intelectualidade católica e para a perpetuação do *status quo*.

Ao discorrer sobre como as mulheres grávidas preocupam-se com seus bebês, apresenta uma pesquisa feita com 500 mulheres, cujo resultado era preocupante em seu entendimento, já que em vez de se preocupar com o filho e seu futuro, um terço dessas mulheres preocupava-se com seu “marido, seu trabalho, seu carro, suas roupas, nos passeios que queriam fazer, no filme a que gostariam de assistir no fim de semana, mas jamais no bebê que elas trazem dentro de si” (LOPES, 1988, p. 19). Ao nos atentarmos para a ideia que ela buscava difundir por meio dessa crítica, podemos ver que para ela era inaceitável que as mulheres não apresentassem envolvimento com o compromisso materno. Pela pesquisa descrita, podemos observar que era a minoria que tinha esse comportamento, mas ainda assim ela veiculava a ideia de que nenhuma mulher poderia ter outra preocupação válida a não ser as que estivessem ligadas à sua prole.

Ela nomeia essa “falta de interesse” da mãe pelo feto como “abandono no útero”. A forma como ela lida com a temática nos faz refletir na mulher que

ela deseja formar por meio da leitura e da reflexão da obra. Certamente, seria aquela que voltaria sua vida somente à educação e ao cuidado dos filhos, na sequência ao marido e ao lar e, por fim, anularia seus próprios desejos e vida.

Depois de tecer duras críticas às mulheres que não se preocupavam primordialmente com os filhos, ela descreve alguns problemas que “[...] os bebês de ‘mães indiferentes’, estes, ao nascer, apresentavam perturbações de comportamento e problemas gastrointestinais, pareciam perturbados pelas mensagens confusas que registravam” (LOPES, 1988, p. 25).

Diferentemente de outras obras, Alzira utiliza na escrita desta, como estratégia de produção, a colocação de diferentes pesquisas sobre as relações familiares e a maternidade. Essa modificação em sua forma de produção tornou a obra, do ponto de vista do leitor, mais “séria”, pois trouxe inúmeros nomes de estudiosos que colaboravam com o que ela buscava discutir.

Ela discute ainda que um bebê jamais poderia ser fruto de uma “união infeliz”, podendo trazer consequências catastróficas para seu desenvolvimento se fosse criado em uma má atmosfera familiar.

Ao tratar de questões específicas da maternidade, discorre sobre o fato de a mulher ingerir certos hormônios⁸⁴ para evitar o aborto e como isso traria para os meninos características e comportamentos femininos, pois mostrariam gosto para itens que seriam censurados por se encaixarem no que era pensado pelo público feminino. A partir dessa discussão, mesmo que nas entrelinhas, define o que seria destinado a mulheres e homens e o papel conservador que cada um deveria desempenhar na sociedade. O marido seria considerado “o chefe da casa, enquanto a esposa deve-se ocupar das tarefas domésticas e dos cuidados com os familiares” (PINSKY, 2013, p. 209). A própria legislação da época denotava essa submissão da figura feminina em detrimento do homem, já que até mesmo o Código Civil⁸⁵, que vigorava na época, considerava a mulher como sujeito relativamente incapaz, sem qualquer poder de decisão patrimonial ou de caráter cautelar com a prole.

Em outro momento da obra, ela traz o discurso inverso, destinado a mulheres que sentiam certa rejeição ao feto, apresentando que de forma

⁸⁴ Na obra, ela descreve que o hormônio utilizado era estrogênio e progesterona.

⁸⁵ Código Civil publicado em 1916, que sofreu algumas modificações em 1969. Em 2002, foi completamente reformulado, tirando essa ideia de incapacidade presente na figura feminina das edições anteriores.

alguma tal sentimento era aceitável e querer interromper a missão que toda mulher deveria exercer em sua existência era uma ação impensável. Mesmo sem nomear que a temática tratada era o aborto, fica evidente que ela buscava esclarecer às suas leitoras que mesmo a ideia de rejeição do filho era algo que deveria ser abominável.

Descreve atitudes assertivas que produziriam crianças saudáveis. “Se as mães amam e mantêm com seu futuro filho uma relação afetiva rica, põem no mundo crianças confiantes em si e mais seguras” (LOPES, 1988, p. 35). Destaca também que as futuras mães deveriam educar-se para atuar corretamente na educação das crianças e que buscar na “[...] literatura médica tem muitos exemplos benéficos de sonhos de mulheres grávidas. Todos os estudos mostram que uma mulher feliz e serena tem mais probabilidade de pôr no mundo uma criança viva e comunicativa” (LOPES, 1988, p. 39).

Ao longo do primeiro capítulo, ela traça a discussão de diferentes temáticas, desde a concepção até o nascimento do bebê, criando uma espécie de guia para orientar as famílias sobre cada etapa desse processo.

Para a mãe e para o pai, o nascimento deixará lembranças imorredouras, sendo a realização de um sonho de vida, mas, para a criança, trata-se do momento mais importante, pois grava de forma indelével sua personalidade (LOPES, 1988 p. 42).

No segundo capítulo, intitulado *Amar se aprende*, inicia com uma citação que afirma que “ninguém dá o que não tem; precisamos aprender a amar para podermos dar amor”. Ao escrever essa frase, ela retoma um princípio católico de amor ao próximo e enfatiza de certo modo o princípio primordial para a fé católica.

Ela descreve que o sucesso das pessoas está interligado com seu progresso intelectual, profissional, social e espiritual, mas se não houver amor, nada disso servirá. Ao se referir dessa forma, parece-nos utilizar uma paráfrase de uma passagem bíblica descrita em Coríntios 13:3.

Ela cita de maneira explícita a relação entre a religião e a educação que ela busca proferir para as mulheres, é a partir da seguinte citação: “Ajudar os outros a encontrá-lo também, e mantê-lo é vivê-lo. E todos juntos formando um coro de amor maior, vivido intensamente para Deus” (LOPES, 1988, p. 47).

Ela busca inculcar nas leitoras o papel que lhes é esperado no exercício da maternidade, entendendo que “Toda criança deve ser amada, desejada e esperada” (LOPES, 1988, p. 48) e completa a ideia transmitindo a percepção de que à mulher caberia a missão mais sublime de amar e cuidar de sua prole, já que “Somos seres do amor, pois o amor faz parte da nossa constituição: fomos feitos no amor, devemos viver no amor e assim ser capaz de dar amor completamente” (LOPES, 1988, p. 48). Com isso, assume então a ideia de que a maternidade seria “[...] a sagrada missão feminina” (PISNKY, 2013, p. 291).

Ela se utiliza de um autor católico para reafirmar a importância que o amor teria no processo educativo das crianças. Chauchard, por ela citado, descrevia que “Ser capaz de amar é atingir um nível de maturidade, desenvolvendo a sua personalidade total, com verdadeira humildade” (LOPES, 1988, p. 49).

Aos poucos, no decorrer da obra, a intelectual situa sua discussão e marca sua militância católica, pela educação das famílias, ressaltando que era necessária uma vida mais equilibrada, sem uma busca desenfreada pelo “ter mais, melhor casa, viagens e carros fazem o ser humano alienado de si mesmo, de seus semelhantes, da natureza e de Deus” (LOPES, 1988, p. 49). De certo, ao discutir tal temática, ela traz no bojo alguns preceitos importantes para a fé católica, como a humildade e a submissão, a vontade de vida como forma de instruir na perspectiva religiosa seus leitores.

Do mesmo modo, ela prega que os pais deveriam oferecer aos filhos momentos de interação com Deus a partir da prática da fé católica, para que fosse possível um “Crescimento espiritual – exige alta qualidade de espírito. O ser medíocre não pode ser amável, pois o amor provoca admiração; mas como pode um ser apático e acomodado na sua mesquinhez provocar em alguém?” (LOPES, 1988, p. 59).

Alzira descreve que aos poucos o ser humano vai compreendendo os valores que organizam a sociedade em que vive e, desse modo, “[...] educar é capacitar, dar condições de se realizar, sendo feliz e fazendo felizes os outros. Na educação para o amor, devemos levar em conta está última definição” (LOPES, 1988, p. 49). Ao tratar da temática com essa discussão, ela retoma um fundamento trabalhado pela pedagogia católica do amor como forma de

disseminação da fé, uma educação mais humanista promovida pelo laicato católico.

Ao tratar da temática do amor, retoma a discussão do conceito de vocação, principalmente atrelado ao papel da mulher na sociedade. Ela descreve que no exercício maternal, a mulher deveria “[...] humanizar-se ou desumanizar-se, é ‘amortizar-se’ ou ‘desamorizar-se’” (LOPES, 1988, p. 51). Essa doação que ela defendia das mães em relação aos filhos refletia um pouco do que se esperava delas no exercício da maternidade. Nessa direção, Pinsky (2014) nos revela que nos anos dourados a “maternidade é apresentada como um motivo de orgulho e responsabilidade. [...] os filhos não são um meio, são finalidade” (PINSKY, 2014, p. 292). A forma como Alzira constrói seu discurso indica que muito do que se pensava a partir dos anos 60 em relação ao compromisso feminino para com sua prole ainda era disseminado nos anos 80, o que mostra como as permanências históricas do papel ocupado pelas mulheres na sociedade contribuem para a permanência do *status quo*.

Nesse sentido, educar as mulheres no caminho de uma educação mais assertiva para com os filhos era de suma importância, considerando “[...] o nível intelectual dos pais, sobretudo da mãe que tem papel importante no desenvolvimento físico e mental da criança” (LOPES, 1988, p. 53). Pensar na educação das mulheres significava tratar a maternidade “como ‘ciência’ [já que] está mais do que absolutamente provado que a mais importante causa da mortalidade infantil é a ignorância da mãe” (DEL PRIORE, 2013, p. 134). Além de Alzira discutir que as mulheres deveriam ser educadas do ponto de vista higienista, também aponta a necessidade de uma educação que preparasse as mulheres no cunho espiritual, para que no exercício da maternidade elas pudessem transmitir à prole a fé católica e os bons valores pregados pela religião.

Nesse sentido, Lopes (1988) descreve que ao exercer o papel da maternidade, a mulher sentiria um amor que a leva em “[...] direção a Deus. Todos aqueles que se abrem para o amor humano vivido em plenitude e selado na união caminham junto em direção ao amor eterno” (LOPES, 1988, p. 64).

Ela faz referência a duas de suas obras⁸⁶ publicadas pela Paulinas, nas quais discutia o tema da maturidade. Destacou que as famílias deveriam ter a capacidade de viver “de acordo com uma filosofia unificadora de vida (todos os valores éticos e morais)” (LOPES, 1988, p. 66).

Ela busca repetir a áurea de pureza e plenitude que utiliza como estratégia para descrever a maternidade para reforçar a ideia de que a partir da experiência maternal a mulher compreenderia sua felicidade. No trecho a seguir, é possível ver traços dessa tática de produção: “Entre o momento em que o médico confirma a gravidez e o maravilhoso momento em que a mulher toma, pela primeira vez, seu filho nos braços, quantas coisas acontecem!” (LOPES, 1988, p. 68).

Para ilustrar a temática da gravidez, ela mostra diversas imagens que ilustram a concepção e o desenvolvimento do feto, trazendo um caráter mais científico para sua produção. Ao mesmo tempo em que apresenta forte diálogo com a ciência, também discute a gestação do ponto de vista religioso ao afirmar que quando a mulher está “vivendo a maternidade, há grande coparticipação com Deus na formação do ser humano” (LOPES, 1988, p. 69).

Ela destaca que a mulher deveria se preparar para esse período de grandes transformações em sua vida e sendo bem-informada sobre o que aconteceria e sobre os possíveis modos de lidar com essas mudanças, corrobora a necessidade de aprimoramento da mulher, abrindo espaço para sua atuação no campo da intelectualidade, já que produzia inúmeros textos sobre essa temática e endossava o preparo para a maternidade promovido pela *Escola de Pais* do Brasil.

Ao relatar as mudanças físicas que as mulheres sentiam ao engravidar, cita o surgimento de maior sensibilidade nos mamilos e a alteração da colocação da vagina. Descrever essas características, como fez no livro, pode ser indicativo do rompimento com a forma como ela discutia tais mudanças em outras obras e textos⁸⁷. Essa alteração em seu discurso pode estar ligada ao modo como a sociedade do final da década 80 lidava com certos tabus.

Em uma parte da obra, ela discute justamente como era necessário o rompimento de certos tabus a partir dos conhecimentos, considerando-os como

⁸⁶ *Pais, educando para o ano 2000* e *Casa de pais, escola de filhos*.

⁸⁷ Localizados nos acervos consultados no decorrer da pesquisa.

“uma cegueira social” fruto da ignorância. Causando um esvaziamento dos valores que realmente eram necessários para a educação das famílias, ela descreve que a ignorância “nunca se apresenta sua verdadeira face, com regras fixas, leis morais duplas. [...] perda do sentido da vida, do dom e do sentido de si, do valor do outro” (LOPES, 1988, p. 57).

Ela descreve que a mulher deveria ter toda a atenção para si e “reservar todos os dias algum tempo para repouso extra; cuidar da aparência mais ainda do que antes” (LOPES, 1988, p. 72). Faz indicação até mesmo do sutiã mais adequado para evitar estrias e seios caídos. Ao apresentar detalhadamente o modelo que ela sugeria, estabelece uma forma de diálogo mais intimista com as leitoras e isso pode sinalizar que o público leitor feminino era seu destinatário privilegiado .

Ela descrevia que para conservar a beleza, a mulher deveria “frequentar um curso de ginástica e os exercícios respiratórios. [...] Até o sexto mês, já engordou aproximadamente cinco quilos e é possível que sua pele se sujeite à formação de estrias” (LOPES, 1988, p. 87). Relata que as varizes poderiam surgir e que as mulheres deveriam tomar algumas precauções para evitá-las, mas, pela forma como ela aborda as questões, podemos entender que o discurso seria destinado a mulheres que tinham boas condições financeiras. Para ela,

O melhor remédio para isso é o repouso. Deitar sempre que puder, com as pernas elevadas e fazer exercícios com os pés para ativar a circulação. Evitar permanecer muito tempo na mesma posição. Fazer diariamente um pequeno passeio. (LOPES, 1988, p. 89).

Essa preocupação com a estética feminina também pode ser entendida como forma de a autora difundir a ideia de que as mulheres deveriam ocupar-se dos cuidados com filhos e marido, conservando ainda seu autocuidado e zelo de sua aparência física, a fim de garantir sua melhor versão para eles. A valorização da beleza feminina ajudaria na obtenção da “felicidade conjugal”. “Fazer-se bonita é a ‘solução’ para as mulheres que se queixam da falta de atenção do marido” (PINSKY, 2014, p. 227).

Ao descrever a alimentação que recomendava para as mulheres durante a gravidez, há indícios⁸⁸ de que suas obras tinham como público destinatário as

⁸⁸ Entendemos este conceito com base nos paradigmas indiciários de Ginzburg (1990).

mulheres provenientes da elite, pois a quantidade de alimentos⁸⁹ e os tipos indicados certamente não estavam à disposição das mulheres trabalhadoras ou pobres.

Novamente ela resgata a ideia de que as mulheres deveriam cuidar da alimentação com acompanhamento nutricional e médico, para evitar o ganho demasiado de peso, além de manter boa aparência física para a contemplação do marido, de modo que esse discurso transformava as mulheres em reféns de um padrão de beleza magro e esbelto, como requisitos necessário para a conservação do casamento.

Apresenta que a comunidade deveria zelar por uma boa nutrição para as gestantes, a fim de “[...] poder contar futuramente com pessoas capazes de produzir para si e para os demais”(LOPES, 1988, p. 75). Ao escrever expressamente que a boa nutrição da mulher garantiria boas condições para a formação de trabalhadores que produziriam com qualidade, ela denota um princípio fundamental da sociedade capitalista.

Ao descrever pesquisas sobre a desnutrição infantil, demonstra sua rede de sociabilidade. Em suas palavras: “Isto pudemos constatar no Hospital del Niño, na cidade do Panamá, cujo diretor, nosso amigo, Dr. José Esquivel [...]”.

Ela relata como é nocivo o convívio familiar em um ambiente com comportamentos indevidos, o que denomina “deficiência cultural”, podendo criar um ambiente inadequado e hostil para a formação da personalidade das crianças. Desse modo, pode prejudicar o futuro e trazer consequências desastrosas. Em sua concepção, isso contribui para originar adultos inferiores, que, nas palavras de Alzira, formariam “uma legião de mutilados cerebrais, com reduzida capacidade de aprendizagem e educação”.

Ela aponta um olhar crítico para a Região Nordeste do Brasil ao citar a forma precária como as pessoas viviam e a falta de um olhar mais atento do Estado para atender às necessidades daquela população. Ao estabelecer esse discurso, ela deixava explícitos princípios como o amor ao próximo e a caridade, virtudes com notória apreciação da intelectualidade católica.

Na citação a seguir, fica explícito tal ideário veiculado por Lopes: “[...] aqui gostaria de chamar a atenção de todos os brasileiros, não importa se

⁸⁹ Os alimentos indicados eram peixes, carnes, grãos integrais, manteiga, castanhas, vegetais, frutas e legumes de boa procedência.

governo ou livre-empresa. Trata-se de um dever de cada um, uma obrigação para com o próximo” (LOPES, 1988, p. 84). Ao utilizar essas palavras, chama a atenção o fato de ela imprimir um tom de pessoalidade para o assunto em discussão, apresentando uma conexão com leitor.

Novamente ela se dirige ao público elitizado ao prescrever que as mulheres no período de gestação deveriam visitar o médico mensalmente para verificar como estava o processo gestacional e no final da gravidez deveriam fazer esse acompanhamento de forma quinzenal. De forma geral, num panorama nacional, ações voltadas ao acompanhamento gestacional de maneira mais adequada começaram em 1984, com a implementação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança e o Programa de Assistência Integral à Mulher. Essa iniciativa de preservação da vida das mulheres e redução da mortalidade infantil ganhou mais escopo a partir da Constituição de 1988 e posteriormente em 1990, com a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esses marcos legais demonstram como a organização de um sistema de saúde que atendesse aos interesses da saúde pública da população como um todo foi se consolidando paulatinamente, o que demonstra que o acompanhamento recomendado por Alzira só seria possível para as mulheres cujo capital econômico fosse mais abastado.

Um diferencial dessa obra em relação às demais escritas pela autora é a forma como ela aborda algumas temáticas direcionadas às mulheres, como em relação à prática sexual durante a gravidez, por exemplo. Para ela, neste momento de gravidez, era permitido, já que os hormônios femininos e sua fisiologia contribuía para que elas tivessem a sensação de “Sentir-se querida e desejada” (LOPES, 1988, p. 89). Ao citar os benefícios e as causas desse período, ela rompe de forma evidente com a ideia que veiculava em outras obras, da maternidade e mãe vista em um lugar sagrado de pureza.

Apesar dessa flexibilidade de discurso quanto às relações vivenciadas pelas mulheres durante a gravidez, ela ainda apresenta a maternidade com certa dose de romantismo ao descrever que as mudanças físicas e fisiológicas ocorrem no corpo feminino nesse período porque “[...] no seu ventre, o bebê faz os últimos preparativos para comparecer ao importante encontro que marcou com a mamãe” (LOPES, 1988, p. 91). Além disso, discute a maternidade como um processo necessário às mulheres e com uma dose de

sentimentos positivos que necessariamente não correspondem ao que elas passam nessa etapa de geração de outro ser. Ela apresenta aspectos do desenvolvimento do feto e para isso utiliza como estratégia de escrita a construção de um diálogo, como se o bebê estivesse narrando os acontecimentos que daquele período. Ao utilizar essa tática, ela faz com que a leitura fique mais tranquila e acessível aos leitores, sem necessariamente descrever só elementos técnicos acerca do desenvolvimento humano.

Ressalta ainda uma característica importante que aparece em outras obras, inclusive de outros intelectuais católicos, sobre a questão corpo e alma, e que devem a Deus sua pureza e bondade. Fica evidente no texto essa discussão, conforme podemos constatar no fragmento a seguir: “[...] Ao nascer o bebê tem corpo e alma, e entre corpo e alma existe uma intercomunicação tão íntima, que nada acontece ao corpo que não seja imediatamente sentido pela alma (ou espírito)” (LOPES, 1988, p. 93).

Podemos entender que mesmo com certa mudança de discurso em relação ao papel das mulheres e às ações praticadas no exercício da maternidade, o que ainda aparece fortemente no discurso de Alzira é que a função cuidadora e educadora dos filhos seria uma missão que elas deveriam encarar com afinco e preparo, tirando de certa forma do pai tal preocupação e responsabilidade. Para ela:

A maioria das mães tem alguma informação quanto ao modo de prestar assistência a seus filhos. [...] Inconscientemente, elas sabem que devem alimentá-los, mantê-los limpos, agasalhá-los, acarinhá-los, acariciá-los, prevenir contra qualquer acidente etc. Mas toda a educação deve ser antes de tudo consciente – por que devo fazer isto ou aquilo e como fazê-lo. (LOPES, 1988, p. 94).

Ela trata ainda da temática gravidez na adolescência⁹⁰, relatando uma experiência que teve ao organizar um encontro com mais de 3 mil jovens para promover um momento de educação sexual, o qual foi realizado no auditório da Faculdade Mackenzie, em São Paulo. Cita explicitamente no texto que a classe que seu discurso atingiu era exclusivamente a média e alta da sociedade paulista. Essa experiência nos diz muito a quem ela se referia em seus

⁹⁰ Para ela, a adolescência é o período da vida humana que vai dos 10 ou 12 anos até mais ou menos os 22 ou 24 anos de idade, admitindo-se evidentemente consideráveis variações tanto de ordem individual e, sobretudo, de ordem cultural (LOPES, 1988, p. 99).

discursos, sempre apresentando características ou momentos experimentados pela elite brasileira.

Descreve que além da discussão acerca da gravidez na adolescência e a experimentação sexual popularizada entre boa parte dos jovens antes do casamento, “pode-se acrescentar o uso de drogas, a libertinagem e a falta de formação moral e religiosa” (LOPES, 1988, p. 103). A urgência em discutir a temática da educação sexual era também para além de uma demanda do campo religioso, a fim de preservar seus dogmas em relação ao sexo antes do casamento, ou seja, era uma forma de discutir questões de urgência social, como a disseminação do vírus da Aids, por exemplo. Nesse caso, a educação sexual além de ser capaz de prevenir a disseminação da doença e minimizar um problema social, atuaria também como forma de educar moral e religiosamente os jovens para que estivessem “saudáveis” no corpo e na alma, já que de acordo com os princípios da Igreja praticar relações sexuais antes do casamento era indicativo de pecado.

Ela cita ainda que essa mudança no comportamento sexual dos jovens estava preocupando pais, professores e religiosos. Podemos observar que ao citar que os religiosos também estavam receosos sobre essa mudança de comportamento, havia um indicativo de que estavam preocupados com o número de fiéis que certamente não frequentariam suas dependências, pois não estariam vivendo de acordo com o que a fé católica expressava como aceitável e digno.

Contudo, aparentemente, a crítica sobre os comportamentos sexuais exacerbados era destinada aos adolescentes como um todo, não especificando diferenciação imediata entre o que seria para os meninos e para as meninas. Ela apresenta na sequência um discurso que demonstrava como esse “problema social da sexualidade” colocado por ela ao longo da obra era visto quando acontecia com as mulheres.

Todos os dias os jornais trazem notícias de dramas vividos por jovens adolescentes solteiras que ao engravidar, sofrem os maiores vexames, angústia, sofrimento moral com a separação da família e da sociedade e, na maioria das vezes são abandonadas por aquele que foi responsável por sua situação atual. [...] geralmente ela o faz por amor ou também pela lábia do namorado, muitas vezes com medo de perde-lo, enquanto que, na maioria das vezes para o rapaz aquele

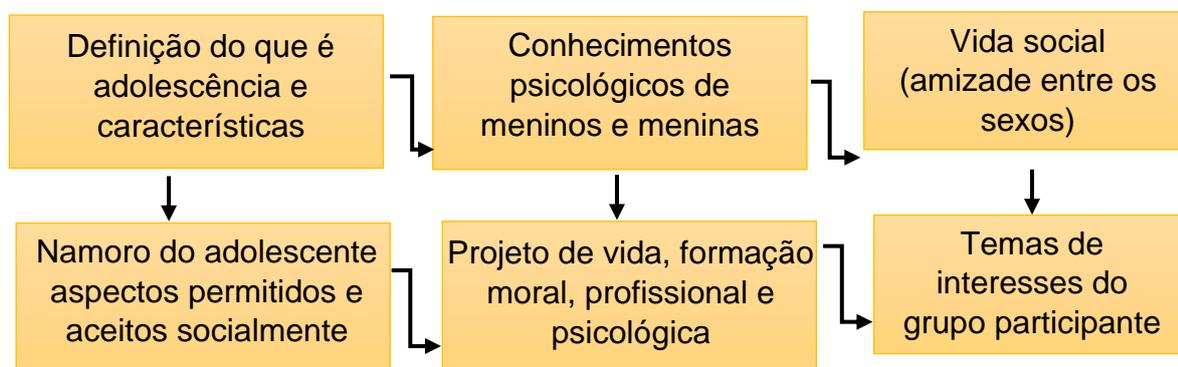
ato não passa de uma aventura de satisfação pessoal. (LOPES, 1988, p. 104).

A culpa a esse comportamento impróprio de algumas meninas é colocada aos pais que substituíram uma forma de atitude mais rígida em relação à educação das filhas, “impondo sua vontade às filhas, autoridade essa coerciva, pela atitude de acomodação e permissividade, chamada também de modernismo. Como fazer diferente se todas fazem?” (LOPES, 1988, p. 105). Ela cita que esse afastamento das famílias na transmissão dos valores morais tradicionais tornou-as omissas e incapazes de auxiliar os filhos nos melhores caminhos a seguir.

Alzira cita que enquanto para os homens a prática sexual estaria ligada mais ao prazer físico, “[...] as moças aceitam praticar o ato sexual mais por amor, esperando ser amadas e pensando em chegar ao casamento, meta final para elas” (LOPES, 1988, p. 106). Nesse sentido, descreve que depois de entregar-se antes do casamento, além de a moça ser abandonada pelo namorado, acaba sendo malvista pela sociedade também, já que ela rompeu com os padrões comportamentais aceitáveis do ponto de vista moral. Del Priore (2013) apresenta que, na década de 1960, aquelas moças que permitissem liberdades, “que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade”, acabavam sendo dispensadas e esquecidas, pois “o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas” (DEL PRIORE, 2013, p. 67). Apesar de Alzira publicar a obra somente no final da década de 1980, suas ideias estavam em consonância com o que ela pensava e idealizava junto com o movimento da EPB para a sociedade da década de 60. O casamento era tido no pensamento de Lopes como forma de garantia da manutenção da ordem social e, não obstante os avanços em relação a essa temática, essa ideia permanecia em suas obras.

Na obra, ela cita as iniciativas promovidas pelo Instituto da Família por ela liderado, inclusive apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, cuja criação havia sido um projeto defendido no âmbito legislativo pelo deputado Sr. Sólton Borges dos Reis. A partir de seu relato sobre os trabalhos desenvolvidos na instituição, criamos esse mapa mental que categorizou as principais discussões mobilizadas em torno da educação das famílias e, principalmente, dos adolescentes.

Figura 16 – Mapa mental que destaca as principais discussões gestadas no Instituto da Família



Fonte: a autora, de acordo com as informações localizadas na obra.

Alzira (1988) defende que as famílias deveriam propiciar para seus filhos uma educação religiosa e cívica, para que pudessem atuar na vida pública de modo efetivo. Ela sinaliza que

A falta de conhecimentos de cidadania, dos direitos e deveres e principalmente de participação solidária faz com que os cidadãos se omitam diante da responsabilidade para com a pátria, para com a família e para com Deus. (LOPES, 1988, p. 110).

Ao desenvolver essa ideia de que filhos bem-educados cívica, moral e religiosamente exerceriam de maneira mais efetiva seus papéis na sociedade, ela delimita uma forma de educação em que a obediência e a reverência, tanto a Deus como à pátria, seriam fundamentos basilares para a construção social. Pensamos que essa discussão era importante também para a manutenção do *status quo* e que servia como um discurso pacificador, já que o período que antecedeu a publicação da obra foi marcado por fortes ações populares que lutavam contra o modelo conservador executado pela Ditadura Militar no Brasil.

Alzira (1988) descreve que

[...] a família é a base da sociedade e é também chamada “comunidade de amor”. O casal deve conversar muito e planejar o que ambos desejam fazer, como esperam viver sua felicidade para que seus filhos também possam vive-la. [...] Educar é prever o futuro, isto é, estar prevenido para mudanças. (LOPES, 1988, p. 113).

Por meio das observações descritas pela autora, compete-nos buscar entender como se dava seu entendimento acerca do que era a família e qual era o seu papel fundante na sociedade daquele período, principalmente, referindo-se à família como uma instituição que regula o comportamento das crianças, criando, em alguns casos, adultos e adolescentes que sejam mais adaptáveis de acordo com as normas postas na sociedade.

Sobre as relações familiares, a autora discute que “[...] a qualidade da relação mãe-filho depende da qualidade do relacionamento marido-mulher e, em consequência, o estado pleno da mãe” (LOPES, 1988, p. 121). De certo modo, ela coloca sobre a mulher a responsabilidade do sucesso na construção de um bom relacionamento, pois a mãe, para ela, seria o ingrediente principal para a boa estruturação do lar, principalmente, se portasse algumas qualidades que ela descreve ao longo da obra, entre elas afetividade, conhecimento relativo à educação dos filhos e cuidado com o marido e casa, cuidado com a aparência física e amorosidade.

Sobre a moralidade, ela destaca que cada indivíduo apresenta um senso de moral de acordo com os conhecimentos apreendidos em seu cotidiano, sendo “relativo ao meio que o produziu. A criança não tem ainda consciência moral, não tem capacidade de se sentir culpada” (LOPES, 1988, p. 127). A autora escreve sobre o conceito de moralidade em consonância com a religiosidade.

Nesse sentido, Kant discorre a respeito da moralidade:

A moralidade é, pois, a relação das ações com autonomia da vontade, isto é, com a possível legislação universal, por meio das máximas da mesma. A ação que possa coadunar-se com a autonomia da vontade é permitida; a que não concorde com ela é proibida. (KANT, 2009, p. 91).

Ela apresenta a ideia de que os pais constroem a educação dos filhos tendo como embasamento a educação que receberam e em alguns casos “[...] acrescentam o que o próprio meio lhes transmitiu” (LOPES, 1988, p. 143). Tal afirmação apresenta como a educação familiar, em sua grande parcela, acaba conformando com princípios que já são postos na sociedade, contribuindo para a conservação dos comportamentos e sua reprodução, a fim de garantir assim a manutenção do *status quo*.

Em uma parte da obra, ela escreve uma experiência pessoal que vivenciou em um de seus momentos de orientação:

Outro dia conversando com um casal de nível socioeconômico elevado, ouvi da mãe: “Estou convencida que de hoje em diante devo ensinar meus filhos a mentir, pois na sociedade só se vence pela mentira, vence quem mente” ... Vejam como, em todos os níveis sociais, e aqui quero lembrar que não somente os pobres que não sabem educar, temos pais que não têm a mínima idéia do que seja educar, preparar o filho para a vida. Isto além de demonstrar grande ignorância também grande falta de respeito à criança. (LOPES, 1988, p. 149).

Com base nesse fragmento, gostaríamos de salientar o uso comparativo feito pela autora ao buscar inculcar a ideia de que, em alguns casos, pessoas com melhores posições financeiras ofereceriam melhores oportunidades e qualidade no âmbito educativo, em comparação com o que era ofertado pelas famílias pobres. Essa comparação é construída principalmente pela ideia de que as famílias ricas poderiam oferecer mais oportunidades de conhecimento em viagens e escolas renomadas, tornando-se mais aptos para liderar no futuro em sociedade.

2.3 A OBRA CASA DE PAIS, ESCOLA DE FILHOS

O livro foi publicado em 1988, pela Paulinas, compondo a terceira obra da autora na editora. Nas páginas iniciais, é possível vermos a inscrição do Instituto da Família como um órgão que apoiou tal publicação, demonstrando como Alzira dialogava com diferentes instituições educativas com o objetivo de promovê-las a partir de seu pensamento, ao mesmo tempo em que dava, a partir dessas instituições, uma forma de circulação de suas ideias acerca da educação das famílias.

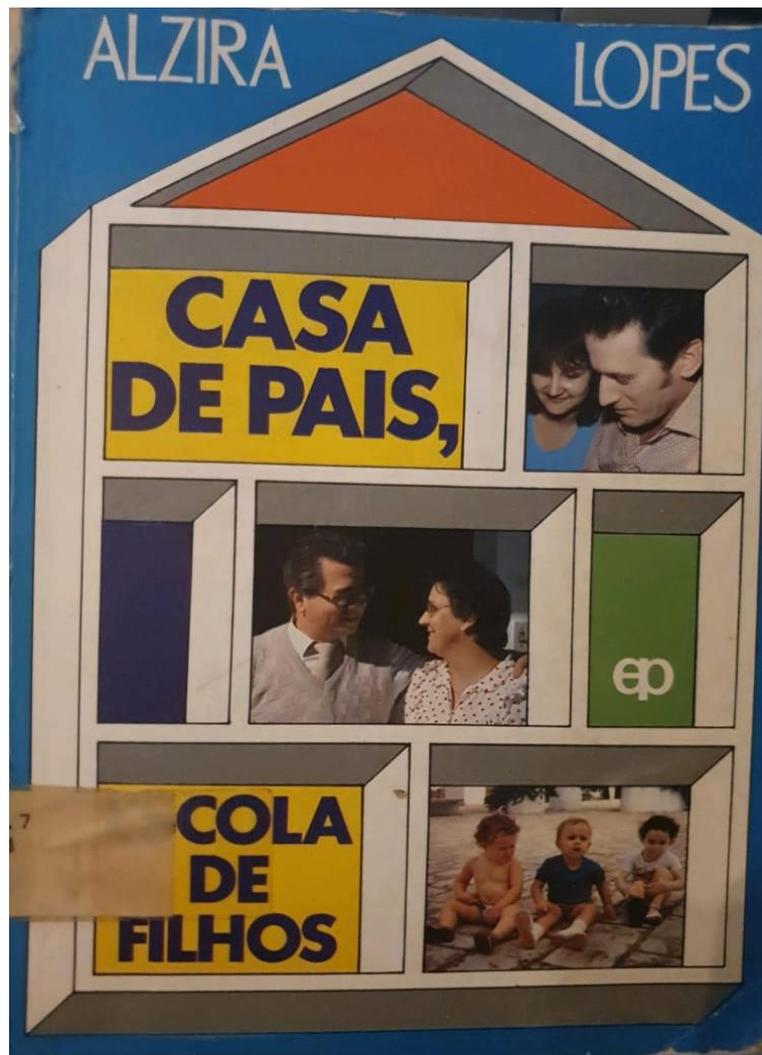
Ela dedica a obra a todos os “pais que desejarem educar melhor seus filhos, neste momento histórico tão difícil que passamos” (LOPES, 1988, p. 6). Por meio dessa afirmação, é possível obtermos diferentes interpretações, sendo a primeira de que o momento relatado por ela se referia ao rompimento de um período ditatorial e à nova abertura política promovida a partir de 1985. Outra possibilidade de entendimento decorre da ideia dos movimentos

empreendidos pelos jovens contra o governo e muitos princípios conservadores defendidos pelo laicato católico.

Na Figura 18, é possível visualizarmos como se organizou a capa da obra, colocando em primeiro plano o nome da autora seguido do nome da obra. A imagem escolhida para compor a capa apresentava cores fortes, que poderiam servir de atrativo visual para o leitor, assim como a disposição diferenciada do título em comparação com as outras obras públicas da coleção da autora.

A partir da imagem presente na capa, é possível explorarmos que o público destinatário era elitizado, se atentarmos para as roupas e etnia dos sujeitos que fizeram parte da imagem em destaque. A escolha de certos elementos gráficos e linhas também sugere ao leitor a sensação de organização, o que poderia ser visto como uma mensagem subliminar de que a partir do consumo daquela obra as famílias conseguiriam obter de modo exitoso uma educação familiar.

Figura 17 – Capa da obra *Casa de pais, escola de filhos*



Fonte: a autora (2022).

A apresentação da obra foi feita pelo marido de Alzira, Antonio Fernando Lopes. Na escrita, fica nítido que ele buscava que ela publicizasse as experiências “de casal e de pais, depois do nascimento da *Escola de Pais* do Brasil [...] trabalhar pela família tem sido para nós um grande apostolado e uma meta para nossas vidas” (LOPES, 1988, p. 7). Com esse relato, pode-se perceber como o casal encarava a atuação frente à educação das famílias como uma missão destinada por Deus para que pudessem disseminar os princípios católicos a partir da educação das famílias e das mulheres.

Ele cita ainda que os conhecimentos e as experiências relatadas no decorrer da obra por Lopes derivavam da participação e promoção dela em congressos, seminários, reciclagens, cursos, encontros e viagens. Isso deixa indícios de que as viagens e diferentes situações vivenciadas por Alzira foram

propulsores para que ela tivesse voz e legitimação para ocupar o cenário educativo brasileiro.

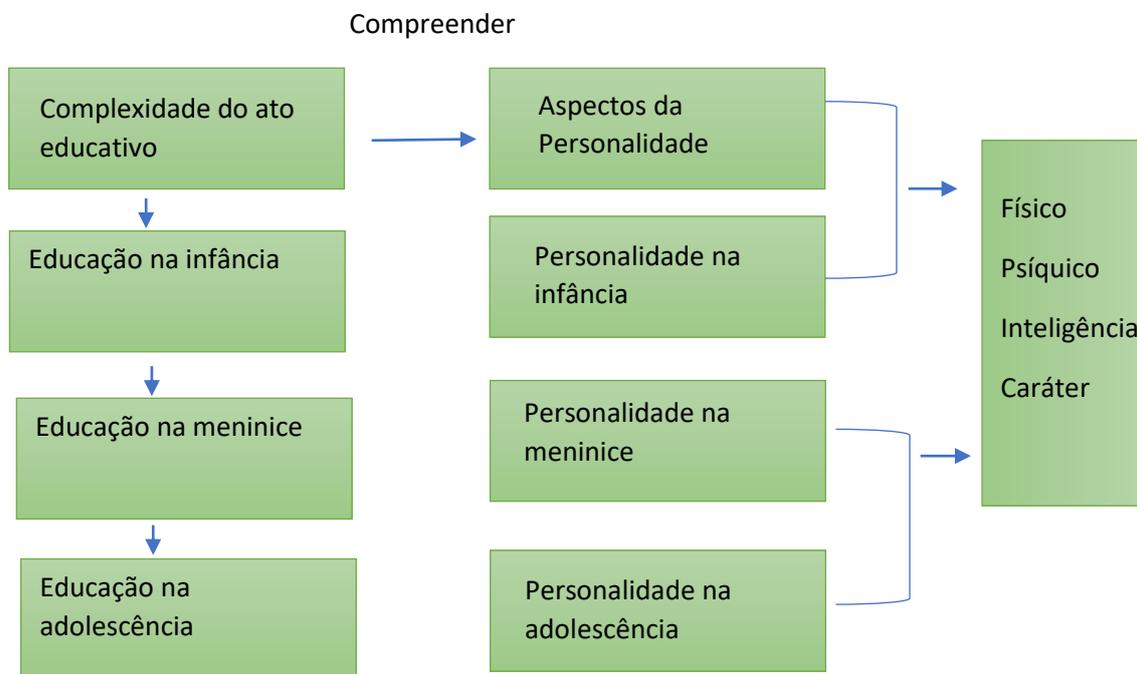
Um fato interessante relatado durante a escrita é que o título da obra foi escolhido pela esposa durante uma viagem, tendo como significado:

Todo ser vivo tem sua casa, seja ela um ninho covil, toca, colmeia, casa, apartamento, e significa lugar onde se resguarda da chuva, do sol, dos ataques exteriores. Para o ser humano a casa deverá ter outro significado, mais profundo, ele necessita de um ambiente que lhe faculte e que o ajude a encontrar a sua dimensão total e esse ambiente será o 'meio familiar' – o LAR. (LOPES, 1988, p. 7),

A obra foi dividida em sete tópicos de discussão, que, de certo modo, compunham uma discussão amplamente difundida entre os anos 60, que era a apresentação de um olhar psicológico para a educação, atentando-se para cada fase de desenvolvimento do indivíduo.

A Figura 19 delinea como as temáticas propostas pela intelectual articulavam-se entre si para compor um discurso contundente dos passos e conhecimentos que as mulheres e as famílias deveriam dominar para educar de forma eficiente seus filhos.

Figura 18 – Mapa mental com as principais temáticas discutidas no decorrer da obra



Fonte: a autora (2022).

No índice, ela organiza as ideias seguindo uma estratégia de escrita em colocar como primeiro plano uma discussão desafiadora para o leitor, intitulada *Educar, tarefa difícil*. Com base nisso, pode-se intuir que tal problemática seja elucidada ao longo das discussões tecidas em diferentes eixos temáticos, enfatizando, em um primeiro momento, as diferentes personalidades, em diferentes fases de desenvolvimento dos sujeitos e, posteriormente, sobre como deveria ocorrer a educação em cada fase de desenvolvimento, seguindo um eixo de entendimento nas diferentes fases (infância, meninice e adolescência).

Alzira cita que na vida há momentos de preparo para o exercício de diferentes funções, pois “[...] antes de casar, aprendemos economia doméstica, uma profissão para podermos sustentar a nossa família etc.” (LOPES, 1988, p. 10). Ao analisarmos esse fragmento, observamos que ela demarca que seu diálogo era destinado às mulheres, assim como denota o papel que delas era esperado. Apresenta os questionamentos de para quem, para que e como elas deveriam educar seus filhos.

Ao destacar a finalidade da tarefa educativa, Lopes (1988) apresenta indícios de valores católicos que difundidos a partir da obra. Tal constatação fica evidente ao apresentar realidades humanas e cristãs como inspiração para o entendimento dessa missão, tornando, de certo modo, os pais capazes para exercer seu poder criador, aproximando-se da ideia de criação humana pensada sob a ótica divina.

A respeito da personalidade, Alzira apoia-se em diferentes intelectuais para reforçar as ideias tratadas sobre a temática. Utiliza ainda gravuras e frases-chaves para ilustrar os assuntos tratados ao longo da obra, tática que pode ser entendida como um mecanismo empreendido pela autora para dialogar com diferentes públicos e ilustrar didaticamente os fundamentos por ela discutidos.

Utiliza Freud, Jung, Lange, Jolivet, Lewin, Allport e Madre Cristina, Charboneau como referencial teórico para tratar a temática. Ao citar diferentes intelectuais, denota como ela bebia tanto na cientificidade laica como católica para explicar os aspectos que formavam a personalidade dos sujeitos.

Ao discutir a temática inteligência, Lopes (1988) utiliza como estratégias o entendimento da inteligência atrelado aos conhecimentos sociais e religiosos

que o ser humano aos poucos ia construindo. Cita o seu entendimento acerca do conceito caráter, que para ela representava “uma superestrutura social, cívica, ética, religiosa da personalidade, ou seja, o comportamento regulado por uma escala de valores” (LOPES, 1988, p. 24). Esse conceito cunhado pela intelectual na obra vem ao encontro do conceito de *habitus* defendido por Bourdieu (2007), entendendo-se por um sistema de “[...] disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191). Nesse sentido, compreendemos que a obra ofertava uma educação em prol de uma formação de caráter compatível com o grupo social em que circulava como uma estratégia de controle social.

Alzira apoia-se em Platão para ilustrar a ideia platônica de que a personalidade seria um carro puxado pelos cavalos (instintos e emoções) e o cocheiro significaria a inteligência e a vontade. Para ilustrar esse pensamento, ela utiliza de duas táticas de escrita, sendo a primeira a que descreve cada figura que daria forma ao conceito que buscava discutir e, por fim, como segundo ponto de interlocução com o leitor, utiliza a apresentação de uma imagem que ilustra as representações trazidas por ela. Ao citar Platão, demonstra como ela diversificava os autores utilizados como legitimadores para afirmar ou confirmar uma ideia tratada. Diferentemente de outras obras analisadas, nessa ela utiliza-se frequentemente de analogias e imagens, podendo esse recurso ser entendido como uma forma de ela apresentar uma leitura mais clara para seu público.

Em um fragmento da obra, fica evidente a reprodução da ideia de que esse caráter sempre foi pensado e posto a partir do olhar masculino na sociedade, mesmo que ela escrevesse preferencialmente para mulheres em seu discurso, o que pode ser constatado a seguir: “[...] enfim, num mundo que é o de HOMENS” (LOPES, 1988, p. 25). Até mesmo a forma como redigiu o parágrafo, usando letras caixa-alta para colocar a palavra em destaque, denota como a organização social era posta a partir do olhar masculino, trazendo à tona como o espaço feminino ocupado na sociedade e o próprio machismo é um construto social que se perpetua ao longo do tempo.

Ela cita com frequência termos como religiosidade, religião, crenças, ideologias, que, de certo modo, condicionam o leitor ao entendimento de que tais palavras eram basilares para se pensar em uma educação familiar exitosa, já que a religião, assim como a família, seriam poderosas formas de controle social.

Em uma discussão sobre o papel dos pais na perpetuação da família, ela descreve que eles deveriam “ser presentes, que se amem e porque se amam desejam materializar esse amor no filho” (LOPES, 1988, p. 29). Essa afirmação nos faz pensar por que ela trouxe dessa forma a discussão. A Igreja tinha um grande desafio na época que era incentivar o casamento, ao mesmo tempo em que traçava estratégias que de certo modo freassem o aumento exponencial dos divórcios. Outro fato que podemos observar é que ela trata a palavra filho no singular, já que a partir desse período as famílias começaram a assumir uma nova lógica de organização, sendo menos numerosas em comparação com outras décadas.

De acordo com dados⁹¹ do Censo do IBGE difundidos nos anos 2000, as taxas reprodutivas caíram vertiginosamente a partir dos anos de 1980 até os anos 2000, registrando uma queda de 63,59% em comparação com a década de 1960. O índice saiu de 4,12 filhos por mulher para 2,39 filhos, em média. As mulheres entre 25 e 29 anos passaram a ter menos filhos a partir do final da década de 1980.

Ela apresenta declaradamente que a ausência de amor à criança no âmbito familiar trará no futuro para aquele indivíduo “dificuldade para reconhecer outro ser, [que] terá dificuldade até de amar a Deus” (LOPES, 1988, p. 35). Novamente fica evidente o caráter religioso imbuído em seu discurso como uma estratégia de inculcar nas famílias uma educação fundada nos ideais cristãos.

Para Alzira, os pais teriam uma missão ao educar a criança. Ao trazer essa expressão, ela retoma a ideia de que a religião entendia acerca da maternidade e da paternidade e novamente percebemos que grande parte deste trabalho recairia sobre a responsabilidade das mulheres, que exerceriam a sagrada missão ao educar e prezar pelo bom desenvolvimento de sua prole.

⁹¹ Dados obtidos no *site* do IBGE (pesquisa *Esperança de vida ao nascer*).

Como em outras obras ela discute como a amamentação era essencial para a criança ter um relacionamento com a mãe, em suas palavras, ao amamentar, a “mãe está dando amor por osmose, desenvolvendo o relacionamento carinhoso com seu bebê e dele consigo mesmo” (LOPES, 1988, p. 32). Ela complementa isso afirmando que “ao cuidar do seu filho, a mãe vai transmitindo segurança e dando-lhe a certeza de que é amado, esperado e querido” (LOPES, 1988, p. 32). Ambos os fragmentos trazem à tona o papel que era esperado da mulher na sociedade. De acordo com Del Priore (2013), nos anos dourados, “[...] as fronteiras entre as atribuições do pai e da mãe são bem definidas e não se confundem. Correspondem a critérios preestabelecidos sobre o que compete ao homem e o que é obrigação da mulher” (DEL PRIORE, 2013, p. 293). Apesar de a autora retratar esse comportamento referente aos anos dourados, é perceptível que ele se reproduzia ainda na época da publicação da obra.

Na sequência, ela oferece a indicação de um livro do psiquiatra americano Thomaz Verny e uma citação da obra que ia ao encontro desse lugar esperado que a mulher ocupasse na vida privada. Nesse caso, podemos problematizar como os papéis pensados para as mulheres eram escritos e idealizados por homens conservando o *status quo* existente.

Discute ainda essa questão apresentando uma perspectiva médica e coloca em destaque os nutrientes e suas implicações de forma técnica, apresentando-se como uma diferenciação em relação a outras obras, em que o discurso da importância da amamentação ficava somente no campo da relação da mulher com a maternidade e com o filho. Essa mudança de tom e a estratégia de abordar a temática podem ser indicativos das constantes propagandas e de projetos governamentais emplacados no período em prol da amamentação como forma de prevenir doenças e reduzir a mortalidade infantil. A criação em 1981 do “PNIAM foi uma das iniciativas do governo buscando a difusão das campanhas de amamentação por meio da imprensa periódica, rádio, TV, entre outros mecanismos de educação e difusão de conhecimentos acerca da amamentação” (VENANCIO; MONTEIRO, 2007).

Ao tratar da temática caráter, ela a conceitua a partir da ideia de que a criança seria capaz de fazer um “juízo moral” e classificar atitudes certas e erradas de acordo com a escala de valores ensinada pelos pais. Ao

apresentar algumas dessas expressões, deixa implícito o que significava para ela uma educação que promovesse o caráter, a dualidade entre certo e errado, que também lembra a ideia de sagrado/profano e céu/inferno atribuída pelo ideário católica.

Ao longo da obra, é possível visualizarmos o que ela pensava e qual os papéis que seriam desempenhados pelas mulheres no ambiente privado, principalmente no que se referia ao cuidado do marido e dos filhos. Porém, há uma parte em que ela faz uma breve citação da ocupação feminina no espaço público a partir do exercício docente, afirmando que “a figura da professora tem um papel importante, pois ela será a mãe na escola” (LOPES, 1988, p. 38). A partir da ideia discutida por ela, podemos inferir que mesmo no espaço público, o que se esperava das mulheres estaria atrelado ao papel maternal. Afirmava ainda que a escola seria uma extensão do lar e desse modo a necessidade de uma figura maternal para compor esse espaço.

Por meio deste seu escrito, é possível visualizarmos um pouco de como Alzira se colocava como intelectual, os espaços por ela ocupados, as viagens e as experiências pessoais vivenciados tanto no âmbito privado na criação das filhas como no âmbito público na direção da *Escola de Pais* do Brasil. Em vários momentos ela cita congressos que participou em nome da instituição, países que visitou servindo além de propaganda do projeto por ela empreendido, uma estratégia de legitimação e demarcação do campo ao qual pertencia.

Um diferencial observado na escrita dessa obra em comparação com as outras publicadas na coleção é que ela cita diferentes perspectivas de um pensamento de um “sábio”⁹² hindu acerca da volatilidade da vida, sendo nas demais utilizados privilegiadamente pensamentos e autores católicos para fundamentar suas discussões.

Ao retomar a discussão acerca do papel da mãe na educação dos filhos, ela estabelece a ideia de que a mulher deveria permanecer no ambiente privado como forma de garantir amor e carinho suficientes para que a criança se desenvolvesse em um ambiente adequado. Em suas palavras, “a mãe é quem deve cuidar do seu bebê [...] sempre com paciência” (LOPES, 1988, p.

⁹² Nas palavras de Alzira para se referir ao pensador indiano Rabindranath Tagore.

55). A partir da afirmação da autora, podemos inferir que ela buscava inculcar no imaginário feminino que, depois da maternidade, estas deveriam permanecer no espaço privado como forma de exercer adequadamente o que se esperava delas na criação dos filhos.

Outro indício que fica evidente com a discussão trazida é que ela possivelmente escrevia para um público privilegiado financeiramente, que teria a possibilidade de a mulher permanecer no lar em vez de ter que ocupar o espaço público em busca do sustento da família. Também podemos perceber fortes indícios de que ela dialogava com a elite a partir da fala trazida acerca de como as mães deveriam planejar o quarto do bebê: “Sobre o berço serão colocados móveis coloridos de animaizinhos e tempos em tempos irão sendo substituídos e confeccionados com pano e feltro para que o bebê os manuseie” (LOPES, 1988, p. 55). Diante do exposto, é evidente que as mães proletárias não teriam condições financeiras para promover um espaço com as considerações colocadas pela autora, apresentando-se como um indício de que as mulheres mais abastadas seriam o público-alvo para assimilar alguns tópicos postos em discussão na obra.

Ela ainda escreve quanto à escolha adequada da escola que as crianças frequentariam, problematizando que esse espaço não deveria ser “um ‘depósito’ de crianças, mas realmente um local especial, onde cada criança seja cuidada de acordo com suas necessidades” (LOPES, 1988, p. 55). Ao destacar entre aspas a palavra depósito, fica evidente que ela buscava reforçar para os leitores a ideia de que deveriam buscar ambientes educativos que oferecessem diferentes estímulos para auxiliar no bom desenvolvimento dos pequenos, aspecto que também colabora com a ideia de que a discussão proposta seria destinada a um público privilegiado, já que os trabalhadores necessitavam de um espaço para deixar as crianças em segurança e que pensar sobre as metodologias ou aprendizagens que seriam desenvolvidas nesse espaço não seria nem de perto a preocupação inicial dessas famílias na escolha da instituição educativa.

Diante do exposto, cabe problematizarmos que desde o início de sua trajetória frente à *Escola de Pais* do Brasil, Alzira teve a colaboração de instituições de ensino que formavam a elite paulista. Ao citar as escolas como

depósitos, poderia estar se referindo às escolas públicas que teriam condições limitadas e insuficientes para estimular adequadamente as crianças.

De forma extremamente direta, ela instrui os pais quanto à organização de uma rotina na qual tivessem momentos de educação religiosa, diferente das outras obras, pois nesta ela descreve esses momentos com mais detalhes e clareza. Podemos observar que a estratégia utilizada para inculcar essa ideia se deu a partir do incentivo à “oração em família, no horário das refeições, à noite e pela manhã os pais estarão sempre mostrando à criança que existe acima de todos nós um Pai que está velando por todos” (LOPES, 1988, p. 56). Muitos desses elementos da vida cotidiana eram colocados pela Igreja como forma de inculcar os valores a partir da repetição, principalmente, mediante a reprodução deles pela figura feminina, em que a mãe servia como discípula da Igreja, que promovia a catequização em casa. Nesse sentido, a mulher aparecia tendo a proteção da Igreja para que a partir desse mecanismo de cuidado houvesse o controle.

[...] interessada em construir famílias onde o papel da mulher fosse o de instruir e educar os filhos cristãmente, a fim de propagar os ideais do catolicismo, a Igreja contribui para formar uma sensibilidade mais aguda em relação à maternidade e à infância, tanto no mundo da afetividade quanto no do saber. (DEL PRIORE, 1998, p. 56-57).

Ao longo da obra, Alzira vai propagando a ideia de que os papéis exercidos por meninas eram definidos desde a infância a partir da educação que elas receberiam na família, sendo que os meninos desejariam assumir no futuro a paternidade e as meninas a maternidade. Ao discutir essa temática diante dessa perspectiva, Alzira impõe o entendimento do que se esperava do ponto de vista social para cada um dos sexos. O exercício da maternidade e da paternidade também ia ao encontro do que a Igreja primava.

Além de crescer e multiplicar serem ideias difundidas, a obediência tanto do ponto de vista religioso como social foi tópico constantemente citado por ela em suas produções. Para ela, a “[...] autoridade do pai se dirige mais para a aceitação, responsabilidade e determinação de dirigir e assegurar a vida do filho isto é um *ato moral*” (LOPES, 1988, p. 58). Nesse sentido, a figura masculina conectava-se com a ideia de autoridade assumida pela Igreja. Nunes (2005) revela que as

Religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é sagrado nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. (NUNES, 2005, p. 363).

Mediante o conceito de *habitus* defendido por Thompson (1981)⁹³, inferimos que este cita o exemplo dos pais como uma técnica necessária para a educação, a qual deveria atender aos aspectos da vida religiosa, social, moral e política dos pais para que os filhos se desenvolvessem de forma adequada, seguindo as ideias que eram de fundamental importância para a consolidação da sociedade, sobretudo, pautando-se na obediência e no temor a Deus.

Um indício desse discurso fortemente religioso na obra evidencia-se na situação em Alzira discorre sobre uma experiência que vivenciou em um curso ministrado em uma escola elitizada⁹⁴ e ao dialogar com os pais utiliza a frase “como Deus é bom e como nos usa para chegar aos outros” (LOPES, 1988, p. 66). Nesse sentido, ao apresentar essa situação e colocar-se como instrumento utilizado por Deus para por em circulação as ideias defendidas pelo grupo católico, de certo modo apresentava-se como indicativo de que muito de seu discurso tinha como objetivo principal assegurar que os ideais divinos fossem postos em circulação e alcançassem um vasto público, seja pela vida literária, por meio das obras públicas, ou ainda institucional, a partir de sua atuação frente à *Escola de Pais* do Brasil e ao Instituto da Família.

Ela descreve uma situação vivenciada pelo filho Kiko quando defende a ideia de que as orações deveriam ser um hábito adotado pelas famílias de forma frequente. Citou que instruíra seu filho afirmando que “você estará com Deus. Ele vai olhar por você todo o tempo e nada lhe faltará” (LOPES, 1988, p. 69). Ao descrever o trecho recitado ao filho, remete a ideia presente no Salmo

⁹³ “Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no *habitus* de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado, a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria” (THOMPSON, 1981, p. 194).

⁹⁴ No trecho em questão, ela afirma que o casal com quem estabeleceu diálogo tratava-se “de uma das maiores fortunas desta cidade” (LOPES, 1988, p. 66), denotando de certo modo como seu público destinatário era elitizado.

23 da Bíblia Cristã. Ao fazer essa paráfrase, ao mesmo tempo em que relatava sua experiência pessoal no exercício maternal, estabelecia um diálogo com o público leitor.

No bojo das discussões traçadas por Alzira na obra, ela deixa latente a ideia de que deveria ser assumida no lar uma educação que propiciasse a vivência religiosa, seja professando a fé católica ou em ações simples no cotidiano familiar. Assume ainda a ideia de que as famílias deveriam ter como compromisso fundamental a reza diária em diferentes momentos do dia, para que aos poucos os ideais católicos entrassem no inconsciente das crianças, formando-se assim devotos fiéis aos princípios cristãos. Ela aconselha as mães a adotarem na rotina familiar a leitura de histórias bíblicas aos filhos em vez de contar histórias populares e fantasiosas, tom este de crítica para demonstrar como era possível disseminar com eficiência os fundamentos da Igreja. Descreve que estas deveriam propiciar momentos de aprendizagem e interação com diferentes instrumentos musicais, para que as crianças pudessem exercitar de forma prazerosa as canções que tocavam nas missas.

Tal pensamento demonstra indício de que ela dialogava com uma parcela privilegiada da sociedade e que a religião se perpetuava também pelo viés cultural, sendo mais consumida pelo público infantil e juvenil quando assumia essa roupagem.

Ao longo da obra, ela descreve ainda como as mulheres no exercício materno doavam-se para a criação de um humano e dessa forma deveriam incentivar sua prole no exercício do cuidado com o próximo, lembrando de visitas a orfanatos, hospitais, asilos e outras entidades, principalmente com ações musicais e teatrais que atraíssem o público destinatário para o sentimento de amor. Analisando a circunstância por ela desenhada, podemos inferir que a partir dessa atuação, assumiam-se duas frentes de atuação em relação à educação religiosa: a primeira na criança para que dispunha de tempo e dedicação para dar a outro uma experiência cultural, exercendo então a caridade e o amor, princípios valiosos para a Igreja, mas também para o público receptor, ao qual eram difundidos de forma mais simples os princípios da fé católica.

É possível percebermos que em alguns momentos a intelectual interage com as situações-problema vivenciadas pela sociedade brasileira no período

em que a obra foi gestada e posta em circulação, entre os anos de 1970 e 1980⁹⁵. No fragmento a seguir, podemos ver como a partir da instabilidade econômica experimentada no período há aumento dos preços de elementos de subsistência e que é preciso “Aprender a rezar para agradecer o alimento” (LOPES, 1988, p. 73), sendo isso essencial para sobreviver a essa fase difícil.

Ao trazer o contexto representando as demandas sociais e educacionais no decorrer da obra, cria-se um elemento de identificação significativo entre o público leitor e a realidade em que estavam inseridos.

Podemos verificar que há ideias que delimitam o que era entendido por ela como papéis femininos e masculinos na sociedade, assim como algumas falas que reforçariam o machismo construído historicamente na sociedade brasileira. Em partes da obra, com o intuito de ilustrar uma situação experimentada por sua experiência profissional, ela cita que mulheres ou meninas que tivessem personalidades fortes traziam para o público masculino a ideia de que “aquela menina não vale nada, manda em mim e, você sabe, o homem é quem deve mandar. Então eu queria que você me ensinasse como a gente faz para mandar em mulheres” (LOPES, 1988, p. 79). Ao apresentar um conselho de ação para os pais caso os filhos chegassem tarde em casa, ou frequentassem festas, ela se dirige somente ao público masculino, tendo como figura de controle o pai e o filho como agente de comportamento errado. Em nenhum momento utiliza a mãe como elemento de sanção ou a possibilidade de as meninas frequentarem festas desacompanhadas dos pais, o que demonstra como ainda em seu discurso fica evidente que a mulher deveria ocupar o ambiente privado, enquanto os homens eram convidados a explorar a vida pública. Isso fica evidente quando afirma que o pai deveria oferecer momentos de interação com o filho e levá-lo ao trabalho, já as meninas deveriam acompanhar a mãe no mercado e nas compras, delimitando que a figura feminina ficaria privilegiadamente restrita ao ambiente privado.

Ela cita diversas outras situações similares e não redige nenhum comentário ou conselho desencorajando esse tipo de ideia trazida pela queixa do jovem. A falta de repressão de sua parte aos relatos de que esses homens

⁹⁵ A crise foi se consolidando a partir do crescimento exponencial da dívida brasileira externa e da má gestão dos recursos públicos, assim como pela redução significativa do PIB no início dos anos 80.

queriam assumir uma postura de autoridade frente às suas parceiras pode ser um indicativo de que naquele momento desconstruir esse pensamento não era um objetivo educativo que ela devesse exercer. Ao adotar essa postura, ela reforça que essa ideia de controle almejada pelo público masculino era aceitável.

Descreve ainda que problemas no lar e a falta de harmonia no relacionamento dos pais eram situações que causariam desajustes nos filhos, relacionando essa carência de harmonia familiar ao uso de drogas, sexo e outros comportamentos negativos para a sociedade da época. Colocar o relacionamento conjugal como elemento necessário à obtenção de tal desordem requeria uma carga principalmente sobre a mulher de entrega e abdicção muito grande em prol da família.

Podemos observar a respeito da educação sexual que ela descrevia de modo explícito que tal ato deveria ser vivido somente depois do casamento, para ambos os sexos. Dispensar tal experiência traria aos jovens uma “dignidade pessoal” e a coisificação do ato sexual seria uma forma desumana e destruidora da vida desses jovens. Ao apresentar esses argumentos, ela eleva ao ato sexual a ideia do que seria considerado humano e desumano, moral e imoral, apresentando-se como uma analogia a céu e inferno. Ela não direciona ao tratar da educação sexual como um tópico específico para o público feminino ou masculino e entende-se *a priori* que ela discutia essa ideia de pecado para ambos os sexos, já que deveriam colocar a razão e o espírito como prioridade em suas experiências pessoais.

Del Priore (2013) destaca que o “sexo é vinculado ao amor (conjugal); as distinções de gênero são bem nítidas quando se trata de descrever o ‘interesse por sexo’” (DEL PRIORE, 2013, p. 297). Observamos na escrita de Alzira que os interesses sexuais dos homens eram mais evidentes do que os das mulheres, principalmente no que se referia à masturbação.

Ela reforça a ideia de virgindade, principalmente para as mulheres, como sendo uma “essência espiritual [...] sublinhar o valor da primeira relação” (LOPES, 1988, p. 87). Ao reforçar esse compromisso firmado pelos jovens para a construção de uma relação de acordo com os princípios católicos, confirma a consolidação de casamentos felizes a partir da conservação da virgindade até o momento do casamento. Tal comportamento demonstraria respeito aos

princípios cristãos e assumiria o que era esperado das mulheres na vida pública com pureza e fidelidade.

Ela aborda temas como sexo, masturbação e até mesmo a pornografia com um aprofundamento que não era observado nas outras obras analisadas. Isso pode ter se dado por ela estar mais engajada com o público falando de alguns temas de maneira mais explícita e sem muita censura. No que se referia à prática da masturbação, destaca que se ocasionado de forma natural para os homens, esse ato não teria problema, já para as mulheres a desaprovação de qualquer ação de autoconhecimento era evidente. Apesar de Pinsky (2014) destacar que nos anos 1960/1970 as “mulheres para realizar-se plenamente, têm necessidade de amar [...] a manifestação sexual no casamento era considerada como base indispensável de um casamento sólido” (PINSKY, 2014, p. 300). Na obra é possível percebermos que essas características apresentadas por Pinsky faziam parte do entendimento escrito por Lopes.

Sobre o homossexualismo, ela discorre com um pouco mais de liberdade fazendo um comparativo com as outras obras que compunham a coleção publicada pela editora. Ela toma um discurso matizado para atrelar a aceitação das famílias e levar ao conhecimento dos jovens que havia esse comportamento disseminado pela sociedade. Essa postura mostra certo protagonismo de Alzira frente à temática que ainda era tida como doença e de certo modo a aceitação de que havia pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo colocava em discussão diferentes pautas importantes para o momento, pois, com a orientação adequada sobre a existência de relações homoafetivas, haveria também a discussão quanto às formas adequadas de manter relações sexuais a fim de evitar a disseminação da Aids, uma das grandes preocupações da época.

De acordo com Greco (2008), “Em 1986 foi estabelecido pelo Ministério da Saúde o Programa Brasileiro de DST/Aids (PNDST/Aids), responsável pelo estabelecimento de um plano nacional de enfrentamento da epidemia” (GRECO, 2008, p. 8). É possível visualizarmos como aos poucos a temática das DSTs foram ocupando as discussões governamentais e mobilizaram ações educativas que caminharam em diferentes campos de atuação, seja pela educação formal (escola) ou por outros dispositivos informais (Igreja, leitura, mídias etc.).

Ela discorre sobre outra temática – as relações sexuais entre diferentes casais em casas de *swingings* – o que demonstra como essa promiscuidade poderia trazer prejuízos significativos para as relações familiares. Nas entrelinhas de seu discurso, coloca na mulher o compromisso de garantir que tal comportamento não fosse adotado em seu relacionamento, garantindo, além da estabilidade familiar, o compromisso com a fidelidade cristã.

Outro tópico discutido com ineditismo por ela em comparação com as outras obras publicadas foram as trocas de afetos que poderiam resultar em gravidez sem efetivamente haver a consumação sexual. A forma como ela descreve os fatos e discorre sobre os problemas causados por essa falta de educação sexual por parte dos jovens demonstra um ar de responsabilidade em elucidar os fatos de maneira técnica para que os pais orientassem os filhos para evitar excessos no namoro. Essa ideia de namoro por ela deixado como orientação, principalmente para as meninas, retomava algumas discussões tecidas nos anos dourados, como destaca Pinsky (2016) de que o namoro seria uma etapa

[...] de conhecimento e avaliação do outro. Por isso, aconselham as meninas a fugirem de familiaridades excessivas ou intimidades silenciosas, a repelirem os rapazes afoitos, a serem cautelosas e a nunca cederem aos encantos imediatos considerados inimigos dos relacionamentos estáveis e dos compromissos sérios. (PINSKY, 2016, p. 182).

Ao longo da obra, podemos entender que Alzira buscava inculcar, na educação de seu público, princípios de cunho religioso, sobretudo, católico, pois ela afirmava que era preciso “religar o homem ao seu Criador” (LOPES, 1988, p. 90). Era um comportamento necessário às famílias se tivessem como objetivo a criação adequada dos filhos. Essa educação religiosa deveria iniciar desde a mais tenra idade, colocando a mãe como personagem primordial para executar tal função, a qual deveria rezar com as crianças e contar histórias bíblicas, entre outras ações.

2.4 A OBRA *COMO VIVER FELIZ OS SEUS 100 ANOS*

A obra foi publicada em 1993, pela editora Paulinas, e nas primeiras páginas são descritas as demais obras que foram publicadas pela editora,

podendo indicar que ela buscava difundir e publicizar seus escritos a partir da imprensa e das estratégias editoriais por ela mobilizadas.

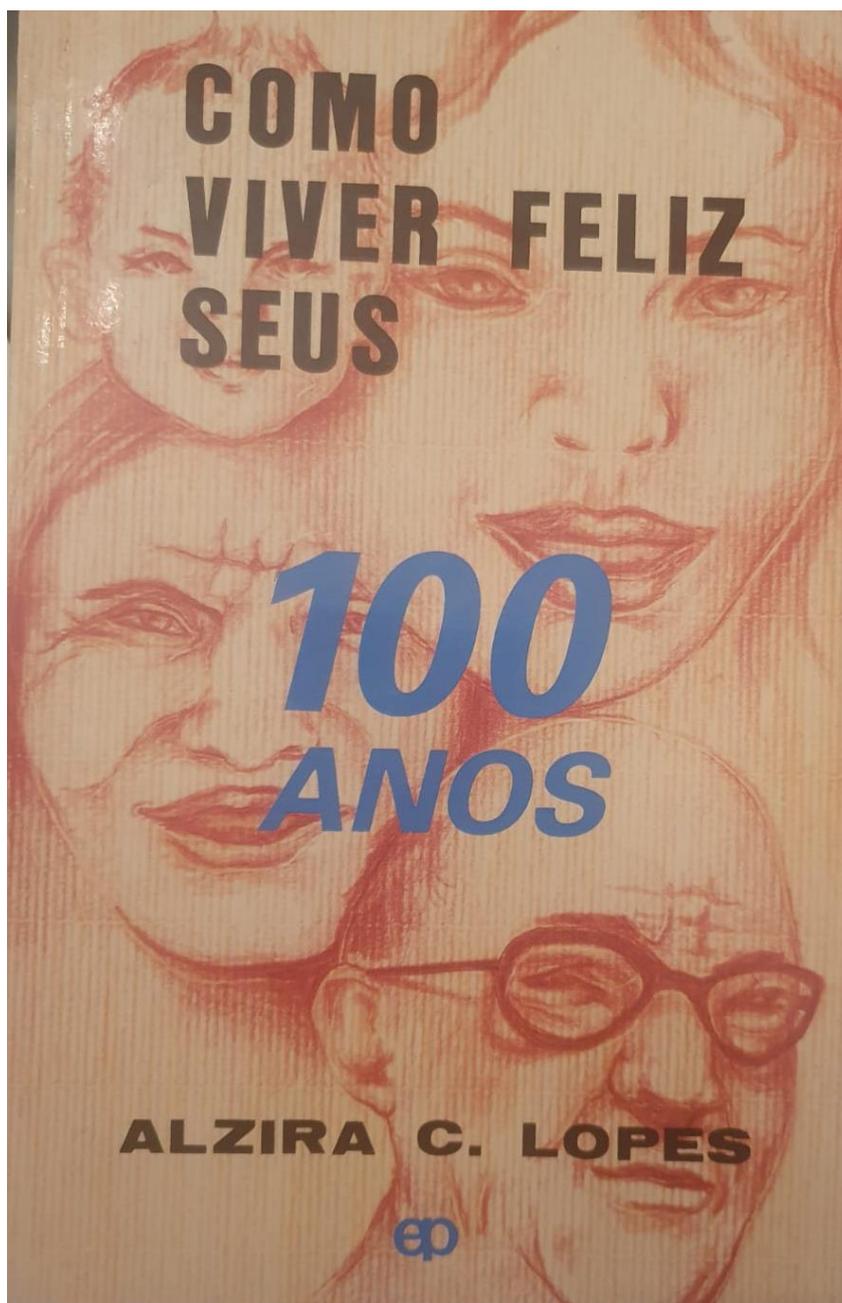
Ao atentarmos para a materialidade da obra a partir de Chartier (2014), podemos compreender como ela foi sendo construída mediante as contribuições da própria coleção publicada por Alzira na Paulinas. Em diferentes momentos no impresso, podemos perceber a descrição de referências e citações de fragmentos dos outros textos como forma de legitimar as discussões tecidas e uma demarcação de seu espaço no campo intelectual.

Em comparação com as demais obras publicadas, nessa observamos que foi escrita de forma mais sucinta em 115 páginas. Assim como as demais, ela utiliza como ferramenta de organização uma dedicatória e frase de efeito antes de adentrar-se às discussões propostas e às contribuições do prefaciador.

Ela utiliza como frase de efeito “Tu me olhaste nos olhos e, a sorrir, pronunciaste meu nome. Obrigada, meu Deus, por mais esta tarefa!” (LOPES, 1993). Ao analisarmos essa frase, podemos inferir que ela buscava difundir a ideia de que havia sido escolhida por Deus para essa missão de educar a partir das diferentes frentes de atuação que foi construindo em sua trajetória intelectual. Ofereceu a obra como dedicatória à Alda Ribeiro, professora universitária da PUCSP⁹⁶, assim como Alzira, e dedicava-se a pesquisas que retratavam os aspectos físicos e psicológicos dos idosos.

Ao observarmos os elementos gráficos que compuseram a capa, podemos ver que o título ocupa espaço privilegiado, o que pode indicar uma estratégia de atrair a atenção do leitor para a temática que ali seria tratada. Como forma de ilustrar, aparece a imagem de diferentes pessoas, em diferentes fases da vida, o que pode sinalizar a evolução da própria trajetória humana desde a infância a velhice, ou ainda o convívio e contato de idosos com pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros, o que legitima a necessidade de um aprofundamento sobre essa fase de desenvolvimento humano, para que de modo sistemático diversas pessoas possam atuar em convívio harmonioso com os idosos e na fase da velhice.

⁹⁶ Na contracapa do livro, há a informação de que Alzira Lopes atuou como professora de educação familiar na PUCSP e nas Faculdades de Costa Braga.

Figura 19 – Capa da obra *Como viver feliz seus 100 anos*

Fonte: Acervo da pesquisadora.

O prefácio foi escrito pelo médico geriatra Dr. Saul de Avila Camargo, onde ele apresenta fragmentos retirados do jornal *Folha de São Paulo* nos anos de 1988 e 1989, o que demonstra que as notícias veiculadas pela imprensa e trazidas naquele texto de início serviriam como um indício de que aquela obra fazia sentido para as discussões que se consolidavam na sociedade da época.

Ao resgatarmos as reportagens, podemos identificar como a obra foi gestada seguindo uma demanda social difundida inclusive pela imprensa.

Figura 20 – Algumas das reportagens destacadas por Camargo no prefácio

Velhice exige cuidado desde o nascimento

Especialistas em problemas de envelhecimento acreditam que a prevenção contra doenças degenerativas como osteoartrite (articulações) e aterosclerose (artérias) deve ser iniciada na infância. O nível de colesterol na dieta dos bebês já preocupa pediatras. Os males degenerativos, que começam por volta dos 45 anos, estão associados a hábitos sedentários, dieta inadequada e fumo. PÁG. C-4

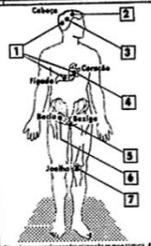
SAÚDE Exercícios e dieta são receita para velhice saudável

CARDOS ANTONIO BANAL
de reportagem

A falta ideal de se preparar para a velhice é tomar alguns cuidados desde a infância. Especialistas acreditam que a prevenção contra doenças degenerativas como osteoartrite (articulações) e aterosclerose (artérias) deve ser iniciada na infância. O nível de colesterol na dieta dos bebês já preocupa pediatras. Os males degenerativos, que começam por volta dos 45 anos, estão associados a hábitos sedentários, dieta inadequada e fumo. PÁG. C-4



DOENÇAS QUE ATINGEM OS IDOSOS



- 1 - Doenças degenerativas crônicas (Parkinson, Alzheimer, diabetes melittus tipo 1, osteoartrite, doença hepática tipo Laennec, enfisema pulmonar)
- 2 - Doenças vasculares (aterosclerose) e hipertensão arterial (depressão provocando degeneração cerebral)
- 3 - Doença osteoarticular (osteoporose)
- 4 - Doenças cardiovasculares (angina e infarto do miocárdio)
- 5 - Doenças infecciosas
- 6 - Insuficiência cardíaca (insuficiência da circulação sanguínea)
- 7 - Câncer

Aterosclerose provoca as doenças que mais matam no Estado de SP

De Reportagem Local

Cerca de 40% das mortes que ocorrem no Estado de São Paulo são causadas por doenças cardiovasculares. Dados das estatísticas de mortalidade, essas doenças, bem como o derrame cerebral, a hipertensão arterial e a impotência podem ser causadas pela aterosclerose, uma obstrução total ou parcial das artérias.

A aterosclerose é comum em pessoas idosas, principalmente nas "magrudas" (excesso de gordura e deficiência de fibras). Segundo o cardiologista Marcelo Bertalmio, chefe de setor de hipertensão do Instituto Dante Pazzanese (zona sul de São Paulo), a prevenção da aterosclerose deve começar no berçário, através de uma alimentação

balanceada. Como não é possível -em recém-nascidos- eliminar toda a gordura animal da alimentação, o que se procura é conscientizar a população, principalmente a idosa, a evitar os alimentos com alta concentração de colesterol. Nesse sentido, devem ser evitados os melões, certos tipos de queijos (a margarina é um bom substitutivo).

Bertalmio lembra que, ao contrário do que as pessoas pensam, os melões de 45 anos que não têm colesterol também correm riscos de um bloqueio súbito das artérias. O cardiologista explica que existem dois tipos de colesterol: o HDL, produzido pelo corpo e necessário ao

Dicas

A falta de atividade física é muito prejudicial ao ser humano. Médicos de todas as especialidades recomendam que a pessoa se exercite ao longo de toda a vida, para evitar problemas cardiovasculares, musculares, ósseos e articulares. Mesmo que você seja idoso, uma atividade física moderada (caminhar, por exemplo) é importante.

Se você é adepto de "tergias alimentares", cuidado, pois poderá ter problemas orgânicos ao passar dos 60 anos (ou antes disso). A ingestão de excesso de gorduras animais, de carboidratos ("massas em geral"), de sal e de álcool pode provocar ou agravar doenças circulatórias e doenças degenerativas crônicas (diabetes, mal de Parkinson, mal de Alzheimer).

A dieta também é importante para se evitar ou retardar o aparecimento da aterosclerose. Melões, figado, gema de ovo, queijos com alto teor de gordura e mantega contém muito colesterol. O álcool e os açúcares de absorção rápida (sacarose, que é o açúcar refinado e a frutose, encontrada em uvas e frutas em geral) também devem ser evitados.

O fumo contribui para uma degeneração rápida das células, em especial as pulmonares. Ele também está associado ao surgimento de doenças circulatórias. A degeneração das células e as doenças circulatórias aceleram o envelhecimento do organismo, podendo reduzir a vida fumante em até 12

Incontinência urinária atinge 30% dos idosos

De "United Press International"

Hi uma série de doenças que são características da velhice. Em sua maioria, causadas pelo desgaste e consequente enfraquecimento do organismo (veja quadro acima). Um estudo realizado nos EUA por uma comissão de urologistas demonstrou que a incontinência urinária (incapacidade de reter a urina) é uma das mais comuns. Atinge cerca de 30% das pessoas com mais de 60 anos e 50% dos idosos que vivem em asilos. Essa doença custa ao país mais de US\$ 10 bilhões anuais (cerca de US\$ 1 trilhão).

Segundo o relatório, existem três

Desejo se mantém, mesmo com a diminuição da capacidade sexual

De Reportagem Local

O desejo sexual do idoso é tão intenso quanto o do jovem e a qualidade do seu relacionamento sexual é quase sempre, melhor. A afirmação é de embriologia e fisiologia do homem, segundo o relatório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele diz que não existe uma impotência específica do idoso mais, sim, uma diminuição da capacidade sexual.

Segundo Hutz, o idoso acaba descobrindo o prazer que ele não está mais interessado em sexo e se repete: por uma impotência cultural. O preconceito às vezes aparece na família. "Os filhos não

sexualidade. Por isso, diz Hutz, "a masturbação é comum em idosos solteiros".

Outra ideia da qual discorda Hutz é a de que o sexo termina para a mulher quando ela entra na menopausa. Segundo ele, o que acontece é uma diminuição do desejo sexual, o que pode demandar reposição hormonal. Um dos problemas decorrentes dessa disfunção hormonal é a disfunção (dor no coxo), provocada pela falta de lubrificação vaginal.

No homem idoso, as causas da impotência e da ejaculação retardada são a insuficiência arterial, as doenças neurológicas (deficiência na neurotransmissão) e, raramente, insuficiência hormonal. Toda disfunção sexual tem, segundo ele, uma

Hutz recomenda, como estratégia de prevenção de disfunções sexuais, evitar doenças vasculares e neuróticas. Por "cuidado geral", segundo Hutz, deve-se associar o bônus "exercícios e dieta balanceada".

O médico recomenda também a educação sexual feita "em tempo hábil", a partir da infância e adolescência, para impedir o surgimento de preconceitos e bloqueios psicológicos. Nesse ponto, vale os conselhos mais tradicionais dos sexólogos: educação sexual feita em casa, com a orientação dos próprios pais. Segundo Hutz, os adultos também precisam tomar cuidado para não "parar no tempo". As dúvidas e descobertas sexuais, segundo ele,

Fonte: a autora, de acordo com a base de dados do jornal Folha de São Paulo.

Por meio das reportagens localizadas na imprensa periódica em circulação no país durante os anos de 1988 a 1993, podemos compreender como na conjuntura social a discussão de temáticas relacionadas à velhice, à saúde dos idosos, à aposentadoria, entre outros, eram constantemente discutidas pela imprensa com o intuito de alcançar tanto o público idoso como uma forma de ilustrar o que estariam vivenciando, assim como para os mais jovens serviria como estratégia educativa para ilustrar os desafios e problemas experienciados nessa fase da vida.

Na introdução, Alzira descreve que na produção da obra ela buscou escrevê-la trazendo aspectos práticos, falas de especialistas para que pudessem ser uma discussão contextualizada com a realidade vivenciada pelos idosos. Esse objetivo é perceptível na obra já que ela se apresenta nessa fase de vida e descreve experiências vivenciadas em sua vida privada, tornando fácil o entendimento para o leitor. Possivelmente, ela utiliza a escrita clara como uma estratégia de atingir o público jovem e com idade mais avançada para a compreensão da temática discutida.

Ela afirma que o livro seria uma espécie de guia, construído com a colaboração de diversos personagens da *Fédération Internationale pour l'Education des Parents de Paris*, países da América Latina e do “meu Brasil”⁹⁷. Ao descrever o pronome “meu”, transmite uma noção de pertencimento e afinidade com o leitor que também estaria inserido em uma realidade brasileira e de certa forma apresentava a necessidade de discussão da temática assim como difundido pela imprensa.

Ela descreve que teve como colaboração Dr. André Berge para a escrita de alguns tópicos do livro, o que sinaliza mais uma vez a expressiva circulação de Alzira em âmbito internacional.

Um aspecto interessante observado no decorrer da introdução é que ela faz um mergulho na trajetória histórica do que seria o idoso, discutindo também como a expectativa de vida se modificou ao longo dos anos e surgiu um novo público que precisaria de um olhar atento do restante da sociedade para que suas necessidades fossem atendidas. Para essa discussão, apresenta diversas estatísticas de como era a expectativa de vida no início do século XX e como a temática da velhice foi aos poucos se modificando na América Latina.

É visível no decorrer da escrita que ela apresenta uma crítica à educação ofertada pelas famílias brasileiras, que, segundo ela, criam os filhos sem ensinar os direitos dos idosos, deixando os mais velhos sem acesso a necessidades básicas. Observando as publicações da imprensa das décadas de 1980 e 1990 e a afirmação da autora, podemos entender que há uma notável presença de questões relacionadas com o bem-estar dessa população circulando nos jornais, o que sugere uma mudança de postura social quanto à

⁹⁷ Expressão utilizada pela autora para transmitir uma noção de pertencimento e aproximação do público brasileiro.

visão que se tinha do idoso e posteriormente, nos anos 2000, a implementação do Estatuto do Idoso como mecanismo legal de garantia da dignidade humana nessa faixa etária. Nesse sentido, de acordo com Faleiros (2018),

A terceira idade passou a representar uma etapa de vida a ser vivida plenamente, no período pós-aposentadoria, inclusive com relações afetivas e amorosas fecundas, diferentemente do retiro, do isolamento e da perda de funções que a velhice representou. (FALEIROS, 2018, p. 4).

A expectativa de vida aumentou cerca de 14,8 anos para as mulheres e 10,1 anos para os homens de acordo com o IBGE⁹⁸ em comparação entre os anos de 1960 e 1991. Desse modo, justifica-se a presença recorrente da obra em jornais como modo de divulgação, já que o público idoso foi aumentando ao longo dos anos e certamente já eram leitores ou participantes ativos das instituições que Alzira coordenou.

É evidente que ela incentiva uma educação que prepare os jovens para a velhice e, nesse sentido, a obra serviria como um preparatório para essa fase de desenvolvimento. Em sua concepção, havia a necessidade de

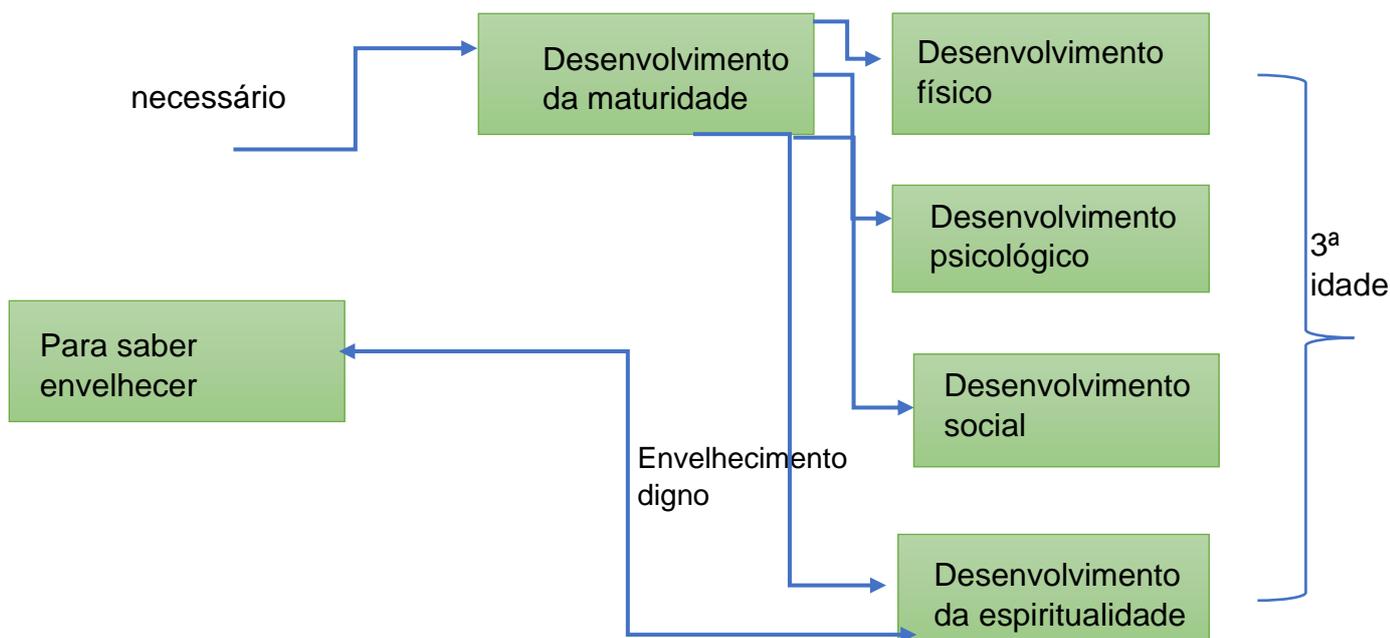
[...] nos dedicarmos a mais um inventário do que podemos fazer e agora então com mais tempo mediremos nossas forças, organizaremos nossos recursos econômicos atuais e futuros, iremos propor-nos atividade cultural e de exercício intelectual além de atividades físicas ou até esportivas de lazer. (LOPES, 1993, p. 13-14).

Com base na colocação feita por Alzira, podemos inferir que o público com o qual ela dialogava era elitizado, já que possuía condições para a construção de uma reserva financeira para o futuro, além de ela destacar a necessidade de participar de atividades culturais e intelectuais as quais, para o proletariado, não era tarefa e espaços de fácil ocupação. No decorrer do texto, ela descreve ainda que a intelectualidade deveria ser desenvolvida em detrimento da espiritualidade, trazendo à tona características de seu discurso católico. Na escrita, é possível vermos que ela utiliza como estratégia o uso de uma linguagem poética e menos objetiva e técnica em comparação com as outras obras analisadas nessa pesquisa.

⁹⁸ Dados obtidos por meio de pesquisa no Datasus.

Observando a estrutura física do livro, podemos ver que as discussões propostas foram dispostas em seis capítulos, abrangendo diferentes eixos que permitiam a conceituação do que seria o envelhecimento e a compreensão dessa fase de desenvolvimento em diferentes contextos. Nesse sentido, a Figura 22 auxilia no entendimento de como essas questões foram distribuídas nos capítulos.

Figura 21 – Temáticas tratadas nos capítulos



Fonte: a autora, de acordo com as temáticas tratadas na obra.

Ela faz uma parte inicial do primeiro capítulo em colaboração com André Berge⁹⁹, apresentando uma breve e imponente descrição de sua biografia, o que traz legitimidade para o que ela discutiria na obra. Ao trazer para a discussão um intelectual de grande projeção no cenário educacional católico, como Berge, ela também se firma no campo educacional religioso, sobretudo, ao discutir nos primeiros parágrafos do texto elementos que de forma enfática e clara faziam menção aos princípios defendidos pela Igreja e pela intelectualidade católica. Tal característica fica evidente ao observarmos como ela descreve o processo de envelhecimento: “Envelhecer é prolongar nossa

⁹⁹ Descreve-o como psicoterapeuta, fundador e ex-presidente da Fédération Internationale pour l'Education des Parents, França, e Fundador do Centro Claude Bernard em Paris.

vida terrestre. Morrer... Não se sabe bem o que isso significa para o indivíduo, mas o espírito não envelhece” (LOPES; BERGE, 1993, p. 17).

É possível verificarmos como pretendem inculcar a ideia de uma construção de memória com base na “fotografia de um ser querido nos é preciosa, faz reviver em nós momentos do passado” (LOPES; BERGE, 1993, p. 16). Apesar de afirmarem que a fotografia seria algo inanimado, se analisarmos da perspectiva aprofundada por Le Goff (1990), podemos entender como esse documento apresenta certo movimento, mesmo no imaginário daqueles que o consideram como lembrança de um ente querido.

Ainda destacam que durante a vida há a possibilidade de escolher o que poderá tornar-se uma memória, o que nos faz refletir como isso é um construto social que pode ser modificado e manipulado de acordo com a vontade do sujeito, classificando assim o que colocará como memória, além de oferecer a oportunidade de o sujeito ocultar os pontos negativos de sua trajetória. De acordo com Le Goff (1990), o monumento¹⁰⁰ é um conceito que

[...] sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1990, p. 535).

Podemos entender que na perspectiva de Le Goff (1990), “Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” (LE GOFF, 1990, p. 110). Nesse caso, a afirmação corrobora com o que Alzira descreveu na obra ao afirmar que as memórias seriam fatos escolhidos pelos leitores como forma de classificar o que realmente gostariam que ficasse registrado tanto de modo documental como pela memória, ou seja, seria uma espécie de censura, que classificaria o que poderia ser posto em circulação em determinados momentos e segmentos da sociedade.

Outra forma de defender a perpetuação da memória descrita na obra foi pelo testemunho de “tempos passados que faz de você objeto precioso” (LOPES; BERGE, 1993, p. 18). Ao defender o testemunho como forma de veicular as experiências vivenciadas na vida, relaciona-se com o conceito de documento/monumento empreendido por Le Goff (1990) de que “todo

¹⁰⁰ Le Goff conceitua como herança do passado.

documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta” (LE GOFF, 1990, p. 443).

Ao instruir os leitores como deveriam classificar e publicizar suas memórias, cabe observarmos como de forma consciente a leitura seria uma maneira pela qual Alzira usava educar. Em suas palavras, “Sabemos que ler é um meio de ampliar as fronteiras da vida, para quem tem a paixão pela leitura. [...] a leitura é, seguramente, o antídoto do sentimento de envelhecimento” (LOPES; BERGE, 1993, p. 24). Nesse caso, a obra tinha justamente esse argumento de se consolidar como um movimento necessário para evitar os sinais do envelhecimento, estando próximo com o que o público leitor buscava discutir, denominando inclusive a leitura como um vício impune, pois servia como incentivo para que os leitores procurassem educar-se por meio da leitura e assim pudessem estar preparados para o enfrentamento de qualquer desafio.

Por meio da atuação educacional de Alzira e dos impressos e palestras, é possível observarmos que a consideravam participante tanto do campo educacional como intelectual. Esse movimento fica evidente na forma como suas obras eram prefaciadas.

No decorrer do segundo capítulo, algumas palavras como ajustamento são utilizadas com frequência, quase sempre atreladas à ideia de maturidade como alternativa para ajustar-se ou viver em determinada realidade. Nesse sentido, pensar a formação social sob esse prisma nos oferece o entendimento de como esse ajustamento ou alinhamento com os moldes socialmente postos em circulação servia também como modo de manutenção do *status quo*.

Ela apresenta também a ideia de que o sujeito interage e integra uma determinada cultura aceitando-a ou até mesmo transformando-a. Com base em Durkheim, podemos entender essa relação do indivíduo com a cultura “como uma dimensão da personalidade social dos indivíduos que se constitui por meio da interiorização e reprodução dos modelos e valores necessários para a manutenção da ordem social” (DURKHEIM, 1978, p. 56).

Um movimento interessante de ser observado é que ao longo da obra ela traz a visão de diferentes médicos e autores acerca do que se entendia por velhice, inclusive indicando obras que poderiam complementar o entendimento do leitor acerca dessa temática. Em muitas discussões, ela afirma como o meio e o capital cultural mobilizados pelos idosos e pela sociedade para entender

essa fase da vida eram necessários para que houvesse ampliação significativa da qualidade de vida deles. Referimo-nos aqui ao conceito de capital social ancorado em Bourdieu (1987) que afirma:

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos. (BOURDIEU, p. 1987, p. 4).

Ao descrever como o meio cultural influencia na criação do conceito de velhice, ela deixa implícito como obras e discussões postas em circulação funcionavam como dispositivos para inculcar na vivência coletiva certos princípios e posicionamentos que seriam necessários à compreensão do fenômeno de envelhecimento. Desse modo, mediante a cultura escrita, ela poderia atuar como disseminadora de uma educação que preparasse para a compreensão da velhice, desde a perspectiva biológica até a religiosa, por meio da difusão dos princípios católicos.

Uma temática presente na obra e que merece uma atenção é a mudança do espaço ocupado pelos homens que, antes da aposentadoria, ocupavam preferencialmente o espaço público e com o advento do envelhecimento e o afastamento do trabalho passam a ocupar com mais frequência o espaço privado, lugar que era essencialmente das mulheres. Essa mudança de ocupação demonstra uma mudança significativa na atuação dos homens no espaço público com a velhice. Nesse sentido, ela discute que tal mudança significava para os homens depressão, frustração e outros sentimentos negativos. Já para as mulheres, destaca que continuam ocupando o ambiente doméstico, as tarefas caseiras, bem como atividades sociais comunitárias e também a valorizar mais seu conhecimento interior do que a aparência física. Essa modificação de espaço só é percebida e relatada

quando se tratava dos homens, pois a maioria das mulheres foi posta no ambiente doméstico e cuja atuação na esfera pública só era pensada em casos de atividades de assistencialistas. De acordo com Pinsky (2014), “O aumento da participação feminina nos serviços de consumo coletivo (enfermagem, medicina, magistério, funcionalismo burocrático, assistência social, etc.) se dava de forma crescente” (PINSKY, 2014, p. 177) e o casamento e a família constituíam-se como primeiro plano na vida de muitas mulheres entre os anos de 1970 e 1980.

Quanto à preocupação com a aparência física, descrita com bastante ênfase pela autora em outras obras, nessa ela destaca que as mulheres na velhice tendem a romper com esse compromisso social de manterem “boa aparência da esposa sendo um atributo essencial para a ‘felicidade conjugal’” (PINSKY, 2014 p. 225).

A preocupação física e o uso de cosméticos eram descritos na obra como uma atividade feminina e que, a partir do envelhecimento, muitos homens começaram a participar de momentos de autocuidado, o que seria uma maneira de se atentarem ao envelhecimento. Outro problema apresentado pela autora era a competição feminina entre mães e filhas, já que primeira, com receio do envelhecimento, tentava copiar roupas e comportamentos da filha como modo de reagir ao processo de envelhecimento. Essa problemática levantada pela autora acende outra discussão sobre como em cada fase de vida havia comportamentos estabelecidos socialmente e que conforme esses princípios as mulheres deveriam modular sua aparência, vivência e até ideias para serem aceitas na sociedade sem nenhum estigma preestabelecido.

Ela descreve que, durante a juventude, a mulher que desejaria ocupar o mercado do trabalho deveria manter o equilíbrio entre o matrimônio e o exercício profissional e que sua missão e compromisso com o lar não terminaria nem com o casamento dos filhos. Nesse sentido, podemos analisar como a dedicação das mulheres deveria ser feita quase que exclusivamente aos filhos e ao marido e apesar de descrever que deveria haver equilíbrio entre os papéis, podemos ver que o fardo maior no que se referia à educação dos filhos e cuidados com a casa ficaria a cargo das mulheres.

É possível vermos uma contextualização de sua obra com o contexto social da época ao passo em que ela relata problemáticas que foram se

consolidando nos anos 60 até a década de 1990, como o uso excessivo de álcool, drogas e cigarros, por exemplo, além das doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids, que se instalaram na sociedade com a falta de conscientização e ações governamentais mais contundentes, problemas que afetariam de modo significativo a qualidade de vida do sujeito ao ingressar na terceira idade.

Ela defende a ideia de que uma velhice saudável e feliz se dá como consequência de uma concepção desejada, atribuindo novamente sobre a mulher a função maternal. Tal responsabilidade não era endereçada aos homens na mesma proporção em que era posta para as mulheres.

Nesse sentido, a família moderna buscava se manter no molde patriarcal, focada na monogamia e no matrimônio como forma de consolidar e manter a estrutura familiar conservadora. Nesse caso, a família tinha proteção e regulamentação do Estado por meio do casamento e os que fugiam dessa regra permaneciam marginalizados, característica presente nos escritos de Alzira. Observa-se que de maneira expressiva entre a década de 1980 e 1990 houve um crescimento de crianças e mães solo, o que de acordo com Marin e Piccini (2009) acabou tendo reflexo na legislação, pois a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 226, inciso IV, definia a família como “entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988), apresentando, nesse caso, mesmo que de forma tímida, a representatividade das famílias monoparentais.

De acordo com Marin, Donelli, Lopes e Piccinini (2009), as mudanças em decorrência das novas configurações familiares vinham ocorrendo nas sociedades ocidentais

[...] em especial aquelas que deixam a família a cargo de um só progenitor, constituem um significativo, reordenamento do sistema familiar. Constata-se um número cada vez maior de famílias uniparentais, que têm na maioria dos casos, a mãe como progenitor responsável. (MARIN; DONELLI; LOPES; PICCININI, 2009, p. 2).

Caberia entender nesse caso como a ocupação das mulheres no cenário social demonstraria como as relações estruturais de dominação eram postas na perspectiva de Bourdieu (2015), especialmente as de ordem

[...] sexual se deixa realmente entrever a partir do momento em que observamos, por exemplo, que as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um ministério etc.) têm que “pagar”, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor “sucesso” na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos etc.) e na economia de bens simbólicos [...] (BOURDIEU, 2015, p. 126).

Pensando na mulher como principal responsável pela prole, tanto do ponto de vista biológico como social, cabe explorarmos como era a realidade das famílias parentais e compostas por mães solteiras. “Ela banca a vida sozinha, muitas vezes com filho pequeno, e é considerada pelo social como uma batalhadora, mantenedora do lar, que merece respeito de todos” (PINSKY, 2018, p. 556).

Há alguns indícios que refletem que Alzira escrevia privilegiadamente para a elite à medida que ela cita comportamentos e experiências que seriam características de tal classe social, como ao mencionar que na velhice os indivíduos deveriam manter viagens, encontro com amigos, estudos e leituras. “Faça caridade construtiva. Integre-se em atividades sociais, culturais, sobretudo transmita aos seus e a quantos puder que viver vale a pena. [...] ser velho, muito mais do que uma questão física, é questão de saúde mental e espiritual” (LOPES, 1993, p. 36).

Nesse caso, ao reforçar a necessidade de um preparo espiritual e difundir com frequência os valores cristãos em sua escrita, há o indicativo de que os idosos assumiriam a função de levar os princípios religiosos para diferentes públicos por meio das viagens e ajudas humanitárias, trabalho que ela desempenhava em outra fase da vida já na terceira idade. Todas essas questões de viagem e auxílio não era uma realidade viável a toda a sociedade brasileira, o que pode ser pensado como um reflexo de uma escrita de si, endereçada a um grupo social privilegiado, ao qual ela pertencia.

Outro fator que deixa evidente com qual público que ela buscava diálogo é a recomendação da adoção de uma alimentação balanceada, dividida em grupos alimentares e com acompanhamento médico e nutricional para a obtenção de uma velhice saudável. Esse comportamento que não era acessível à massiva parte da população, já que durante as décadas de 1980 e 1990, momento de escrita e circulação da obra, o Brasil passava por uma expressiva crise econômica, que causou o aumento de pobreza e da fome no

país em decorrência da alta inflacionária e do crescente desemprego. De acordo com os dados do Fipe¹⁰¹, naquela época, a inflação experimentada no país foi superior a 233% ao ano e posteriormente, entre os anos de 1990 e 1999, a variação anual saltou para 499%.

Um destaque da obra é a forma objetiva e clara como ela discute sobre a sexualidade dos idosos, temática que traz à tona as representações sociais dos idosos na sociedade brasileira na década de 1980 e início de 1993, data da publicação da obra.

O livro, em comparação com os demais analisados, traz uma discussão sobre a sexualidade e especificamente sobre as problemáticas que envolviam o consumo da pornografia e as implicações morais que decorreriam de tal prática. Ela atribui a incompatibilidade sexual dos idosos à falta de uma sinergia no casamento, aspecto criado ao longo dos anos. Nesse sentido, volta-se o discurso quanto à necessidade de um aprofundamento da mulher na relação desde a juventude, para que na velhice pudesse se complementar, já que frequentemente ela estaria gerindo a vida privada do casal e esse campo de atuação fazia com que seus esforços devessem estar com foco no marido e nos filhos.

Outro fator destacado por ela sobre a posição da mulher no casamento e que interferia significativamente na forma como ela viveria na velhice tinha a ver com a posição dela no mercado de trabalho, que tendia a ser menor em comparação com os homens e com uma remuneração baixa se avaliado em relação ao mundo masculino. Essa disparidade entre salários reacende a discussão de como a mulher era, e ainda continua ocupado um espaço marginalizado em um cenário trabalhista, desempenhando as mesmas posições ou qualificações que os homens e em frequentes casos sendo remuneradas de forma desfavorável. A autora apresenta que essa situação comprometeria a aparição da mulher na vida pública em decorrência de uma viuvez, já que o salário que ela receberia, fruto de seu trabalho, era infinitamente menor que o acumulado pelo marido, tornando a participação dessa mulher em festas, eventos e aparições públicas mais difícil. Apesar de anunciar essa problemática, Lopes (1993) não descreve nenhuma forma de

¹⁰¹ Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.

enfrentamento dessa situação e nem os motivos pelos quais levam a mulher a abster-se de sua vida pública pela marginalização social sofrida em comparação com os homens.

Mesmo na velhice, é possível vermos na obra traços de que o homem continuaria a ser o provedor do lar, construto difundido na sociedade brasileira. Teruya (1989) destaca que nesse período a família que se consolidava nos moldes

[...] patriarcal foi tomada como 'civilizadora', ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma ordem social que seria, de outra maneira, desorganizada e anômica, sendo as outras organizações familiares possíveis, "apêndices" e complementos daquela estrutura patriarcal. Esta ideia acabou ocupando também, todos os espaços possíveis de compreensão da sociedade brasileira, e marcou todo um período de produção acerca do tema. (TERUYA, 2000, p. 51-73).

Em diversos momentos da obra, ela tece palavras, frases ou até mesmo princípios que declaravam sua fé católica e como se mobilizava para a difusão e publicização desses ideais. Há indícios de princípios que seriam bem-vistos para a fé católica, como bondade, pureza, amor, entre outros, e ela cita ainda alguns comportamentos e sentimentos que seriam reprovados pela religião por despertar o egoísmo humano. Esses ideais difundidos por ela deveriam ser ensinados desde a infância, para que as crianças crescessem de modo adequada, de acordo com os princípios firmados pela comunidade católica e o projeto de construção social pensado por eles para a sociedade brasileira.

Também é possível visualizar como Alzira circulou em um cenário nacional e internacional, pois ela relata que viajou para diversos países em função da difusão de seu trabalho frente à *Escola de Pais do Brasil*. Perrot (2014) destaca que as mulheres estão em movimento e que "movem-se, deslocam-se e viajam" (PERROT, 2014, p. 26), colocando-se em circulação e cujas ideias são postas no espaço público.

Lopes (1993) desperta uma discussão importante de como é a visibilidade do idoso frente ao mercado de trabalho. Ela discute alguns conceitos que versam sobre o que seria a aposentadoria e os pontos positivos trazidos por esse afastamento do mercado de trabalho. De modo discreto, inculca a ideia de que a partir desse afastamento das atividades laborais o idoso perdia seu valor produtivo para a sociedade capitalista. Nesse sentido,

ela apresenta os argumentos elaborados por Ana Aslan¹⁰² para definir que na juventude deveria haver essa preocupação de sempre deixar-se disponível para que a capacidade criativa, produtiva e trabalhadora se afluísse. Como argumento, ela dizia que isso traria mais vigor para esses jovens na velhice, o que nos leva a entender tal discurso como uma manobra de reafirmar a necessidade de serem sempre produtivos para que houvesse prosperidade do capital.

Alzira profere a ideia de que as instituições das quais foi fundadora, como o Instituto da Família e a EPB, formavam os jovens e idosos para compreenderem a terceira idade como modo de agir de maneira adequada sobre essa fase e os desafios por ela experimentados. Outro fator que ela cita para cooptar o leitor para as temáticas ali tratadas é a sensação de que todas as discussões ali trazidas estavam sendo postas nos moldes daquele período, o que é ilusório, já que muitos desses discursos e valores postos em circulação perduravam desde os anos de 1950, principalmente no que se referia aos papéis sociais desempenhados pela mulher no âmbito familiar e na sociedade como um todo.

Isso fica evidente em um discurso em que ela utiliza como fundamentação teórica o pensamento de Simone de Beauvoir, que descreve que o amor seria feito a partir de Elã e para isso seria necessário “morrer para si mesmo e esforçar-se para desenvolver, por um lado, sua capacidade de admiração pelo cônjuge e, por outro, seu potencial de despojamento de si” (LOPES, 1993, p. 73). Esse lugar de submissão a que ela se refere seria o campo de atuação preferencialmente feminino em que todos os esforços eram necessários tanto para a garantia de uma boa educação para os filhos como para a boa vivência no âmbito conjugal.

O último capítulo é destinado para a discussão do desenvolvimento espiritual. Em contraste com outros textos por ela publicados, nesse ela destacava com mais ênfase essa temática e sem rodeios. No início do capítulo podemos ver esse indício à medida que ela discute como o homem é a imagem e semelhança de Deus e busca em toda a sua existência chegar a esse ser supremo. Essa afirmação coloca em voga o discurso bíblico de que os

¹⁰² Descreve-a como médica e cientista, possivelmente como uma estratégia de legitimar o discurso trazido por ela.

comportamentos deveriam ser modulados de acordo com os princípios impostos pela religião cristã e, nesse caso, o papel da educação seria o de guiar os rumos para que essa vivência ocorresse. No caso do livro, seria uma das formas informais de colocar esse modo de educar em voga e circular esse ideário para um público amplo.

As palavras *sagradas escrituras, força espiritual, presença de Deus* e outras escritas por ela no capítulo reafirmam esse compromisso educativo religioso que a obra se propunha. Ela apresenta a experiência de um movimento¹⁰³ promovido por párocos, bispos e leigos, empreendido na França, como meio de oferecer um ambiente de discussão espiritual para a terceira idade. Ao trazer a discussão de que se fazia necessário esse projeto no Brasil, ela apresenta a fala do Papa João Paulo II sobre a necessidade de a Igreja desenvolver uma pastoral que se ocupasse do cuidado espiritual da terceira idade. Podemos ler esse movimento também como uma estratégia de difusão da fé católica e ampliação de seus fiéis, tendo em vista que o número de idosos alcançava um aumento gradual.

Ela apresenta ainda as discussões tecidas em torno do Concílio Vaticano II, trazendo que a Igreja deveria oportunizar momentos de interação social entre os fiéis, o que traria muitos benefícios para a difusão e a ampliação tanto do laicato católico como do apostolado.

Como forma de concluir a obra, ela utiliza um trecho do Livro do Apocalipse, que diz: “Já não terão fome nem sede, nem o calor os abrasará, porque Cordeiro que está no trono será o seu pasto e os levará à fonte de água viva; e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos” (LOPES, 1993, p. 112). Podemos perceber como a escolha do último livro da Bíblia para finalizar a obra teve uma relevância importante para todos os aspectos que ela discutiu, como a própria velhice sendo o último capítulo da trajetória humana e como era necessário que o leitor obtivesse uma contínua experiência espiritual para que ao fim tivesse a aprovação divina.

Para diferenciar das demais obras, ela finaliza com a publicação de alguns poemas que traziam à tona o ideário cristão, como uma estratégia de sensibilização para a importância desta educação voltada para o

¹⁰³ Movimento ascendente descrito por Alzira.

aperfeiçoamento espiritual dos sujeitos. É válido lembrar que no Brasil a população majoritariamente católica/cristã permitia que a obra tivesse ampla circulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na trajetória de uma personagem é uma tarefa muito desafiadora, principalmente quando nos deparamos com a ausência de fontes imprescindíveis para que fosse possível uma melhor apreciação do objeto. Nesse sentido, pensar a trajetória de Alzira Lopes por meio da história intelectual possibilitou olhar como a educadora mobilizou diferentes estratégias de circulação para suas ideias serem disseminadas em um panorama nacional e internacional.

Assinalamos como objetivo da pesquisa compreender o projeto de educação familiar veiculado por Alzira Camargo Lopes a partir de sua atuação na *Escola de Pais do Brasil* e em seus escritos publicados entre os anos de 1987 a 1994 pela Paulinas. Atentamo-nos, especialmente, para a contribuição da intelectual no campo educacional brasileiro, apesar de ao longo da pesquisa as fontes demonstrarem que ela circulou em diversos países da Europa e da América Latina, com o propósito de ampliar o seu espaço de atuação, seja ele com o público em geral ou com organizações e instituições que tinham envolvimento com questões educacionais pelo mundo, como a Unicef, por exemplo.

O recorte temporal da pesquisa estabelecido a partir da abertura da *Escola de Pais do Brasil*, em 1963, possibilitou a compreensão de como por meio de seu envolvimento com a Instituição Alzira Lopes mobilizou o capital simbólico e cultural da referida escola para se colocar em circulação.

A tese que defendemos é que por meio de um projeto voltado para a educação das famílias, Alzira Camargo Lopes foi se consolidando como uma intelectual que produziu, sob a ótica católica, obras que buscavam orientar as famílias, sobretudo as mães, em relação à vida conjugal e à educação dos filhos dialogando com as questões do seu tempo, mas salvaguardando a conservação de alguns valores caros para o catolicismo. Além disso, o engajamento e militância no projeto lhe permitiu uma circulação expressiva na vida pública, a produção de um lugar de fala autorizado e a participação na produção intelectual da educação por meio de uma instituição que lhe dava projeção e mecanismos necessários para que suas ideias fossem propagadas.

Observamos que, ao longo de sua trajetória, tanto os jornais como as obras destacavam, além das experiências pessoais e profissionais acumuladas pela autora, seus valores, sobretudo religiosos e familiares, os quais eram traduzidos em suas produções, já que a intelectual aconselhava seus leitores sobre os melhores caminhos para a educação de seus filhos.

Identificamos ainda que as estratégias e táticas empreendidas pela intelectual serviram de legitimação de seus discursos e ampliação do seu público, das quais destacamos a produção de livros como modo de garantir seu espaço no campo educacional também pela produção impressa, ao mesmo tempo em que legitimava sua atuação na *Escola de Pais* do Brasil, tornando-se uma intelectual influente tanto no campo da educação quanto da religião. Por isso, aos poucos, ela foi se tornando uma figura emblemática para colocar em discussão assuntos do interesse social a partir da ótica católica.

Observando as fontes coletadas na pesquisa, consideramos que a intelectual circulou em diferentes espaços, educando por meio de jornais, rádios, revistas e, por fim, com suas obras.

Pudemos compreender ainda como ela foi mobilizando seu capital cultural e simbólico a fim de tecer relações e redes de sociabilidades que fizessem com que ela estivesse em diferentes espaços, produzindo discussões variadas. Um exemplo dessa ampla circulação com diferentes personagens é a relação cunhada com o padre canadense Paul-Eugène Charbonneau, com quem teve uma extensa relação de trabalho e diálogo, ao mesmo tempo em que dialogava com Geisel e outras figuras políticas que inclusive representavam pontos de tensão com uma parte do campo religioso envolvido com a *Escola de Pais* do Brasil. Nesse sentido, Alzira se fazia como mediadora entre o Estado e a Igreja e o que nos parece é que servia como ponto de diálogo e até mesmo de proteção para seus amigos que não eram simpatizantes do governo militar.

Tivemos também como foco privilegiado dessa pesquisa a análise de seus livros: *Pais educando para os anos 2000*; *Casa de pais, escolas de filhos*, *Como ter filhos saudáveis e sadios* e *Como viver feliz os 100 anos*, compreendendo-os como parte de um projeto de educação familiar empreendido por uma intelectualidade católica, especialmente endereçado às

mulheres, para que estas pudessem atuar na educação e no direcionamento de sua família dentro de uma perspectiva católica de família e sociedade.

Alzira colocava em circulação o conservadorismo católico de definição do que seria esperado da mulher na sociedade e da importância de esta buscar educar-se espiritual e moralmente para que pudesse colocar essa educação em prática em seus lares. Apesar de as obras terem sido publicadas nos anos 80 e 90, observamos que ela ainda carrega seu discurso fortemente ancorado com os princípios cristãos e o ideal de mulher difundido entre os anos de 1950 e 1960, o que nos faz entender como os papéis femininos se modificaram paulatinamente.

Outra leitura possível por meio da análise das obras é o entendimento de como ao escrever para educar as mulheres surgia uma espécie de protagonismo feminino na educação dos filhos, que ocorria no ambiente doméstico, fazendo recair sobre elas a missão de educar os futuros dirigentes da nação de acordo com os princípios postos pelo Estado e pela Igreja.

Parece-nos que ao longo do tempo ela foi produzindo as obras que serviam de subsídios para o público que a acompanhava pela *Escola de Pais do Brasil*, com temáticas que iam desde a educação dos filhos até os referentes aos problemas e desafios enfrentados na velhice, temática que pudemos ver muito de si na obra, já que suas experiências e sentimentos foram amplamente sinalizados nessa escrita.

Mediante as obras aqui analisadas, pudemos perceber um ideário pedagógico e um conjunto de saberes produzidos e endereçados às famílias brasileiras. Com isso, destacamos a presença de uma intelectual da educação reconhecida por seus pares como tal, uma agente competente no campo da produção e da mediação cultural, uma mulher que fez o jogo político, estabeleceu redes importantes com outros intelectuais, articulou uma educação fortemente calcada nos princípios do catolicismo em diálogo com as contribuições do campo científico, formou gerações e se manteve na cena pública ao longo de mais de oitenta anos. Todavia, sua história ainda não fazia parte da História da Educação no Brasil e apesar das contribuições trazidas nessa pesquisa, muito ainda há para ser discutido sobre a atuação de Alzira Camargo Lopes no campo educacional brasileiro, sobretudo, atentando-se para os possíveis intercâmbios culturais por ela mediados relacionados às

experiências por meio da execução do movimento da *Escola de Pais* do Brasil e das demais organizações de educação familiar projetadas por elas em outros países.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 66-85, 1994.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores associados, 2007.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

ALMEIDA, Jane Soares de. A destinação das mulheres para educar meninos e meninas: como são construídos os paradoxos históricos. **Educação & Linguagem**. n. 18 jul./dez., 136-148 p, 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/111/0>. Acesso em: 13 maio 2021.

BANDEIRA, Laís. **A educadora, psicóloga e intelectual Madre Cristina Sodré Dória e a sua atuação na educação das famílias (1916-1974)**, 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019.

BÍBLIA, A. T. 1 Coríntios. *In*: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BRASIL. **Projeto de Lei para a criação do instituto da família (SR. Són Borges dos Reis PTB/SP)**, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Henllyger Estevam David. **A obra de Ofélia Boisson Cardoso na coleção biblioteca de educação: educação familiar e moral católica em um projeto intelectual**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Conversa e história de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História da gente brasileira: volume 4: República-Testemunhos (1951-2000)**. São Paulo: LeYa, 2019.

DURKHEIM, Emile. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1978.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia** 1. ed. Lisboa: Editora 70. 1999.

ESTEVES, Flávia Cassino. **Revistas Femininas: manuais de comportamento para a mulher do Século XXI**. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FALCÃO, Djalma. **As relações intergeracionais nas famílias contemporâneas: a evolução do pensamento da Escola de Pais do Brasil**, Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, 2010.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Direitos da pessoa idosa: sociedade, política e legislação**, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de->

estudos/outras-publicacoes/volume-v-constituicao-de-1988-o-brasil-20-anos-depois.-os-cidadãos-na-carta-cidada/idoso-pessoa-com-deficiencia-crianca-e-adolescente-direitos-da-pessoa-idosa-sociedade-politica-e-legislacao. Acesso em: 23 abr. 2022.

GRECO, Dirceu B. A epidemia da Aids: impacto social, científico, econômico e perspectivas. **Estudos Avançados**, 2008, v. 22, n. 64, p. 73-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000300006>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Apresentação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Periódicos (1930-1990). Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 3 dez. 2020.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da metafísica dos costumes**. São Paulo: Edições 70, 2009.

OTTO, Klineberg. Prefácio. *In*: LOPES, Alzira. **Como ter um filho sadio e feliz**. São Paulo: Paulinas, 1988.

KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales Magalhães. **Práticas de leitura: a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação Carlos Gomes em Campinas (1951-1976)**. 2016. 1 recurso online (270 p.). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000974243>. Acesso em: 3 abr. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LONGO, Cristiano da Silveira. Ética disciplinar e punições corporais na infância. **Psicologia USP**, n. 14, v. 4, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000300006>. Acesso em: 7 maio 2022.

LONGO, Cristiano da Silveira. A permanência no Brasil de discursos ético-pedagógicos-disciplinares favoráveis às punições corporais domésticas na infância. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, n. 2, v. 22, p. 9-21, jul./dez., 2004. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14284/1/2004_art_cslongo.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guaraci. Mulheres nas salas de aulas. *In*: PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

NEVES, Carla Villanova; MAGALDI, Ana Maria de Mello Bandeira. Valores católicos e profissão docente: um estudo sobre representação em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950). **Revista brasileira de história da educação**, n. 15, set./dez., p. 99-115, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/38610-Texto%20do%20artigo-171431-1-10-20170802.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

NICARETA, Samara Elisana. **Para serem bem-comportadas? Imagens de mulheres em livros escolares de autoria feminina (1889-1945)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). **Educar em Revista**, n. 2, p. 203-220, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k7hXR65Jck6DcfbsLbZhbry/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas**. v. 13, n. 2, p. 363-365, 2005 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 12 dez. 2005.

MAGALDI, Ana Maria B. M. **Lições de casa**: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. 2001. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; CUNHA, Maria Teresa S. Lições para mães e famílias: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. *In*: MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C. (org.). **História e educação**: dialogando com as fontes. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2010.

MARQUES, Emanuele Souza; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; PRIORE, Eloiza Silvia. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Trz3GfpjZvBfGT3BfFygs4v/?lang=pt#> Acesso em: 3 jun. 2022.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania de. **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 24-43.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. “**Educar-se para educar**”: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias

através de impressos (1936-1964). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Maria Junqueira Schimdt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. *In*: ORLANDO, Evelyn de Almeida (org.). **Histórias da Igreja Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017. p. 119-140.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A bandeira e a Cruz” caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt, Curitiba, **Educar em Revista**, n. 65, p.103-118, jul/set. 2017. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/er/a/cm9zgNgcsznvrPf7vDT7Gcf/?lang=pt>> Acesso em 11 ago. 2022.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. 2. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. “O nó e o ninho”, **Veja 25**: reflexões para o futuro. São Paulo: Abril,1993.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minhas histórias das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. O gênero da cidade. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 50, p. 23-44, jan./jun. 2014. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/27517>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. *In*: DEL PRIORE. Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-639.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis. *In*: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 513-544.

SANTOS, Bárbara da Silva. **Paul – Eugène Charbonneau**: um intelectual-monumento na história da educação católica no Brasil (1959-1987) 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.

SANTOS, Bárbara da Silva; ORLANDO, Evelyn de Almeida. Religião, Educação e Política na trajetória intelectual do padre Paul Eugene

Charbonneau. **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 3, n. 8, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/67450>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19-50, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/990>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SILVA, Maria Aparecida Alves da. **Alforria pelo sensível**: corporeidade da criança e formação docente. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. 254f.

SILVA, Maryahn Koehler. **Ensino normal**: da formação da professora à formação da mulher, esposa e mãe. 2013. 143 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma História política**. Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-169.

SKRUSINSKI, Joana Gondim Garcia; Orlando, Evelyn. de Almeida. Marguerite Vérine-Lebrun, Maria Junqueira Schmidt e o projeto de educação das famílias em circulação entre França e Brasil. **Educação: Teoria e prática**, v. 20, p. 63-82, 2019.

SKRUSINSKI, Joana Gondim Garcia. **Maria Junqueira Schmidt**: Um projeto de fé em favor da família. Curitiba: Appris, 2020.

SOIHET, R. História das Mulheres. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 263-283.

SOUZA, Neuza Fonseca de. **A vida do bebê**: Ensinado a ciência de ser mãe. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. Associativismo feminino e participação política: um estudo sobre as bases sociais de apoio à ditadura militar em Curitiba (1964-1985). **Estudos históricos**, n. 65, v. 31, set./dez., 2018. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862018000600389&script=sci_arttext. Acesso em: 7 maio 2021.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. *In*: **XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambú, 23-27out. 2000. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1041/1006>. Acesso em: 22 ago. 2021.

THOMPSON, Edward. Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. Palmer. "The Politics of theory". *In*: SAMUEL, Raphael (ed.). **People's history and socialist theory**. London: Routledge, 1981. p. 191.

VELOSO, Geisa Magela. Escola e família no projeto republicano: educar a mulher para educar a criança (1918-1938). **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 3, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/educacaoemperspectiva/article/view/6539/2688>. Acesso em: 30 out. 2016.

VENANCIO, Sônia Isoyama; MONTEIRO, Carlos Augusto. A tendência da prática da amamentação no Brasil nas décadas de 70 e 80. **Revista Brasileira Epidemiológica**, v. 1, n. 1, abr. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/W9kXDzCrgnnc444MVLd9mvc/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022.

FONTES

CORREIO BRASILIENSE. Brasília, 20 out. 1965, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 jan. 2022.

CORREIO BRASILIENSE. Brasília, 29 fev. 1968, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 jan. 2022.

CORREIO RIOGRANDENSE. Rio Grande do Sul, 7 set. 1983, p. 16. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

CORREIO RIOGRANDENSE. Rio Grande do Sul, 24 out. 1984, p. 9. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

CORREIO RIOGRANDENSE. Rio Grande do Sul, 18 out. 1985, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

CORREIO RIOGRANDENSE. Rio Grande do Sul, 10 nov. 1993, p. 15. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

DATA SUS. **A Esperança de vida ao nascer**. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2000/a10.htm>. Acesso em: 15 maio 2022.

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro, 23 abr. 1964, p. 10. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 21 mar. 2022.

DIARIO DE NATAL. Natal, 17 jul. 1969, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 21 dez. 2020.

DIARIO DE NATAL. Natal, 8 jun. 1974, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 21 dez. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 23 mar. 1966, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 20 dez. 2021.

DIARIO DO PARANÁ. Curitiba, 12 maio 1966, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 19 mar. 2022.

DIARIO DO PARANÁ. Curitiba, 29 set. 1968, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 19 mar. 2022.

DIARIO DO PARANÁ. Curitiba, 29 set. 1968, p. 3. 2º cad. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 19 mar. 2022.

ESCOLA DE PAIS DO BRASIL. Juventude hoje, que família? **XXII Congresso Nacional da Escola de Pais do Brasil**. São Paulo: EPB, 1986.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Nota de falecimento**. São Paulo, 27 jun. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2706200515.htm>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Notícias utilizadas na obra de Alzira Lopes.

Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10683&anchor=4052628&origem=busca&originURL=&pd=9c30d9207d1e90d4acb54f38c0f0fc9f>. Acesso em: 15 maio 2022.

JORNAL A TRIBUNA. São Paulo, 4 abr. 1968, p. 3. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 23 dez. 2020.

JORNAL DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 25 maio 1982, p. 3. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 20 dez. 2021.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966, p.10. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 22 dez. 2020.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 12 maio 1969, p.7. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 22 dez. 2020.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 20 jul. 1971, p. 4. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 8 jul. 1973, p. 3. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 16 jun. 1979, p. 8. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 27 ago. 1971, p. 4. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 3 fev. 2022.

JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 13 maio 1972, p. 5. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504)

084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes. Acesso em: 3 fev. 2022.

JORNAL O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis. 1965, p. 8.

Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 jan. 2022.

JORNAL O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis. 23 abr. 1968, p. 2.

Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 jan. 2022.

LOPES, Alzira. **Mãe**. *Escola de Pais do Brasil*, [19--], p. 57.

LOPES, Antonio Fernando. **Antonio Fernando Lopes**. Disponível em:

<https://www.genearc.net/index.php?op=ZGV0YWxoZVBlc3NvYS5waHA=&id=NjAxOQ==>. Acesso em: 3 jan. 2021.

LOPES, Alzira. **Alzira Camargo Lopes**. Disponível em:

<https://genearc.net/index.php?op=ZGV0YWxoZVBlc3NvYS5waHA=&id=NjAyMA==>. Acesso em: 3 jan. 2021.

LOPES, Alzira. **Escola de Pais do Brasil**, [19--], p. 7.

LOPES, Alzira. **Escola de Pais do Brasil**, 1969, p. 4.

LOPES, Alzira. **Carta para seccionais da Escola de Pais do Brasil**, 1972.

LOPES, Alzira. **Escola de Pais**: uma grande experiência. São Paulo: *Escola de Pais do Brasil*, 1975.

LOPES, Alzira. **Escola de Pais do Brasil**. 1978.

LOPES, Alzira. **Educação e massificação**. *Escola de Pais DO Brasil*, 1979, p. 4.

LOPES, Alzira. Valores que valores? **XVI Congresso Nacional da Escola de Pais do Brasil**. São Paulo: EPB, 1984.

LOPES, Alzira. **Pais educando para os anos 2000**. São Paulo: Paulinas, 1987.

LOPES, Alzira. **Como ter um filho sadio e feliz**. São Paulo: Paulinas, 1988.

LOPES, Alzira. **Casa de pais, escola de filhos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

LOPES, Alzira. **Cómo tener un hijo sano y feliz. Colombia:** San Pablo, 1988. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=k0o5ehxNsMkC&pg=PA91&dq=Como+tener+un+hijo+sano+y+feliz+lopez&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjlx_mK28juAhXXIbkGH4gCMEQ6AEwAHoECAUQA#v=onepage&q=Como%20tener%20un%20hijo%20sano%20y%20feliz%20lopez&f=false. Acesso em: 21 dez. 2020.

LOPES, Alzira. **Como viver feliz seus 100 anos.** São Paulo: Paulinas, 1993.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 19 out. 1983, p. 18. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 8 dez. 1987, p. 16. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 14 ago. 1988, p. 15. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 17 nov. 2021.

REALIDADE. São Paulo, mar. 1970, p. 44. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=\[cache\]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=[cache]rosa_3984602504084.DocLstX&pasta=ano%20196&pesq=alzira%20lopes). Acesso em: 22 jan. 2022.